

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

NATASCHA RAMOS KLEIN

O PAPEL DO ESPORTE NO MUNDO ÁRABE

Porto Alegre

2022

NATASCHA RAMOS KLEIN

O PAPEL DO ESPORTE NO MUNDO ÁRABE

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Profa. Dr^a. Silvia Regina Feraboli

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Klein, Natascha Ramos
O Papel do Esporte no Mundo Árabe / Natascha Ramos
Klein. -- 2022.
95 f.
Orientador: Silvia Regina Ferabolli.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Ciências Econômicas, Curso de Relações
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Esporte e Relações Internacionais. 2. Mundo
Árabe. 3. Esporte e Integração Árabe. 4. Esporte e
Feminismo Árabe. 5. Internacionalização do Capital
Árabe. I. Ferabolli, Silvia Regina, orient. II.
Título.

NATASCHA RAMOS KLEIN

O PAPEL DO ESPORTE NO MUNDO ÁRABE

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, 05 de maio de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Silvia Regina Feraboli – Orientadora

UFRGS

Profa. Dra. Verônica Korber Gonçalves

UFRGS

Prof. Dr. Thomaz Francisco Silveira De Araujo Santos

UFSM

AGRADECIMENTOS

O TCC não é um monstro, mas também ele não é “só” um TCC. Para mim, ele é uma grande pesquisa, fruto de muita dedicação de tempo e energia em um tema que uniu duas paixões: Esporte e Mundo Árabe. Gostaria de agradecer à minha família: meu pai, Caio (por ter plantado a “sementinha” da paixão pelos eventos esportivos em mim), minha mãe, Simone (por ser minha maior protetora e por tentar me fazer relaxar em momentos de tensão) e minha irmã, Ágatha, por serem uma base firme, aqueles que acompanharam de perto o processo, que sempre acreditaram no meu potencial. Recordo-me das palavras de coragem e leveza de minha tia, Marília, no início da escrita do TCC, o que me incentivou a encarar o desafio de desenvolver uma pesquisa acadêmica junto com uma efetivação para trabalhar *fulltime* em comércio exterior. Obrigada, Mari! O desafio me tornou mais forte. Vó Lenira e Vô Lauro, a prioridade que vocês sempre colocaram nos estudos, à frente do tempo em que viveram, está muito marcada em mim. Amo vocês! Vô Saulo e Vó Solange, mais uma neta está se formando na UFRGS, que orgulho! Belle e Tarsila, presentes da UFRGS, os anos de faculdade não teriam sido os mesmos sem vocês. Estamos juntas, de 2016 para a vida! Ane, Carol e Matheus, obrigada por acompanharem os altos e baixos ao longo desses meses. Carolzita, te ter ali, compreendendo o que eu estava passando, foi um conforto em meio ao nervosismo e ansiedade. Que baita amiga que encontrei. Não posso deixar de agradecer ao André: nossas sessões de terapia foram, verdadeiramente, uma luz em meio ao caos; obrigada por “pegar junto” e compreender o significado que este TCC tem para mim. Agradeço à Nathi Ferreira também, por ter sido uma parceira leve durante o verão em que tive que equilibrar as demandas do TCC com a prática de esportes e a vida social. Ufa! Registro aqui o meu muito obrigada à minha querida professora orientadora: Silvia, teus ensinamentos em sala de aula sobre o Mundo Árabe me inspiraram (e muito) a propor coisas novas, a pensar “fora da caixa”. Obrigada pela confiança, esta pesquisa ainda tem muito “chão” a percorrer! Agradeço ao professor Thomaz pelas dicas iniciais, e às pessoas entrevistadas na pesquisa, sou muito grata por terem trazido experiências reais a um trabalho acadêmico. Por fim, deixo marcado o meu agradecimento à “mãe UFRGS”, instituição que amo e valorizo. Tenho muito orgulho da educação pública de qualidade que recebi, quando me engajei em projetos como o UFRGSMUNDI, promovendo o pensamento crítico de jovens gaúchos e me proporcionando muito crescimento pessoal e profissional. Vida longa!

RESUMO

A presente monografia, inserida na área temática de instituições e regimes internacionais, estuda a relação entre esporte e Relações Internacionais (RI) aplicada ao contexto do Mundo Árabe. Objetiva-se discutir o papel que o esporte desempenha nas RI a partir de um estudo de caso no Mundo Árabe, em termos de sua relevância em dinâmicas políticas, sociais e econômicas específicas da região. Trabalha-se com uma hipótese tripartite: no contexto político de integração regional árabe, o esporte não é pauta muito debatida na agenda de cooperação da Liga Árabe e do Conselho de Cooperação do Golfo, mas que tem potencial de crescimento e valorização graças à atual conjuntura da Copa do Mundo FIFA 2022, a primeira da história a ser realizada na região (no Catar, uma das monarquias absolutistas do Golfo). Quanto ao papel do esporte em dinâmicas sociais árabes, aprofunda-se a pesquisa na desigualdade de gênero, hipotetizando que o esporte participa, mas não consegue dar conta sozinho, da luta por representatividade feminina de mulheres árabes. Já no cenário econômico, o esporte tem papel preponderante na internacionalização do capital, por meio da compra de times e jogadores de futebol renomados por parte monarquias do Golfo, contribuindo, ainda, para o aumento do prestígio e seu poder (*soft*) internacional. Esses argumentos foram desenvolvidos e confirmados por meio de pesquisa bibliográfica aliada à pesquisa documental, sustentados pela abordagem teórica construtivista das Relações Internacionais. A monografia busca apresentar uma ótica diferente quando se estuda o Mundo Árabe, para além do discurso *mainstream* acadêmico e midiático, o qual é permeado por estereótipos sobre o papel das mulheres na sociedade árabe, e que foca em questões securitárias (conflitos e guerras civis), econômicas (exploração do petróleo) e em violações de direitos humanos na região. Aqui, explora-se uma nova ótica de estudos sobre o Mundo Árabe, que coloca o esporte como elemento central, trazendo pontos que suscitam discussões no campo das Relações Internacionais, propondo novas agendas de pesquisa e incentivando maiores debates e envolvimento esportivo por parte da comunidade árabe e internacional.

Palavras-chave: Esporte e Relações Internacionais. Mundo Árabe. Copa do Mundo FIFA. Esporte e Integração Árabe. Esporte e Feminismo Árabe. Internacionalização do Capital Árabe. Catar.

ABSTRACT

This work is placed in the International Relations (IR) field of studies on institutions and regimes, focusing on the connection between sports and IR. The goal is to discuss the role that sport plays in IR based on a case study of the Arab World, in terms of its relevance on specific political, social and economic dynamics of the region. A three-part hypothesis is presented: on regional-level politics, sport is not very present in the Arab League's and/or Gulf Cooperation Council's agendas. However, it is a theme with great potential of expansion and valorization due to the first ever FIFA World Cup to be hosted in the Arab World: in 2022 Qatar, one of the absolute monarchies of the Gulf, will stage this mega-sporting event. Speaking about sports and the Arab society, the research engages on gender (in)equality, arguing that sports plays a role, but, by itself, cannot lead the fight for Arab women's representation. Nevertheless, regarding economic dynamics, sports play a major role in the internationalization of Arab capital: by purchasing famous soccer clubs and players, the Gulf monarchies also work on their international prestige, contributing to gains of (soft) power. This undergraduate thesis is developed through research of primary and secondary sources, and the analysis is sustained by the constructivist theory of International Relations. It aims at bringing a different point of view to diversify approaches when studying the Arab World, going beyond the mainstream discourse of academic papers and the media, which is filled by stereotypes about women's role on Arab society and human rights' violations, besides focusing too much on security (conflicts and civil wars) and economic (oil exploitation) issues. Here we dig deep on a new lens of study on the Arab World, which places sports as a central element of the analysis, diversifying IR studies, proposing new research agendas and encouraging more debates on sports involving the Arab and the international community.

Key-words: Sports and International Relations. Arab World. FIFA World Cup. Sports and Arab Politics. Sports and Gender Equality. Internationalization of Arab Capital. Qatar.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADUG	<i>Abu Dhabi United Group</i>
AFC	<i>Asian Football Confederation</i> (Confederação Asiática de Futebol)
ATP	Associação de Tenistas Profissionais
BDS	<i>Boycott, Divestment, Sanctions</i> (Boicote, Desinvestimento, Sanções)
CAF	<i>Confédération Africaine de Football</i> (Confederação Africana de Futebol)
CCG	Conselho de Cooperação do Golfo
CFG	<i>City Football Group</i>
CONCACAF	<i>Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football</i> (Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe)
CONMEBOL	<i>Confederación Sudamericana de Fútbol</i> (Confederação Sul-Americana de Futebol)
COI	Comitê Olímpico Internacional
EAU	Emirados Árabes Unidos
EUA	Estados Unidos da América
FDI	<i>Foreign Direct Investment</i> (Investimento Direto Estrangeiro)
FIFA	<i>Fédération Internationale de Football Association</i> (Federação Internacional de Futebol)
ITF	<i>International Tennis Federation</i> (Federação Internacional de Tênis)
LA	Liga Árabe
MENA	<i>Middle East and North Africa</i> (Oriente Médio e Norte da África)
MINUSTAH	<i>Mission des Nations Unies pour la stabilisation en Haïti</i> (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti)
NUPRIMA	Núcleo de Pesquisa sobre as Relações Internacionais do Mundo Árabe
OEA	Organização dos Estados Americanos
OFC	<i>Oceania Football Confederation</i> (Confederação de Futebol da Oceania)
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OPEP	Organização dos Países Exportadores de Petróleo
PIF	<i>Public Investment Fund</i> (Fundo Público de Investimentos)
PSG	<i>Paris Saint Germain</i>
QSI	<i>Qatar Sports Investment</i> (Fundo Catari de Investimentos para Esportes)
RI	Relações Internacionais

UAFA	<i>Union of Arab Football Associations</i> (União de Associações Árabes de Futebol)
UEFA	<i>Union of European Football Associations</i> (União das Federações Europeias de Futebol)
UNICEF	<i>United Nations International Children's Emergency Fund</i> (Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância)
WPT	<i>World Padel Tour</i> (Circuito Internacional de Padel)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ESPORTE E INTEGRAÇÃO ÁRABE	23
2.1 O REGIONALISMO ÁRABE E O ESPORTE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	24
2.2 BOICOTES E DIPLOMACIA ÁRABE DO ESPORTE EM COMPETIÇÕES ESPORTIVAS INTERNACIONAIS	32
2.2.1 Países árabes e Israel	33
2.2.2 Rompimento de relações diplomáticas entre Catar e Marrocos em 2000	35
2.2.3 O futebol e a causa palestina	37
2.3 A ARAB CUP E OS JOGOS PAN-ÁRABES	38
2.4 A PRESENÇA DO ESPORTE NA AGENDA DE ORGANISMOS REGIONAIS ÁRABES	40
3 ESPORTE, IGUALDADE DE GÊNERO E REPRESENTATIVIDADE SOCIAL FEMININA NO MUNDO ÁRABE	44
3.1 A IGUALDADE DE GÊNERO E O FEMINISMO ÁRABE	45
3.2 O ESPORTE COMO REFLEXO DE PADRÕES SOCIAIS ÁRABES E PLATAFORMA PARA REPRESENTATIVIDADE FEMININA	51
3.3 O “MOSAICO” INTRA-ÁRABE NAS QUESTÕES DE GÊNERO E ESPORTE	58
4 ESPORTE, INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAPITAL E PRESTÍGIO INTERNACIONAL ÁRABE	60
4.1 PROJEÇÃO DE PODER (SOFT) INTERNACIONAL	60
4.2 A COPA DO MUNDO FIFA 2022 NO CATAR	63
4.3 SPORTSWASHING	71
4.4 INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAPITAL ÁRABE POR MEIO DA COMPRA DE TIMES E JOGADORES INTERNACIONAIS	74
4.4.1 Catar e Paris Saint Germain (PSG)	77
4.4.2 Abu Dhabi e Manchester City	78
4.4.3 Arábia Saudita e Newcastle United	79
5 CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS	85

1 INTRODUÇÃO

O Mundo Árabe, quando julgado sob o olhar ocidental, é permeado por pressupostos, estereótipos e imaginários. Certamente se pensa em questões como violência, conflitos, petróleo, religião, machismo, burca, deserto... Não é verdade?

Agora proponho uma reflexão: e o esporte? Tem algo a ver com o Mundo Árabe? A princípio, gera estranheza associá-los, porém há uma tendência de que a relação entre eles seja intensificada na mídia, nos governos e (espera-se) nos estudos da disciplina de Relações Internacionais (RI). Isso porque, em 2022, pela primeira vez na história, um país árabe sediará um dos maiores eventos esportivos do mundo: a Copa do Mundo FIFA. Esse marco inclui uma nova pauta às notícias sobre essa região do globo, as quais, geralmente, informam sobre preço do petróleo, escaladas de violência em países árabes e casos de machismo e opressão. Agora, o mundo olha para a região com os olhos do esporte, com curiosidade por acompanhar a preparação e os jogos da Copa e com questionamentos sobre como o Catar receberá milhares pessoas de outras culturas, que não a muçulmana, em seu território.

Nesse sentido, o esporte atuará como um promotor da mudança da visão internacional do Mundo Árabe, dialogando com o que este trabalho se propõe a explorar: uma nova ótica de estudos sobre a região que coloca o esporte como elemento central. Esta monografia trará pontos que suscitam discussões no campo das Relações Internacionais e maiores debates na comunidade árabe e internacional sobre um tema ainda pouco debatido em suas agendas.

Inserida na área temática de instituições e regimes internacionais, a presente monografia tem como tema esporte e RI. Sabe-se que grandes eventos esportivos são, por sua natureza, internacionais. São organizados por instituições multilaterais – dentre os mais conhecidos estão a FIFA (Federação Internacional de Futebol) e o COI (Comitê Olímpico Internacional). Atraem olhares e atenção da comunidade internacional – chefes de Estado e de governo, autoridades políticas, empresas e população em geral. Seja utilizando do nacionalismo para dar força a determinadas políticas, seja fazendo uso da imagem pública de atletas para determinado objetivo, seja patrocinando seleções e atletas em busca de visibilidade, seja acompanhando e torcendo, os atores envolvem-se com eventos de diferentes maneiras.

Em 2022, ano de escrita deste Trabalho de Conclusão, é o ano em que, pela primeira vez na história, um país do Mundo Árabe sediará uma Copa do Mundo FIFA. Mesmo não tendo uma relevância notável no futebol, o Catar encontrou benefícios por sediar um grande evento esportivo, como o aumento do turismo e do prestígio internacional (LAVIERI, 2021). Prestígio que, inclusive, já vem sendo buscado desde 2011, quando Nasser Al-Khelaifi, empresário

catari, assumiu a presidência da *Qatar Sports Investment*, agência do governo catari que, dentre outras funções, é proprietária do clube de futebol francês Paris Saint Germain (PSG). A partir de 2011, muitos dos melhores jogadores de futebol do mundo vêm sendo contratados por valores milionários para compor o time. Assim, o capital árabe, advindo da exploração do petróleo, vem se internacionalizando por meio do esporte (IGLESIAS, 2021). Nessa linha, alguns países do Golfo parecem estar buscando diversificar suas fontes de renda além do petróleo, como visto na recente aquisição do time inglês Newcastle United pelo *Public Investment Fund* (PIF) da Arábia Saudita. Como pano de fundo está o *sportswashing*, o uso do esporte para "lavar" especialmente a imagem de alguns atores do Mundo Árabe aos olhos ocidentais (SANTOS, 2021; KELSEY, 2021).

Também é interessante o estudo do papel do esporte em outras áreas, como a valorização dele pela cultura árabe. Há curiosidade em aprender sobre a realização de Jogos Pan-Árabes, competições regionais análogas aos Jogos Pan-Americanos na América; no futebol, como funciona a *Arab Cup*, competição regional entre nações árabes; em estudar se o esporte é fator de união ou de rivalidade na região. Existem diversas áreas que estimulam o processo de integração de uma região: motivações econômicas (reduzir alíquotas para facilitar trocas comerciais entre membros); motivações políticas (aproximação de objetivos e ideologias de governos vizinhos); motivações sociais e culturais; entre outras. Nestas motivações sociais e culturais encontra-se o esporte, podendo ser um fator de estímulo à integração, por meio da necessidade de cooperação técnica, facilitação do trânsito de atletas, ou até como plataforma de divulgação/defesa de causas de uma região, como a causa palestina no Mundo Árabe (estádios e arenas são palco de "luta" e conscientização, para chamar atenção internacional à questão palestina).

No âmbito social, é importante estudar a busca por igualdade de gênero, e questionar se o esporte pode também atuar como arena dessa luta. Questionar se o esporte colabora na diminuição das desigualdades de gênero e combate ao machismo em sociedades árabes. Segundo o artigo 31 da Convenção sobre os Direitos da Criança (1990) da UNICEF (Fundo de Emergência das Nações Unidas para as Crianças), "a prática da educação física e o esporte são um direito fundamental de todos". Para isso, autoridades devem garantir e incentivar a prática esportiva a homens e mulheres, principalmente desde a escola. Isso ocorre no Mundo Árabe? Se sim, como? Em atividades segregadas (mulheres em um ambiente e homens em outro)? Um outro indicador importante é o acesso de mulheres a estádios de futebol e a possibilidade de assistir a eventos esportivos em suas cidades e países. Portanto, suscitar essas discussões ajuda a explorar um tema atípico nos estudos do Mundo Árabe e na temática de esportes e Relações

Internacionais.

A literatura de Relações Internacionais, normalmente focada na ótica *mainstream* de guerras e conflitos quando discute questões do Oriente Médio e Mundo Árabe, é limitada a esses acontecimentos devido ao foco das teorias tradicionais em estudar dinâmicas de poder, guerra e interesse (*high politics ou hard power*) entre Estados. Contudo, existe um campo que começa a se desenvolver, juntamente com a difusão de abordagens interpretativistas e pós-modernas, que é aquele que traz novas lentes de análise da realidade, incorporando novos atores, fatores e instrumentos (imateriais) aos estudos de RI. É seguindo a linha deste campo que o presente trabalho será desenvolvido, versando sobre esporte, RI e Mundo Árabe, e apresentando um ponto de vista diferente ao estudar essa região do globo, além da ótica *mainstream* mencionada.

A bibliografia que relaciona o impacto entre esporte e sociedade já é bem estabelecida, havendo diversos estudos e obras neste tema, usando tópicos que são próprios de Relações Internacionais (ou incluídos neste campo, que é multidisciplinar), como diplomacia, globalização, cultura e identidade nacional. No entanto, destaca-se que muitos estudos sobre esporte e política foram desenvolvidos por autores dos campos da história, do direito e da sociologia, não por acadêmicos de Relações Internacionais. Estes, em sua maioria, preocupados com questões inter-estatais, segurança e poder, deixaram em segundo plano questões como cultura, sociedade e identidade, por não serem consideradas relevantes nos estudos das dinâmicas internacionais. Entre os que defendem este argumento estão os realistas, acadêmicos estadocêntricos, que consideram o Estado como único ator das Relações Internacionais (LEVERMORE; BUDD, 2004).

Por outro lado, o artigo de Beacom (2000) já parte do pressuposto de que “as dimensões políticas e culturais do esporte são amplamente reconhecidas e o esporte internacional é comumente visto como relevante para as dinâmicas das Relações Internacionais” (p. 1, *tradução nossa*). O esporte é uma atividade cultural por si só, e também transmite cultura. Ele é, ao mesmo tempo, um espelho da cultura de uma sociedade e uma ferramenta de promoção internacional da cultura de uma sociedade. Ademais, envolve diversos atores além do Estado. Os argumentos de Beacom (2000) e de Suppo (2012) dialogam:

(...) os atores decisivos dessa internacionalização do esporte não são apenas os responsáveis políticos dos governos e partidos, mas também os dirigentes esportivos das federações nacionais, internacionais e do movimento olímpico. Outros atores também são importantes: os jornalistas, os próprios esportistas,

os espectadores e a opinião pública. (SUPPO, 2012, p. 403)

Suppo (2012) afirma que o esporte constrói identidades e que é uma atividade competitiva por natureza, atuando como um símbolo de formas de guerra e de conflitos. Foer (2004), em obra clássica sobre futebol e RI, vê o “jogo” como um fator do processo de globalização, sendo mais globalizado do que qualquer economia do globo. Atuando como um fator de união de indivíduos em grupos, Foer diz que “o futebol é, às vezes, mais forte do que a religião” (p. 3, *tradução nossa*).

Vasconcellos (2011) também considera o esporte uma manifestação cultural, podendo contribuir para a mudança de costumes e da vida cotidiana da população. Além disso, as regras das competições esportivas são normas de cultura, representando valores e integridade.

O esporte não é apreciado como pincelada descuidada ou adereço do quadro social, mas, muito ao contrário, integra sua própria moldura e compõe, com traço marcado e harmonizado com a educação, cultura, alimentação, saúde, emprego, renda, produção industrial, transações econômicas internacionais, intercâmbio científico e tecnológico, - alguns desses, por sinal, ingredientes societários do atual Índice de Desenvolvimento Humano -, as imagens e idiosincrasias das nações (VASCONCELLOS, 2011, p. 13).

O esporte é, portanto, uma atividade cultural que tem implicações em diversas dinâmicas relevantes para as RI, como instrumento de política externa, “palco” ou “arena” para discussões de outras questões internacionais, ferramenta de diplomacia, espelho da sociedade, modelador de costumes e crenças, mecanismo de união identitária, entre outros. Delimita-se, então, o estudo sobre a importância do esporte nas Relações Internacionais *ao contexto* do Mundo Árabe, focando no papel que ele pode desempenhar em dinâmicas específicas da região, nas esferas política, social e econômica.

No contexto do Mundo Árabe, posicionam-se as seguintes reflexões sobre o papel do esporte: ele é valorizado pela cultura árabe? Está na pauta de discussões dos organismos regionais árabes? Há a organização de eventos esportivos na região? Mulheres têm representatividade na prática de esportes? Elas podem torcer e manifestar seu apoio por seus/suas atletas preferidos(as) livremente? Quais as características de movimentações financeiras de capital árabe motivadas pelo esporte? Investe-se em times locais ou em times estrangeiros? Há espaço e curiosidade por uma análise do papel do esporte em dinâmicas políticas, sociais e econômicas específicas do Mundo Árabe. Nesse sentido, a pergunta central da pesquisa é:

qual papel o esporte desempenha nos processos de integração regional, diminuição das desigualdades de gênero e internacionalização do capital no mundo árabe?

A partir dessa pergunta, trabalha-se com uma hipótese tripartite: no que concerne ao papel do esporte na integração regional árabe, ele não é uma pauta muito debatida na agenda, mas tem potencial devido à conjuntura atual de investimento no esporte e de primeira Copa do Mundo FIFA sediada por um país árabe (Copa do Mundo 2022 no Catar). Já em termos de desigualdade de gênero e representatividade social de mulheres árabes, hipotetiza-se que o esporte tem papel diminuto, mas importante; esta questão social tem origens culturais, históricas e estruturais, sendo algo maior do que o esporte pode dar conta sozinho, ainda mais em uma região onde a prática esportiva não é tradicionalmente incentivada. Finalmente, em termos de internacionalização de capital árabe, há a hipótese de que o esporte tem papel preponderante, sendo uma notável porta de saída do capital para o ocidente, contribuindo, ainda, para ganhos de popularidade e visibilidade no cenário esportivo e econômico internacional.

O objetivo geral desta monografia é *discutir* o papel que o esporte desempenha nas Relações Internacionais a partir de um estudo de caso no Mundo Árabe, em termos da sua relevância em dinâmicas políticas, sociais e econômicas específicas da região. Os objetivos específicos são três: i) *examinar* o papel do esporte no processo de integração árabe, pesquisando sobre boicotes de países árabes em competições internacionais, a organização de eventos esportivos regionais, e sua presença na agenda de organismos regionais árabes; ii) *entender* como o esporte atua como promotor da diminuição das desigualdades de gênero e maior representatividade e participação de mulheres na sociedade; iii) *analisar* o uso do esporte como instrumento da internacionalização do capital árabe e de promoção de imagem e prestígio internacional.

A escolha do presente tema embasa-se em justificativas pessoais (para a autora), para o campo das Relações Internacionais e para a sociedade. Primeiramente, para mim, escrever sobre esporte e RI representa a união de duas paixões. Fui atleta desde pequena, então sempre acreditei no poder que o esporte possui no desenvolvimento de indivíduos íntegros, dedicados, que sabem trabalhar em equipe e que podem construir uma sociedade mais justa e compreensiva, graças aos treinos, empenho, conquistas e derrotas em competições. Ademais, o esporte também consegue unir grupos e sociedades por meio do espírito esportivo e da representatividade. Me encanta o contato com outras culturas, algo que grandes eventos esportivos promovem, tanto para atletas quanto para jornalistas, voluntários e espectadores, algo que vivenciei quando fui voluntária das Olimpíadas Rio 2016 e trabalhei nas Operações de Imprensa da Copa América 2019.

Quanto ao Mundo Árabe, tenho muita curiosidade em estudar melhor essa cultura e contribuir para o rompimento de paradigmas, preconceitos e percepção *mainstream* de caos e conflitos na região. Nesse sentido, este trabalho também será valioso para o campo das Relações Internacionais ao explorar um novo olhar sobre o Mundo Árabe. Além disso, há ainda muito espaço para trabalhos sobre esportes e sua atuação no cenário internacional. O desenvolvimento de trabalhos explorando novos temas engrandece o campo de estudos e abre novas possibilidades. A conjuntura dos últimos acontecimentos internacionais favoreceu discussões sobre as Olimpíadas na mídia, no governo e em organismos multilaterais, devido à pandemia da covid-19 e o adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio de 2020 para 2021. O ano de 2022 também será marcado pelo esporte, graças às Olimpíadas de Inverno de Pequim (fevereiro de 2022) e da primeira Copa do Mundo FIFA sediada no Mundo Árabe (novembro/dezembro de 2022), um marco histórico para a região e a comunidade esportiva internacional.

E quanto à relevância do tema para a sociedade? Mesmo no século XXI, a discussão e luta por igualdade de gênero é tópico relevante e necessário. Há muito para se conquistar, tanto na sociedade oriental quanto na sociedade ocidental. Além disso, é primordial que a população tenha consciência da relação entre esporte, cultura e política internacional, a fim de saber identificar o uso do esporte para a promoção de políticas, ou para “mascarar” políticas governamentais, por exemplo. O esporte imita a vida, promove mudanças, influencia indivíduos, grupos e sociedades, e está longe de ser apolítico (SUPPO, 2012).

A metodologia adotada para as discussões propostas será pesquisa bibliográfica aliada à pesquisa documental, para trazer fontes não só secundárias, mas também primárias ao trabalho. Quanto à pesquisa bibliográfica, realizar-se-ão análises de teses, livros, capítulos de livros, artigos, periódicos e *podcasts*. Na busca por essas fontes, percebe-se o predomínio de materiais na língua inglesa. Também há, claro, materiais em árabe, o que provoca uma barreira linguística; todavia, o conteúdo encontrado em línguas como inglês e português, ou até francês, oferece um sólido suporte à monografia. Para desenvolver este Trabalho de Conclusão, não houve necessidade de nenhum recurso financeiro que não fosse de procedência pessoal.

O processo inicial de busca por referências bibliográficas consistiu em encontrar trabalhos acadêmicos de Relações Internacionais cujo tema central fosse esportes. Vale mencionar, portanto, Exterckoetter (2021), que, ademais, utiliza a teoria construtivista para embasar seu trabalho; e Caon (2021), Amazarray (2011) e Viana (2008), que auxiliam a elucidar a importância de relacionar esportes e Relações Internacionais para compreender seu uso como ferramenta e palco para atingir determinados objetivos políticos, econômicos e sociais. Foram trabalhos essenciais para encontrar, por meio de suas bibliografias, obras clássicas de esporte e

RI, como os livros pioneiros no tema: *Esporte, Poder e Relações Internacionais*, de Vasconcellos (2011) e *How Soccer Explains the World*, de Franklin Foer (2004); além dos artigos de Aaron Beacom (2000), *Sport in International Relations: A Case for Cross-Disciplinary Investigation*, e de Hugo Suppo (2012), *Reflexões sobre o Lugar do Esporte nas Relações Internacionais*. Também importantes são Levermore e Budd (2004) e Houlihan (1994).

Além de encontrar referências nas bibliografias de obras do tema, também se pesquisou na bibliografia da disciplina do curso de RI da UFRGS - Seminário Temático: RI do Mundo Árabe; no Lume e no Sabi UFRGS (repositório e biblioteca digital da universidade); e no site *Connected Papers*, onde a busca por palavras-chave faz conexões com trabalhos das mais variadas origens. Assim, foi possível organizar os textos conforme os pontos que serão explorados nesta monografia: esporte e RI; esporte e Mundo Árabe; mulheres e esportes no Mundo Árabe; e estratégias árabes de projeção de poder e internacionalização do capital por meio do esporte.

O objetivo é refletir, a partir de casos pontuais, sobre o papel do esporte no Mundo Árabe, trazendo pontos que suscitam a discussão desse tema que ainda tem muito espaço a conquistar no campo. Nesse sentido, a base teórica deste trabalho será o Construtivismo, pois, dentre as teorias difundidas no campo das Relações Internacionais, esta é a que dá valor a fatores imateriais, sendo eles relevantes para explicar processos e dinâmicas políticas, sociais e econômicas específicas. Conceitos como cultura, valores, identidade e ideias são estudados na teoria construtivista (BARNETT, 2008; FINNEMORE, 1996; WENDT, 1999). A realidade é socialmente construída e, nesse sentido, esportes e competições, além de representarem um reflexo da sociedade em que vivemos, podem ser espaços para construção e propagação de novos valores, influenciando indivíduos e outros atores da sociedade (VASCONCELLOS, 2011). O desafio metodológico desta pesquisa consiste em encontrar estudos de construtivismo aplicado ao esporte.

Inicialmente, o foco da pesquisa será o papel do esporte na integração árabe. Para isso, partir-se-á do conceito de Mundo Árabe, bem como de estudos sobre os esforços de integração da região. O capítulo sete do livro *Arab Regionalism: A Post-Structural Perspective*, da professora Silvia Feraboli (2015), será utilizado para refletir sobre a construção da região árabe. Aí explorarei o papel do esporte nessa construção, refletindo se ele pode ser considerado um fator de união ou de desunião da região. Um pouco do desenvolvimento histórico do esporte é apresentado, com base em um dos vários capítulos do livro *"Sports, Politics and Society in the Middle East"*, organizado por Reiche e Sorek (2019), essencial em diversas temáticas da

presente monografia. Exemplos presentes no livro de Vasconcellos (2011), de boicotes conjuntos árabes a competições internacionais, pedidos de exclusão de Israel de torneios esportivos, rompimento de relações diplomáticas por apoio de candidaturas para sediar Copa do Mundo ou Olimpíadas, entre outros, ajudarão a estudar sobre a união vs. desunião árabe. Também se falará sobre a organização de Jogos Pan-Árabes e da *Arab Cup*.

Ainda no capítulo 2, a pesquisa documental será utilizada para encontrar documentos que façam referência a esportes e Mundo Árabe na agenda de discussões de órgãos regionais. A busca por fontes primárias é feita por meio de consultas online em sites de centros de pesquisa, como o NUPRIMA (Núcleo de Pesquisa sobre as Relações Internacionais do Mundo Árabe), sites de *think tanks* e de notícias. Enfrenta-se dificuldade em encontrar documentos da Liga Árabe, devido à impossibilidade de acesso à versão em inglês do *website* da Organização. Por outro lado, foi possível pesquisar documentos do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), onde encontrei, na biblioteca virtual de Resoluções da Organização, dois arquivos que fazem referência a esportes e mulheres:

- *Some Achievements of Youth & Sports Bodies in the GCC Countries during the first decade of the International Youth Year, 1985 / 1995;*
- *Youth Scientific Activities in GCC States on the Occasion of Youth Innovation Exhibition for GCC States, to be held in Paris, 1995.*

Para o capítulo 3, serão importantes para a reflexão conversas informais com mulheres árabes, da Tunísia e do Egito, as quais tenho contato pelo meu trabalho em comércio exterior, e com uma amiga brasileira, atleta de padel que esteve no Catar para um campeonato mundial em 2021. Essas conversas ajudarão a elucidar fatores que são relevantes na realidade árabe e a entender a relevância do esporte nessa sociedade. Será essencial empregar uma visão árabe sobre igualdade e representatividade na sociedade, para não ditar conceitos e visões ocidentais sobre aquela região do globo. Diversos artigos embasarão a reflexão deste capítulo, como “*Role models in the media and women’s sport participation in Qatar*”, de Dun (2016); e “*Women in Saudi Arabia sport, rights & public spaces*”, de Alkilani (2021). Sobre o feminismo árabe, entre outras autoras, Souza e Moreira (2020) e Golley (2004) são essenciais.

O último capítulo desta monografia, a tratar do esporte como ferramenta de projeção de poder (*soft*) e de internacionalização de capital árabe iniciará com a relação entre o conceito de *soft power* (NYE, 2004) e a Copa do Mundo do Catar Destaca-se aqui que a abordagem de Nye será usada como *conceito* e não como teoria, dialogando com a Teoria Construtivista, na valorização de fatores imateriais nas Relações Internacionais. A maneira mais fácil de tratar sobre esporte e RI é por meio do *soft power*, e o motivo pelo qual escolhi

apresentar este novo conceito somente no último capítulo é justamente por isso, para afastar este trabalho da abordagem tradicional, esforçando-me para explorar óticas políticas e sociais fora do “guarda-chuva” do *soft power* nos dois primeiros capítulos. Como o último possui um viés mais econômico, decidi trazer o conceito para demonstrar como países projetam imagens de poder para o mundo por meio do esporte.

Partindo-se do pressuposto de que há outras ferramentas além do poder militar para manifestação do poder de uma nação, vê-se o esporte como oportunidade para levar o capital árabe (principalmente o advindo da exploração do petróleo) para outras regiões do globo, por meio da compra de jogadores renomados e de clubes de futebol europeus por parte de empresas e fundos financiados por governos do CCG (Paris Saint Germain, Manchester City e Newcastle United). Nesse sentido, estudos sobre o capital árabe são importantes, como o capítulo 5 do livro *Arab Regionalism* de Ferabolli (2015). Quanto à Copa do Mundo FIFA 2022, a primeira da história a ser realizada em solo árabe, no Catar, será explorada a relação entre sediar um megaevento esportivo e o ganho de poder brando (VASCONCELLOS, 2011; REICHE, 2015; BRANNAGAN E GIULIANOTTI, 2015). Os capítulos escritos por Chadwick (2019) e LaMay (2019) dentro de “*Sports, Politics and Society in the Middle East*” são de grande contribuição. Por fim, é essencial também levantar a questão do “*sportswashing*” ao debate, ou seja, o uso do esporte para “lavar” especialmente a imagem de alguns atores do mundo árabe aos olhos ocidentais (SANTOS, 2021).

O autor Houlihan (1994) faz o esforço de relacionar esporte e política internacional sob as perspectivas de três paradigmas (ou abordagens teóricas da época) de RI: Realismo, Pluralismo e Globalismo/Estruturalismo. Embora essas perspectivas não sejam bem assim nomeadas e estudadas pela agenda do campo, o estudo de Houlihan é um bom ponto inicial de estudos sobre esportes e RI. Na primeira abordagem, ainda mais no contexto da Guerra Fria, o esporte possui um papel diminuto nas dinâmicas internacionais. Na segunda, Houlihan (1994) foca no papel das organizações esportivas internacionais nos processos políticos, atuando como um importante ator, além de elites, grupos sociais, indivíduos e empresas, na arena internacional. Por fim, as teorias englobadas na abordagem globalista/estruturalista focam em grupos de interesse e grandes empresas, destacando fatores econômicos e relação de dependência que o esporte reflete. O autor conclui que a melhor abordagem seria a pluralista, por aglutinar uma multiplicidade de atores e interesses. A realização de eventos esportivos, a imagem das organizações (de atuar como promotoras da paz e união por meio do esporte), as movimentações econômicas e de pessoas ao redor do mundo motivadas pelo esporte, tudo isso é relevante nas Relações Internacionais.

Há uma inter-relação entre: i) os aspectos culturais e identitários do esporte; ii) a política nacional e internacional; e iii) a atividade de empresas privadas (HOULIHAN, 1994). As esferas individuais, sociais, públicas e privadas conversam entre si: o esporte é uma atividade/prática cultural que mobiliza indivíduos praticantes e torcedores, unindo-os em grupos que se identificam por compartilhar da mesma paixão (por atletas, clubes ou nações em competições internacionais). Esse movimento social chama atenção de governantes da esfera pública, que podem usar o esporte como fator de união nacional, além de vê-lo como uma ferramenta para, nacionalmente, investir em saúde e qualidade de vida da população. Um exemplo dessa importância é a criação de agências especializadas e de Ministérios do Esporte em vários países. Destaca-se, também, como políticas públicas destinadas ao esporte ajudam no incremento do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos Estados (VASCONCELLOS, 2011).

Internacionalmente, o esporte pode contribuir para a imagem externa do país ao sediar grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo FIFA e as Olimpíadas (VASCONCELLOS, 2011). Na política internacional, destaca-se o poder de influência de organizações esportivas internacionais não-governamentais, que “têm recursos materiais para praticar *lobby* e influenciar governos” (BEACOM, 2000, p. 7). Quanto à esfera privada, vê-se o esporte como uma plataforma para empresas, que destinam recursos para patrocinar atletas, clubes, seleções e eventos, por conta da visibilidade que podem atingir midiaticamente. Isso sem falar na “boa-imagem” que a empresa ganha por destinar parte de seu lucro para investir em algo social, positivo, atuando análogamente às iniciativas filantrópicas de empresários e empresas.

“É no contexto do reconhecimento da importância de atores não-estatais que a análise de esporte e RI deve se colocar” (LEVERMORE; BUDD, 2004, p. 9, *tradução nossa*). A presente monografia se encaixa neste contexto, e acredita-se que, seguindo a abordagem construtivista, serão muito engrandecedores os estudos sobre esporte e Relações Internacionais, por esta ser uma abordagem ampla, que dá valor a vários conceitos e fatores imateriais, como cultura e identidade, e que inclui diversos atores além do Estado aos estudos de RI, como indivíduos, grupos sociais, empresas e organizações internacionais.

Não são comuns obras de RI que desenvolvem o construtivismo *aplicado* ao esporte. O que foi encontrado foi o Trabalho de Conclusão de Curso de Exterckoeetter (2021), que se esforçou para utilizar esta teoria mesmo sem existirem trabalhos que já tivessem realizado essa aplicação, esforço que também será realizado aqui. Os construtivistas acreditam na construção social do mundo, sendo ele co-construído pelas ideias e concepções dos atores (WENDT, 1999;

BARNETT, 2008; FINNEMORE, 1996). Elencam, além do poder, interesse e instituições, as ideias como fator relevante para explicar as RI. Wendt (1999) afirma que eles não estão separados, na verdade, as ideias estão presentes nos outros três, por exemplo, modelando o poder, definindo interesses, determinando objetivos de instituições... O que importa são as ideias por trás dos outros fatores.

“Os construtivistas consideram que os recursos materiais, por exemplo, de importância fundamental para os realistas, na verdade dependem do significado social atribuído a eles” (EXTERCKOETTER, 2021, p. 24). A forma como esse significado é construído se dá pela cultura, história, valores, regras e símbolos - todos conceitos presentes no esporte. Portanto, são fatores imateriais que dão sentido às ações dos atores, inseridos em um sistema de normas e valores, o qual foram socialmente condicionados a aceitar, ao mesmo tempo em que atuaram como os próprios “construtores” dessa realidade (BARNETT, 2008). Neste processo, o esporte pode ser uma ferramenta para moldar e construir costumes e crenças da população.

Finnemore (1996) estuda as Organizações Internacionais como modeladoras dos comportamentos de Estados e indivíduos. Elas contribuem para a difusão de ideias e valores, influenciando preferências e interesses. Nesse contexto encaixam-se as organizações esportivas internacionais, pois, mesmo várias sendo privadas, é válido o esforço de enquadrá-las nessa temática de estudos. Assim como a Liga Árabe e o Conselho de Cooperação do Golfo são modeladas por - e modelam as ações de - seus Estados-membros (e também de outros do Sistema Internacional), o Comitê Organizador da Copa do Mundo de 2022, do Catar, é uma organização que modela as ações dos atores envolvidos no evento (desde atletas e jornalistas até autoridades governamentais).

Para concluir, Aaron Beacom (2000) ilustra como é importante estudar fenômenos sob uma perspectiva interdisciplinar, para, assim, conseguir analisá-los de uma forma completa. É isso que o presente trabalho propõe, não de estudar o Mundo Árabe de forma *completa*, mas sim *diferente*, adotando uma perspectiva além do *mainstream* da academia e da mídia, de guerra e conflitos, para poder contribuir, junto a outros trabalhos e disciplinas, a uma análise completa do Mundo Árabe.

O referencial teórico aqui apresentado vai ajudar a pensar o esporte nas RI da perspectiva interpretativista do construtivismo. Nesse sentido, este trabalho é um estudo sobre a importância do esporte nas Relações Internacionais, focando em dinâmicas específicas do mundo árabe, sendo como um estudo de caso do papel que o esporte pode desempenhar em relações intra-árabes. O esporte ainda é pouco estudado nas RI, mas vários trabalhos, incluindo este, defendem que é um tópico que deve aparecer mais na agenda da disciplina. Espera-se que

os pontos aqui desenvolvidos incentivem a realização de cada vez mais trabalhos sobre esporte, cultura e RI, além de novas lentes de estudo para o Mundo Árabe.

2 ESPORTE E INTEGRAÇÃO ÁRABE

Uma ação importante a se fazer ao delimitar uma área de pesquisa é localizá-la geograficamente (topografia), historicamente e socialmente (como um grupo ou população unida por fatores em comum). Neste trabalho, que trata sobre o Mundo Árabe, importa definir qual é a região do globo em que ele se localiza, bem como quais sociedades estão inseridas nele, cada uma com suas populações, grupos sociais, atores privados e estatais, entre outros, que se conectam por meio do sentimento de identidade árabe. Um ótimo ponto de partida para estudar o Mundo Árabe como pesquisadora localizada no Brasil é “*Studying the Middle East from Brazil: reflections on a different worldview*”, escrito por duas professoras brasileiras ministrantes de disciplinas de graduação e pós-graduação sobre Mundo Árabe. Elas possuem um discurso crítico aos estudos *mainstream* sobre o Oriente Médio (a começar pela nomenclatura da região) de simplesmente absorver e reproduzir aquilo que a academia norte-americana e europeia discorre sobre essa parte do globo. O objetivo do artigo é expor os limites do ensino sobre a história e as Relações Internacionais do Mundo Árabe, além de apresentar novas possibilidades, novos rumos, questionar as informações “dadas” e provocar os alunos a serem produtores de conhecimento como pensadores do Sul Global¹. Assim, as autoras defendem uma “visão de mundo que, ao mesmo tempo, evita a generalização das populações e sociedades da região e reconhece o quão único é seu processo histórico, político, social e cultural” (FERABOLLI; CLEMESHA, 2020, p. 99, *tradução nossa*)².

As autoras fazem uma revisão de trabalhos de graduação e pós-graduação que têm como tema o Mundo Árabe ou Oriente Médio, os quais, comparativamente a outros temas e regiões do globo, são poucos. Dentre essas pesquisas, a grande maioria discorre sobre a questão nuclear do Irã, o conflito Israel-Palestina, as guerras *proxy*³ em território árabe e a Guerra ao Terror. Ou seja, são trabalhos que absorvem e refletem conhecimento anglo-saxão sobre uma região que tem muito potencial em termos de cooperação com o Brasil: é o terceiro maior destino de

¹ O Sul Global é uma denominação criada pelo Plano de Ação de Buenos Aires de 1978, que implementou a ideia de cooperação entre países em desenvolvimento. São considerados parte do Sul Global os países subdesenvolvidos e/ou em desenvolvimento da América, África, Oceania e Ásia, incluindo alguns localizados no hemisfério norte, sendo, portanto, um conceito socioeconômico e não geográfico. (ABOUT..., 2022)

² (...) *worldview that both avoids the essentialization of the peoples and societies of the region and recognizes the uniqueness of their historical, political, social and cultural developments.* (FERABOLLI; CLEMESHA, 2020, p. 99)

³ Guerras *Proxy* são conflitos entre grupos ou países, os quais representam os interesses de (e podem ser apoiados por) potências estrangeiras. É uma guerra entre países que ocorre em um território de terceiros, “terceirizando” os problemas que um conflito pode gerar territorial e socialmente. (PROXY..., 2022)

exportações brasileiras, atrás apenas da China e dos Estados Unidos, e possui uma enorme ligação cultural e social com o Brasil, pois aqui habitam 11 milhões de descendentes de árabes, configurando-se como o Estado onde há maior número de árabes, além da própria região de origem. Nesse sentido, a melhor forma de combater a visão estereotipada do Mundo Árabe é por meio da produção de conhecimento (FERABOLLI; CLEMESHA, 2020), e este TCC se encaixa nesse esforço acadêmico de explorar novos temas e apresentar uma visão diferenciada e positiva do Mundo Árabe, colocando em diálogo o papel do esporte em dinâmicas específicas da região.

Utilizando Ferabolli e Clemesha (2020) como ponto de partida, este capítulo evolui para uma discussão sobre regionalismo árabe e as diferenças de conceitos que permeiam os estudos sobre essa região do globo. Ainda na seção 2.1, será discutido como o esporte, principalmente o futebol, se popularizou no Mundo Árabe (a partir de um estudo de caso do Egito) e como esse processo refletiu relações de conflito e preconceito entre colonizadores e locais, além de apresentar as diferentes visões da prática esportiva (*lazer versus competição*) e sua contribuição na construção da identidade árabe.

A seção 2.2 aborda a diplomacia árabe do esporte e boicotes internacionais, atestando a relação entre esporte, política e diplomacia por meio de três exemplos: reflexos do conflito Israel-Palestina no esporte e possíveis cenários de cooperação; rompimento de relações diplomáticas entre Marrocos e Catar por ocasião da eleição da sede da Copa do Mundo FIFA de 2006; e o uso do esporte como plataforma da causa palestina. Logo após, parte-se para uma discussão sobre a *Arab Cup* de futebol e os Jogos Pan-Árabes, seu potencial para reforçar o sentimento pan-arabista e as dificuldades que enfrentaram desde sua criação. Por fim, a seção 2.4 é baseada em pesquisa documental, trazendo como fontes primárias documentos e resoluções oficiais dos organismos regionais árabes (Liga Árabe e Conselho de Cooperação do Golfo) que tenham o esporte como pauta, buscando entender sua relevância e potencial para a política regional do Mundo Árabe.

2.1 O REGIONALISMO ÁRABE E O ESPORTE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Mundo Árabe e Oriente Médio são dois conceitos que, muitas vezes, são colocados como sinônimos, mas que representam visões muito diferentes sobre a região. Enquanto o Oriente Médio não tem nenhuma delimitação física geográfica que o defina ou uma identificação cultural entre os países que o pertencem (definição também passível de variação dependendo de quem está “contando a história”), o Mundo Árabe é composto pelos 22 países-

membros da Liga Árabe⁴, os quais passaram por uma evolução histórica centrada na ideia de união por meio da língua (falantes da língua árabe) ou por identificação pessoal (*self-identification*) como árabe. Eles possuem dinâmicas políticas, sociais e econômicas específicas; ou seja, não basta estudar e tentar compreender as dinâmicas da região com lentes externas, como palco/arena de guerras *proxy* de outras potências - isso coloca os países da região como vítimas, como personagens coadjuvantes da história, e não como atores ativos, como personagens principais de sua própria história (FERABOLLI; CLEMESHA, 2020).

Dentro do livro *Arab Regionalism: A post-structural perspective*, de Ferabolli (2015), o capítulo 2 disserta sobre o processo de construção da região árabe e o que está por trás dele. A autora usa o conceito “*power-knowledge*” de Foucault (de uso do poder para a construção do conhecimento, por meio do qual regiões são criadas se adequando a interesses dos atores), e afirma:

“Oriente Médio” é um importante exemplo de uma categoria meta geográfica criada por militares estrategistas e estudiosos, separando o norte da África do resto do continente e associando-o aos Estados árabes do Levante e do Golfo. Atualmente, Israel está situado no seu centro, com Turquia e Irã constituindo seus limites ao norte e a leste, a qual alguns autores também incluiriam a Ásia Central e o Afeganistão. (FERABOLLI, 2015, p. 27, *tradução nossa*)⁵

A inclusão de Turquia e Irã como países árabes foi estratégica para o colonialismo e interesses estadunidenses e europeus, com reflexos até hoje, pois, assim, o real potencial e poder de união dos países árabes fica depreciado. Ao considerar como árabe somente os países da Liga Árabe, um grupo mais homogêneo étnica, histórica e culturalmente emerge, o que pode contribuir para uma maior coesão, cooperação e integração da região (FERABOLLI, 2015).

Um pequeno histórico com eventos sobre as definições da região que compreende o Mundo Árabe é apresentado. Ambiguidades e confusões sobre o que é Oriente Médio, o que é Mundo Árabe, quais áreas geográficas são incluídas, quais os requisitos culturais e identitários

⁴ A Liga Árabe é uma organização regional de Estados árabes do norte da África, Levante e Golfo, criada em Cairo (Egito) em 1945, onde fica até hoje sua sede. O foco da Liga Árabe consiste no desenvolvimento da economia da região, a resolução pacífica de conflitos e coordenação política de seus membros. (LEAGUE..., 2022)

⁵ “‘Middle East’ is an important example of a metageographical category brought to life by military strategists and scholars, separating North Africa from the rest of the continent and joining it with the Arab states of the Levant and the Gulf. Present-day Israel is considered to be at its centre, with Turkey and Iran constituting its northern and eastern borders, which some authors would even extend to include Central Asia and Afghanistan” (FERABOLLI, 2015, p. 27)

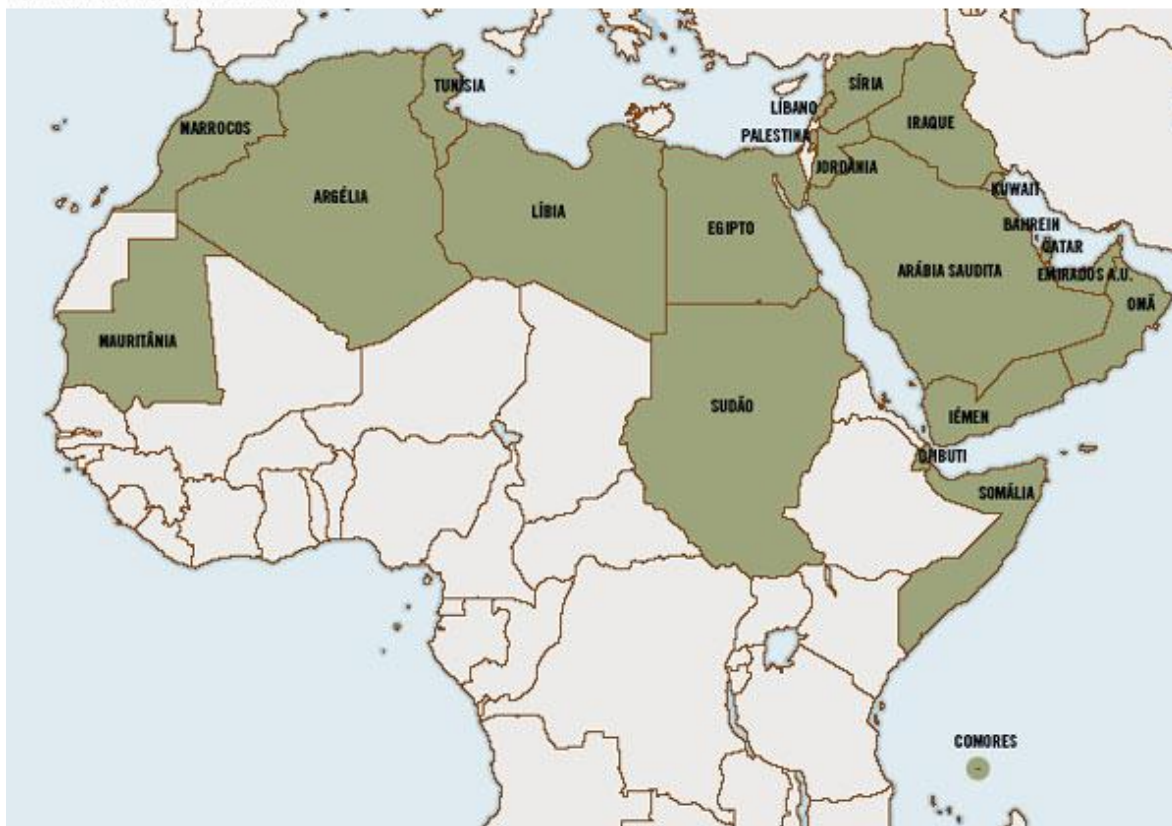
demandados, etc., são comprovadas por diversos casos ao longo da história. Em 1913, ocorreu em Paris o Congresso Nacional Árabe. Nele, participaram tanto cristãos quanto muçulmanos, e foi acordado que o Mundo Árabe compreenderia somente os países falantes da língua árabe localizados na porção asiática do antigo Império Otomano, o que excluiria o norte da África (FERABOLLI, 2015).

Somente anos mais tarde que todos os países que falam a língua árabe foram incluídos na região do Mundo Árabe, por meio da obra de Sati' al-Husri, influente intelectual árabe que escrevia sobre o nacionalismo árabe. Para ele, o compartilhamento de uma língua e história comuns é o que determina a constituição de uma nação. Ele não colocou a religião como principal determinante, por esta ser derivada da emoção, passível de mudanças. Assim, o autor separava a religião islâmica do conceito do que é ser árabe: ter língua e história compartilhadas nas regiões do norte da África e extremo sudoeste da Ásia, a península Arábica. Ou seja, nem todo árabe é muçulmano (um árabe pode ser de outra religião, como a cristã), e nem todo muçulmano é árabe (originários de outros países do mundo - Turquia e Irã aqui inclusos). Também dentro das ambiguidades está o renomado escritor Hourani, que se destaca pela sua dedicação à literatura árabe: seus diversos livros publicados também apresentam divergências sobre quais países pertencem ao Oriente Médio (por isso a importância de especificar os Estados parte da região a ser analisada em uma pesquisa, ainda mais se é sobre Mundo Árabe ou Oriente Médio) (FERABOLLI, 2015).

Após essa breve discussão sobre conceitos e regiões, afirma-se que o Mundo Árabe compreende os 22 países-membros da Liga Árabe, conforme imagem abaixo:

Figura 1: Países Membros da Liga Árabe

PAÍSES MEMBROS DA LIGA ÁRABE



Fonte: Países... (2022).

Reiche e Sorek (2019), organizadores do livro *“Sports, politics and society in the Middle East”*, assim como Feraboli e Clemesha (2020), criticam os estudos orientalistas sobre a região, os quais se centram sobre assuntos securitários e balança de poder no Oriente Médio. Orientalismo é o nome dado para o campo de estudos no qual se encaixam os trabalhos de intelectuais da Europa e Estados Unidos cujo tema é relacionado ao Mundo Árabe e Oriente Médio. É, basicamente, a visão do Ocidente sobre o Oriente, ou seja, carrega um viés e estereótipo. Também traz a ideia de que o Mundo Árabe e o regionalismo árabe estão condenados ao fracasso. Ainda assim, Reiche e Sorek (2019) utilizam a denominação “Oriente Médio”, e incluem Irã (persas), Turquia (turcos) e Israel (judeus) nas análises da região, o que pode acabar tirando a centralidade árabe da discussão.

Não obstante, este livro traz importantes contribuições para esta monografia, pois os conteúdos de cada capítulo versam sobre o esporte na história, sociedade, economia e política da região. Reiche e Sorek (2019) argumentam que estudos sobre esportes no Oriente Médio não são simplesmente parte de uma temática interessante a ser estudada na academia de Relações

Internacionais, sendo “por si só, uma força política e econômica significativa, que não somente refletem, mas também modelam as vidas de indivíduos e sociedades” (REICHE; SOREK, 2019, p. 10, *tradução nossa*)⁶.

Segundo eles, esportes eram negligenciados em estudos sobre o Oriente Médio. A partir do final dos anos 90 e início dos anos 2000, pesquisas com foco no esporte na região surgiram, porém dentro das áreas de história, sociologia e antropologia. Uma década mais tarde, houve o surgimento de 2 *trends*, uma sobre grandes eventos esportivos e seus benefícios econômicos e políticos; e outra sobre o incentivo à prática de esportes no nível individual e comunitário. *Sportsbusiness*, incentivos governamentais à prática de esportes, uso do esporte como palco de luta e defesa de direitos (tanto de mulheres quanto por representatividade de uma causa - como a palestina), e ganho de prestígio político e de imagem positiva no cenário internacional são temas presentes nesta obra e que dialogam com os objetivos desta monografia (REICHE; SOREK, 2019).

O incentivo à prática de esportes no nível individual e comunitário nos países árabes não é algo recente. Por mais que os estudos sobre esse tema tenham sido aprofundados a partir de 2010, as origens da prática de esportes na região como uma atividade mobilizadora de grupos sociais unidos por etnia, religião e cultura datam do final do século XIX. O primeiro capítulo do livro organizado por Reiche e Sorek, intitulado “*Mapping the sports Nahhda: toward a history of sports in the modern Middle East*” centra a tensão entre duas visões do esporte (lazer vs. ferramenta disciplinatória) como uma importante característica da história do esporte no Oriente Médio (YILDIZ, 2019).

Nessa região, o esporte nasceu como um movimento urbano, no qual as principais cidades da região, por volta do final do século XIX, foram os centros de seu desenvolvimento, partindo da influência estrangeira dos colonizadores, que deram o pontapé inicial nas práticas esportivas no Mundo Árabe, para o envolvimento de demais grupos e populações locais. É importante que não ocorra uma generalização em relação ao processo de inserção do esporte na realidade árabe, pois sua origem e espalhamento se deu em momentos diferentes de acordo com o país e cidade. Neste capítulo, o autor Murat Yildiz faz uma análise do desenvolvimento do esporte em três centros urbanos: Cairo, no Egito, Istambul, na Turquia, e Teerã, no Irã. Então, usa-se a parte sobre o Egito como estudo de caso para contribuição ao presente trabalho, pois é o único árabe dentre os três.

⁶ “(...) sports in the Middle East are much more than an ‘interesting angle’ through which to popularize academic themes. They are themselves a major political and economic force that not only reflect but also shape both individuals’ lives and large-scale social processes.” (REICHE; SOREK, 2019, p. 10)

O termo “*Nahhda*” significa despertar ou renascimento, e pode ser usado para representar o “despertar do esporte”. A expressão também nomeou um movimento de reformas culturais, sociais e políticas ocorridas durante o século XIX que buscava a modernização de instituições a partir de pensadores árabes sob influência europeia, ao mesmo tempo em que se buscava resgatar as origens do arabismo em um renascimento cultural. O uso do termo “*Nahhda*” para falar sobre a inter-relação entre esportes e este projeto reformista que surgiu nos centros urbanos do Oriente Médio (sendo Cairo, um dos grandes centros) no final do século XIX e início do século XX é marcante, pois associa esportes a algo moderno, a reformas e transformações (YILDIZ, 2019).

Importante notar que é comum associar a modernização à ocidentalização, entrando no estereótipo de que “o Ocidente é moderno e o Oriente atrasado”. Em busca do progresso, diversos intelectuais e pensadores foram trazidos de fora para trabalhar na modernização de instituições políticas e sociais da nação. Assim, associou-se a emergência da prática esportiva nas sociedades árabes à influência ocidental. Não à toa, pois o “*Nahhda*” foi marcado pelo surgimento de clubes esportivos de maior participação, principalmente, da classe média das sociedades, motivados pela vinda de estrangeiros para a região (início 1900) - em sua maioria americanos e europeus, responsáveis pela promoção de ideias e práticas no “*sports nahhda*” (YILDIZ, 2019).

No Egito, oficiais britânicos foram os principais responsáveis pela fundação de clubes e organização de atividades esportivas, onde passavam seu tempo de lazer. Logo, começaram a surgir agremiações esportivas mistas, e, por volta dos anos 1920, locais. Estas adotavam união pela etnia e/ou religião, como times árabes, armênios, judeus... E, a partir daí, começou-se a encarar os ambientes esportivos como centros de treino e desenvolvimento individual dos homens árabes, a fim de se desenvolverem como indivíduos modernos e investirem em qualidades e competências, como disciplina, força física, respeito, integridade e saúde:

Centros de treinamento (...) serviram como espaço onde jovens exercitavam diferentes partes do corpo, desenvolviam coragem e capacidade de resolver conflitos, cultivavam o prazer pelo desafio e competição, e aperfeiçoavam seu intelecto. Em resumo, centros de treinamento eram a base de novos homens árabes. (YILDIZ, 2019, p. 16, *tradução nossa*)⁷

⁷ “*Athletic fields (...) served as the space where youth strengthened different parts of the body, developed courage and resolve, cultivated the love of struggle and competition and sharpened their intellect. In short, athletic fields were the training grounds of new Arab men.*” (YILDIZ, 2019, p. 16)

A mídia e jornais tiveram papel fundamental no espalhamento de ideias e na divulgação de eventos esportivos nas cidades do Mundo Árabe, não se limitando somente a Cairo, mas também para o interior do Egito e repercutindo para outros centros da região, como Beirute (Líbano) e Damasco (Síria).

[Os esportes] desenvolviam a disciplina para se manter longe de três dos vícios mais significantes que prejudicam a moral das pessoas: consumir álcool, fumar e manter-se fora de casa até tarde. Em resumo, a prática de esportes contribuiu para a criação de uma nova geração de homens modernos, morais e saudáveis. YILDIZ, 2019, p. 26, *tradução nossa*)⁸

Além de disseminar o caráter disciplinatório dos esportes, propagando a moral e costumes árabes, os jornais também refletiam um discurso discriminatório. Ao mesmo tempo em que alguns incentivavam mulheres jovens árabes a praticar esportes, por meio da institucionalização da prática esportiva em escolas femininas, outros defendiam um discurso que dividia os esportes de acordo com o gênero do(a) praticante: “a prática de exercícios prepara meninas para as tarefas do lar, enquanto prepara os meninos para o serviço militar” (YILDIZ, 2019, p. 28, *tradução nossa*)⁹.

Em relação ao poder do esporte como meio efetivo para construir identidade e estimular sentimentos de lealdade nacional identitária da população, algo reconhecido por novos Estados após a descolonização na Ásia e África (VASCONCELLOS, 2011), o caso egípcio pode ser usado como exemplo para elucidar a questão. A Associação Mista de Alexandria criou seu primeiro campeonato de futebol durante a Primeira Guerra Mundial, em 1916. Essa associação, composta por militares e civis estrangeiros, sofreu um boicote de times egípcios por conta da discriminação, pois nenhum local participava da associação. Ao verem que o campeonato não obteria sucesso, a Associação de Futebol cedeu, e o objetivo do boicote foi atingido: egípcios foram incluídos na organização da associação e times locais aceitaram participar da competição. Este é um retrato da popularização do futebol na realidade egípcia, tendo início por meio de estrangeiros no território, mas que, depois, foi incorporado por locais e tornou-se uma grande paixão, um importante mobilizador das massas. Tão grande que jogos de futebol no Mundo Árabe tornaram-se palcos ou plataformas onde sentimentos emergiam, revoltas nasciam e

⁸ “*Sports developed the discipline to stay away from three of the most significant vices that ostensibly damaged the moral fiber of people: alcohol, smoking and staying out late. In short, sports facilitated the creation of a modern, moral, and healthy generation of men.*” (YILDIZ, 2019, p. 26)

⁹ “*(...) exercise prepared girls for housework, while it prepared boys for the military.*” (YILDIZ, 2019, p. 28)

jogadores e espectadores engajavam-se em lutas por libertação, assim contribuindo para a conscientização identitária árabe, de união contra o dominador externo e busca por direitos e liberdade (YILDIZ, 2019).

Para finalizar esta primeira seção, que buscou trazer o conceito de Mundo Árabe vs. Oriente Médio, discussões sobre o regionalismo árabe e um revisão sobre o desenvolvimento histórico do esporte e seu papel na cultura e identidade árabe, voltamos ao texto de Feraboli (2015) para encerrar com uma visão positiva sobre a integração árabe, que, usando termos políticos e esportivos, transformaria Israel de inimigo para rival dos países árabes.

Em 1994, na Cúpula Econômica do MENA (*Middle East and North Africa*), o representante israelense questionou o secretário geral da Liga Árabe sobre quando Israel entraria para a organização, sendo logo rebatido com o argumento da barreira linguística, pois, segundo a Liga Árabe, seus membros devem se reconhecer como árabes em termos linguísticos, culturais e/ou históricos. A princípio, Israel na Liga Árabe gera muita estranheza e aversão aos acadêmicos e estudantes de Relações Internacionais, entretanto, Feraboli (2015) elucida pontos que nos fazem refletir sobre uma possível cooperação entre estes países que possuem um conflito histórico bastante sangrento, marcado nas memórias e no dia-a-dia de suas populações. O Estado de Israel foi construído na península arábica não por acaso, mas por razões históricas, nesse sentido, satisfazer-se-ia o requisito histórico. Quanto à língua árabe, esta não é a oficial de Israel, porém há muitos palestinos que habitam o território israelense, portanto, o árabe está presente nas ruas do país.

A autora faz uma analogia com os processos de integração da América do Sul e da Europa: hoje, Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina são parceiros comerciais, mesmo tendo se enfrentado em uma guerra muito violenta e sangrenta no século XIX; e a própria União Europeia tem bases conflituosas, desde as guerras entre França e Inglaterra até as Guerras Mundiais, quando Alemanha e Itália eram inimigos de França, Inglaterra e Rússia. Nesse sentido, adotando um ponto de vista positivo e visualizando oportunidades futuras, de superação dos conflitos e guerras, Israel e países árabes podem construir uma relação de cooperação e integração, baseada, principalmente, na economia. Alinhada com os argumentos de Barnett (1998), uma parceria árabe-israelense poderia beneficiar ambas as partes: Israel contribuiria com tecnologia, enquanto árabes ofereceriam mão-de-obra em abundância, mercado consumidor e petrodólares. Dentre os benefícios, Feraboli destaca:

(...) a oportunidade de fazer negócios com países com quem nunca haviam comercializado antes, uma redução de despesas com segurança, o

desmantelamento do boicote árabe, atração de investimento estrangeiro e aumento do turismo. (2015, p. 32, *tradução nossa*)¹⁰

Apesar dos possíveis benefícios, essa parceria poderia levar a uma relação de dependência, com Israel no centro e os países árabes em uma espécie de periferia regional. Algo parecido já ocorre atualmente entre países do Golfo (monarquias do petróleo com capital em abundância) e o restante dos países árabes (com mão-de-obra em abundância), tendo como exemplo a migração de trabalhadores árabes para as obras da Copa do Mundo 2022 no Catar (LAVIERI, 2021). Esse assunto será mais explorado no quarto capítulo desta monografia. Todavia, é justamente a possível relação de dependência árabe-israelense que torna o projeto de cooperação inviável, a não ser que os atores se convençam de que ambos os lados possam se beneficiar, co-criando e participando ativamente da construção de um novo regionalismo.

Ainda falando sobre os benefícios, e relacionando com a temática do esporte, a redução das despesas com segurança poderia abrir espaço para outros tipos de investimento, como em políticas públicas de incentivo à prática de esportes em escolas e comunidades, e da organização de eventos esportivos regionais, promovendo o intercâmbio cultural entre os povos. Nesse cenário, os boicotes árabes à participação de Israel em eventos esportivos não seriam mais necessários, e os países poderiam se beneficiar da rivalidade (e não inimizade) esportiva. Tal assunto será ainda mais desenvolvido na próxima seção, sobre boicotes esportivos e diplomacia esportiva árabe.

2.2 BOICOTES E DIPLOMACIA ÁRABE DO ESPORTE EM COMPETIÇÕES ESPORTIVAS INTERNACIONAIS

“É no contexto do reconhecimento da importância de atores não-estatais que a análise de esporte e RI deve se colocar” (LEVERMORE; BUDD, 2004, p. 9, *tradução nossa*). Quais atores estão envolvidos na diplomacia do esporte? Muito mais do que apenas o Estado. A diplomacia árabe do esporte reflete conflitos militares e políticos; eventos internacionais respondem a questões de conjuntura internacional; e indivíduos e grupos sociais encontram no esporte uma plataforma para lutar pelos seus direitos. “Por vezes, os Jogos Olímpicos e o leito do esporte encerram papel significativo na política internacional ao acomodarem

¹⁰ “*These (benefits) would include the opportunity for trading with countries that have not traded with before, a reduction of defence expenditures, the dismantling of the Arab boycott, attraction of new foreign investment and an increase of tourism*” (FERABOLLI, 2015, p. 32)

incidentalmente tensões e conflitos entre países disputantes, como guerra metafórica entre Estados-Nações” (VASCONCELLOS, 2011, p. 215).

Como é a diplomacia cultural árabe para os esportes? Vasconcellos (2011), em sua obra referência sobre a temática de esportes e RI, intitulada “Esporte, Poder e Relações Internacionais”, expõe alguns eventos envolvendo países árabes que servem de exemplos para pensarmos na correlação entre dinâmicas políticas, econômicas e sociais internacionais que têm reflexo na arena esportiva e vice-versa.

2.2.1 Países árabes e Israel

No ano de 2002, em nome dos países árabes, a Tunísia apresentou à FIFA, à UEFA (União Europeia de Futebol) e ao COI moções pela exclusão de Israel de competições internacionais de futebol. Os pedidos tiveram relação com a política externa israelense para o Mundo Árabe, buscando usar o esporte como instrumento (assim como se usam sanções) para obter objetivos políticos: suspender o país até que Israel cedesse e mudasse sua política regional (VASCONCELLOS, 2011). Treze anos depois, em 2015, a Associação Palestina de Futebol comandou uma moção à FIFA pela exclusão de Israel da organização. Sentindo dificuldades para manter as atividades futebolísticas devido aos assentamentos, à destruição de estádios na Palestina, ao impedimento de importação de materiais esportivos, o movimento palestino BDS (“*Boycott, Divestment, Sanctions*”) lançou a campanha “#RedCardIsrael” para chamar atenção da comunidade internacional à reiterada violação de direitos humanos por parte de Israel na Palestina (PALESTINIAN..., 2017).

Uma analogia interessante pode ser feita entre a relação entre Estados, segundo a abordagem construtivista, e a relação entre atores na arena esportiva internacional. Alexander Wendt, em seu livro chamado “Teoria Social da Política Internacional” possui um capítulo que desenvolve ideias sobre três culturas do anarquismo no sistema internacional, ou seja, sobre a forma como os atores se relacionam em um ambiente anárquico, sem autoridade central supranacional. Não há, realmente, uma autoridade que esteja acima dos Estados: mesmo que existam organizações internacionais e regionais, estas representam espaços de diálogo, coexistência e cooperação entre Estados, os quais são soberanos e, juntamente com outros atores, co-criam a realidade conforme sua interação de ideias. Wendt (1999) atribui um papel a cada cultura do anarquismo: à cultura Hobbesiana, o papel do inimigo, à cultura Lockean, o papel do rival, e à cultura Kantiana, o papel do amigo. Em competições esportivas, atletas e seleções representam seu país e sociedade, carregando sentimentos e história em sua “camisa”,

refletindo conflitos ou relações de amizade, mas também representando a esperança de um possível relacionamento entre Estados para além do ambiente esportivo.

Na cultura Hobbesiana, ideias compartilhadas a nível internacional só podem ser criadas por uma autoridade centralizada, assumindo a ideia de que somente um ator é responsável por impor sua vontade. No entanto, em um sistema de anarquia, esta autoridade não existe, e os Estados visualizam os outros como inimigos, pois todos lutariam para assumir o papel de líder. Essa visão não abre espaço para coexistência pacífica, ela prevê uma tensão, desconfiança e violência na relação entre Estados, pois, ao encarar o outro como inimigo, o objetivo é o extermínio, assim como em cenários de guerra, tal qual o conflito Israel-Palestina (WENDT, 1999). Nesse caso, no esporte, conseguimos visualizar uma relação de inimizade, na qual a competição esportiva nem ocorreria: como Israel não reconhece a Palestina como um Estado, não aceita enfrentá-la em competições; e como os países árabes rechaçam a postura bélica de dominação e opressão de Israel contra os palestinos, não aceitam enfrentá-lo em competições regionais e internacionais. Nas eliminatórias para as Copas do Mundo FIFA, a seleção de Israel joga na chave europeia, enquanto a seleção da Palestina, composta por jogadores da Faixa de Gaza e da Cisjordânia, joga a chave asiática da competição. Israel não participa da Copa Árabe de Futebol (*Arab Cup*). E, como já mencionado, há casos de pedidos coletivos árabes à FIFA e COI pela exclusão de Israel das competições internacionais (VASCONCELLOS, 2011).

Agora, adotando a cultura de anarquia Lockeana, há a possibilidade de uma coexistência entre Estados, com base em ideias e princípios compartilhados, sem imposição de um ator superior, mas seguindo um “acordo” respeitando princípios comuns na comunidade internacional, principalmente o da propriedade e a diminuição da violência. Nessa cultura, não é mais visto o papel do inimigo, mas sim do rival. Nesse sentido, os rivais se reconhecem e se respeitam, sem ter uma relação de amizade, mas também sem ter a busca pelo extermínio do outro (WENT, 1999). A rivalidade, tanto na esfera política quanto na esfera esportiva, é necessária, e até positiva, pois ela motiva a mobilização de atores em prol da capacitação e bom desempenho (seja do governo, seja do time/clube/seleção) frente ao rival.

Atualmente, países árabes e Israel se veem como inimigos, tanto na arena das Relações Internacionais quanto na de competições esportivas, refletindo a cultura Hobbesiana da anarquia. Já em um cenário de coexistência entre países árabes e Israel, como apresentado na seção 2.1 (FERABOLLI, 2015), ambos não se tornariam amigos, mas sim rivais. A cooperação política e econômica estaria presente, assim como o enfrentamento de suas seleções em estádios de futebol. O reconhecimento do outro como Estado soberano e rival pode ser saudável no esporte, um processo análogo ao de Brasil e Argentina na América do Sul: Estados que

cooperam econômica e politicamente, mas que, a todo confronto futebolístico, a rivalidade histórica é manifestada.

O fato de o esporte refletir conflitos políticos gera indignação do COI e da FIFA, que afirmam que os eventos esportivos não são para autoridades oficiais ou políticos, e sim para atletas, que não deveriam ser usados como “peões” em uma luta internacional. Há uma dificuldade em manter os esportes isolados dos acontecimentos políticos, tendo em vista a visibilidade que eventos esportivos possuem, desde Copas do Mundo e Jogos Olímpicos até circuitos mundiais de diversos esportes, como tênis e automobilismo. Antigamente, o COI (criado em 1894) queria manter os Jogos Olímpicos como um torneio amador, sem permitir que atletas fossem patrocinados por entidades privadas. Conforme as competições foram evoluindo e ganhando visibilidade, foi impossível barrar a interação entre as esferas individual (do atleta) e privada (de empresas). Cada vez mais, as competições tornaram-se mais profissionais, e não se poderia isolar essas duas esferas, analogamente à tentativa falhada de manter política separada do esporte (VASCONCELLOS, 2011).

Pensando no lado dos atletas, a profissionalização das competições os ajudou, proporcionando-lhes melhores condições para seus treinamentos e preparação. Quanto aos boicotes, a mistura entre a esfera diplomática/política do país com a esfera individual do atleta pode prejudicá-lo, fazendo-o abandonar jogos e torneios por conta de conflitos internacionais. Em 2013 e 2015, o tenista tunisiano Malek Jaziri abandonou torneios da ATP (Associação de Tenistas Profissionais) porque iria enfrentar um atleta israelense em uma etapa das competições. Em 2014, a ITF (*International Tennis Federation*) baniu a Tunísia da Copa Davis (copa das nações do tênis) por esta estar interferindo nas boas práticas esportivas (ATP..., 2015). Mesmo assim, o sentimento de identidade árabe e de aversão a Israel cultivado por países árabes são tão marcantes e enraizados no indivíduo que há ocasiões em que a decisão de recusar enfrentar israelenses, ou não cumprimentá-los, não é nem feita pelas autoridades, mas sim pelo(a) próprio atleta árabe (YOUNG, 2017).

2.2.2 Rompimento de relações diplomáticas entre Catar e Marrocos em 2000

A escolha de sedes para realização de Jogos Olímpicos e de Copas do Mundo passa por uma eleição junto aos órgãos responsáveis dentro do COI e da FIFA, respectivamente.

Envoltos por larga cobertura midiática, valores de elevada lucratividade comercial, propaganda empresarial e longo raio de imagem projetada, os

eventos esportivos internacionais hoje mobilizam esferas governamentais dos países postulantes, que reconhecem virtudes e vantagens de sediar uma Copa do Mundo ou Olimpíada. (VASCONCELLOS, 2011, p. 132)

Desde a candidatura até a fase de votações, esforços políticos e diplomáticos estão presentes, envolvendo atores-chave para promover uma boa imagem do país ou cidade candidata, a fim de angariar apoio dos membros do comitê de votação. Composto por um presidente, oito vice-presidentes e vinte e oito membros, com origem em organizações continentais do futebol (UEFA - Europa, CONMEBOL - América do Sul, CONCACAF - América Central e Norte, CAF - África, AFC - Ásia e OFC - Oceania), o Conselho Executivo da FIFA é responsável pela escolha de sedes de Copas do Mundo (FIFA Council, 2022).

O volume de recursos e receitas, somado às repercussões políticas, à afirmação de valores nacionais, ao poder de difusão de imagens, à promoção e prestígio institucional em escala mundial, justifica a disputa dos países pelo privilégio de sediar Jogos Olímpicos [e Copas do Mundo], uma pugna hoje forçosamente renhida não só na esfera esportiva, mas nos escalões políticos e diplomáticos. (VASCONCELLOS, 2011, p. 129)

Alguns exemplos de atores envolvidos na promoção de valores de identidade nacional, na defesa dos pontos positivos para a candidatura e na garantia de infraestrutura para sediar um megaevento esportivo são: ministros da cultura e do esporte, presidente da organização futebolística nacional, empresas privadas com interesse em patrocinar eventos esportivos, ministro de infraestrutura e planejamento, atletas renomados do país, ministro do turismo, redes de hotelaria e restaurantes, presidente do Estado candidato, e opinião pública. Estes realizam esforços a fim de garantir votos do conselho da FIFA. A promoção de valores de identidade nacional, realizações e progressos do país candidato é essencial para conseguir hospedar uma Olimpíada ou Copa do Mundo, algo que representa uma vitória política para o país escolhido como anfitrião (VASCONCELLOS, 2011).

No ano de 2000, ocorreu a eleição para a sede da Copa do Mundo FIFA 2006. Nela, os quatro países finalistas foram Marrocos, Inglaterra, África do Sul e Alemanha, sendo esta última a vencedora. No Mundo Árabe, a eleição repercutiu para a área político-diplomática: o governo do Marrocos decidiu romper relações diplomáticas com o Catar, visto que este não apoiou a candidatura do país árabe. O representante catari do Conselho Executivo da FIFA votou na Alemanha, decepcionando os marroquinos. Assim, em junho de 2000, o rei de Marrocos

ordenou a retirada do embaixador marroquino do Catar, e, por quatro meses, os dois países romperam suas relações diplomáticas. O fato só foi normalizado em um encontro entre o Rei Mohammed VI e o Emir al-Thani, em paralelo à Cúpula Árabe ocorrida em Cairo, no Egito, em outubro de 2022 (VASCONCELLOS, 2011; MOROCCO..., 2000).

Assim, a esfera do esporte e da diplomacia conversam entre si, sendo o emprego instrumental e utilitário do esporte uma ajuda à promoção do desenvolvimento econômico, ao estímulo do orgulho nacional e à promoção de imagem externa do país, tão importantes que podem acarretar em rompimento de relações diplomáticas entre dois Estados, afetando cooperação bilateral, trânsito de pessoas e investimentos empresariais, como atestado por Marrocos e Catar em 2000.

2.2.3 O futebol e a causa palestina

Em eventos esportivos, potências podem reafirmar seu poder e influência, enquanto pequenos/novos Estados, povos e minorias conseguem espaço para figurar entre os membros da comunidade internacional e ganhar reconhecimento externo. Assim, aproveita-se “a ressonância e o interesse da opinião pública internacional para anunciar ao mundo suas realizações ou reivindicações” (VASCONCELLOS, 2011, p. 214). Um exemplo é o que ocorre com a Palestina: como é membro da FIFA, mesmo não sendo reconhecido como Estado soberano na Organização das Nações Unidas, o povo palestino encontra nas competições futebolísticas uma plataforma para a mobilização e defesa de seus direitos perante a comunidade internacional. Campeonatos esportivos figuram como uma oportunidade mais construtiva para diálogo e resoluções do que conflitos bélicos, exaltando, inclusive, a amizade e integração árabe, principalmente no apoio à causa palestina (ALSAAFIN; ALLAHOU, 2021).

Historicamente, faltaram ao povo palestino instituições formais nacionais que preservassem seu passado comum, mantendo viva sua memória coletiva em museus e entidades governamentais com este fim. Mesmo havendo a fundação da Autoridade Nacional Palestina em 1994, a construção da memória coletiva palestina se deu, em boa parte, informalmente, tendo o futebol um papel bastante relevante. O texto de Tuastad (2019) traz o caso do time de futebol *Wihdat*, composto por habitantes do campo de refugiados *Amman*, na Cisjordânia, para atestar esse papel. O time criado em 1956 joga na Liga Jordânia de Futebol, competindo contra outros clubes do país, e já foi, inclusive, campeão de algumas edições. Um destaque são os cantos da torcida do time, que, até 1990, possuía um caráter mais violento – defendendo a luta

guerrilheira –, e depois adotou temas mais identitários, ressaltando a história e descendência comum do povo palestino (TUASTAD, 2019; REICHE; SOREK, 2019).

“O esporte [futebol] constitui uma verdadeira paixão no Oriente Médio” (VASCONCELLOS, 2011, p. 205), e, sendo “um dos maiores fenômenos culturais do mundo, tende a ser analisado como reflexo de processos sociais, culturais e políticos profundos” (TUASTAD, 2019, p. 54, *tradução nossa*)¹¹. Não obstante, o futebol consiste em um instrumento de construção social em si próprio, e estádios são locais onde grupos sociais e nações criam, compartilham e incorporam suas memórias e identidade coletivas. Na *FIFA Arab Cup*, copa árabe de futebol, ocorrida no final de 2021 no Catar, a Palestina se sentiu representada do início ao fim, mesmo tendo sido eliminada na fase de grupos da competição. Seu hino nacional foi o mais ovacionado pelo público na cerimônia de abertura, e, após o jogo da final, no qual a Argélia consagrou-se campeã em cima da Tunísia, bandeiras palestinas foram levantadas por jogadores da seleção argelina. Em um contexto de normalização de relações diplomáticas entre países árabes e Israel, uma manifestação pública de apoio à causa palestina em uma plataforma com visibilidade mundial, como a *Arab Cup*, representa importante jogada política (ALSAAFIN; ALLAHOUM, 2021).

Um dos motivos que explicam a solidariedade de argelinos para com os palestinos é a história similar de colonização e dificuldade de conquistar independência política: enquanto a Argélia teve um processo tardio e sangrento, conquistando-a em 1962, a Palestina ainda luta pelo reconhecimento internacional, além de sofrer com a violência e assentamentos israelenses. A liberdade de expressão proporcionada pelos estádios de futebol é, portanto, um palco de luta, é a voz da população, é um meio de sensibilização e de construção da consciência identitária comum, sendo esse episódio um demonstrativo do papel do esporte na integração cultural árabe, no qual eventos esportivos são iniciativas deste processo (ALSAAFIN; ALLAHOUM, 2021).

2.3 A ARAB CUP E OS JOGOS PAN-ÁRABES

Em 1963, após iniciativa do Líbano, ocorreu, neste mesmo país, a primeira edição da *Arab Cup*. Contando com a participação de apenas cinco seleções, a competição foi a primeira de 10 edições em quase 60 anos, sendo marcada pela irregularidade temporal e falta de empenho conjunto entre a UAFA (União de Associações Árabes de Futebol) e autoridades

¹¹ “Football, as one of the world’s greatest popular culture phenomena, tends to be analyzed as reflecting deeper social, cultural, and political streams.” (TUASTAD, 2019, p. 54)

estatais dos países árabes - materializadas em Ministérios da Cultura, do Esporte e da Juventude. O início da história da *Arab Cup* foi intenso, com edições em 1963, 1964 e 1966, porém seguiu-se a isso um hiato de quase 20 anos até que a quarta edição se realizasse em 1985, seguida de 1988, 1992 (conjuntamente aos Jogos Pan-Árabes), 1998 e 2002. A *Arab Cup* de 2012 foi a última sob a chancela da UAFA, associação não reconhecida pela FIFA: esta distribui associações continentalmente: países árabes africanos compõem a CAF e países árabes do golfo e península arábica pertencem à AFC.

O fato de o Catar ser sede da próxima Copa do Mundo e empregar esforços na organização de diversos outros eventos esportivos em seu território, além da promoção de sua imagem como um país de boa infraestrutura e receptividade, motivou a FIFA a assumir a chancela da *Arab Cup*. Em dezembro de 2021, dezesseis seleções participaram da competição no Catar, já nos estádios construídos para a Copa do Mundo — o evento foi encarado como teste para o ano seguinte, e mobilizou torcedores de todo o Mundo Árabe, tendo o jogo da final um público total de mais de 60 mil espectadores, o que atesta a paixão árabe pelo futebol. O presidente da FIFA, Gianni Infantino, ressaltou que o sucesso da copa árabe é prova do poder de união do futebol, que conecta continentes, pessoas, países, fãs e atletas; e que a chancela da FIFA para a competição continuará para edições futuras (GIANNI..., 2021).

Juntamente com a *Arab Cup*, os Jogos Pan-Árabes também representam uma oportunidade para fortalecer a identidade e união árabe, reforçando o pan-arabismo, movimento político pela união dos povos árabes. Essa ideologia já teve conotações de luta contra a dominação estrangeira, passando pela ideia de criação de um grande Estado árabe, até a projeção de um sentimento nacionalista que envolve mais de um Estado nacional. Assim, o sentimento de pertencimento a uma região com cultura, história e língua comum é reforçado nas competições esportivas regionais. Os jogos, no entanto, enfrentam algumas dificuldades: assim como a UAFA não é reconhecida pela FIFA, os Jogos Pan-Árabes não são reconhecidos pelo COI. Curioso, pois o COI reconhece outras competições regionais, na América e na Ásia. Vê-se que as edições dos Jogos não tiveram regularidade, devido a instabilidades econômicas e políticas enfrentadas por países árabes e à inconsistência no movimento pan-arabista, entre esforços pela união e fragmentação (HENRY; AMARA; AL-TAUQI, 2003).

Os primeiros Jogos Pan-Árabes ocorreram no Egito em 1953, país símbolo do Pan-Arabismo e que já possuía bom desenvolvimento nos esportes. Desde então, ocorreram mais onze edições em um período de 70 anos, ou seja, assim como a *Arab Cup*, não apresentaram regularidade, refletindo algumas crises na região: Revolução Argelina (1954-1962), conflito Israel-Palestina (1947-hoje), crise de Suez no Egito (1956) e Guerra do Golfo (1991). Os Jogos

foram sediados em países da região mais próximos do Mediterrâneo, onde influências coloniais ainda são mais sentidas. Curioso notar que a Arábia Saudita, país economicamente importante para a região árabe e grande financiador dos Jogos, nunca foi sede. A última edição, ocorrida em 2011, foi a primeira sediada por uma monarquia do golfo: o Catar. Pode-se atribuir o primeiro fato à Arábia Saudita ser resistente à participação de mulheres nos Jogos, algo que é previsto pela organização (devem ser oferecidas 12 modalidades esportivas para homens e 8 para mulheres); e ao segundo, aos esforços cataris de direcionar investimentos para a arena esportiva (HENRY; AMARA; AL-TAUQI, 2003).

Pode-se notar, portanto, uma dualidade na análise dos dois eventos esportivos citados. Enquanto, por um lado, representam oportunidades para reforçar o sentimento pan-arabista e mostrar para o mundo a força da união dos países árabes (capazes de organizar jogos regionais e mobilizar suas populações em torno de uma causa comum), por outro, acabam sendo reféns da instabilidade provocada por atores externos na região, além de suas entidades organizadoras não serem reconhecidas pelas autoridades do esporte mundial (FIFA e COI) (HENRY; AMARA; AL-TAUQI, 2003). Outra dificuldade à divulgação, estudos e reconhecimento é o fato de nenhum dos dois eventos possuir um *website* oficial. Notícias a respeito da *Arab Cup* previamente à chancela da FIFA são raras de encontrar, mais ainda artigos acadêmicos. Sobre os Jogos Pan-Árabes, há mais literatura, porém adotando uma visão mais negativa, não esperançosa do potencial dessa competição para o nacionalismo árabe. Assim como Ferabolli (2015) se posiciona, muitos autores não creem na união, mas sim na fragmentação da região, e as análises dos eventos esportivos árabes refletem este ponto de vista.

Espera-se que, com a chancela da FIFA, a *Arab Cup* seja realizada regularmente, motivando o desenvolvimento de outros esportes, além do futebol, no Mundo Árabe, além do reconhecimento da organização dos Jogos Pan-Árabes pelo COI. Infelizmente, este “despertar” está sendo proporcionado por meio do reconhecimento de entidades estrangeiras, sendo o processo incorporado “de fora para dentro”. Não está como um processo intrínseco ao Mundo Árabe, desenvolvido internamente por meio do incentivo à prática esportiva por governos, escolas e atores privados, para assim crescer e tornar-se característica presente na população árabe. Há espaço e oportunidade; é preciso investir e construir uma sociedade onde o esporte esteja constantemente presente e valorizado.

2.4 A PRESENÇA DO ESPORTE NA AGENDA DE ORGANISMOS REGIONAIS ÁRABES

Conforme analisado até aqui, é possível afirmar que o esporte possui papel relevante nas dinâmicas do Mundo Árabe, tendo participado como recurso de modernização da sociedade durante o período de reformas (final do século XIX e início do século XX), como reflexo da arena política e possível instrumento de cooperação intra-árabe e árabe com seus vizinhos, e como plataforma de visibilidade para reivindicações de direitos palestinos. Todavia, dentro da agenda de organismos multilaterais árabes, o esporte não é encarado como prioridade.

No Mundo Árabe, existem duas organizações relevantes: a Liga Árabe (LA) e o Conselho de Cooperação do Golfo (CCG). Enquanto o CCG é composto por 6 países da Península Arábica: Arábia Saudita, Catar, Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Omã e Kuwait, a LA aglutina estes e outros países árabes do Levante e do norte da África. Comparando as duas organizações, o CCG é mais homogêneo, tendo como fatores aglutinadores a economia centrada na exploração do petróleo e os governos monarquistas. No Golfo, o contrato social segue, basicamente, a seguinte dinâmica: indivíduos não são taxados com impostos, mas ainda assim gozam de ótima infraestrutura oferecida por obras públicas financiadas pelos governos; em troca, submetem-se a leis rígidas em relação às liberdades individuais (FERABOLLI, 2015; SECRETARIAT..., 2022).

Já a Liga Árabe aglutina países que, mesmo compartilhando língua, cultura e história comuns, apresentam maior diversificação em relação a tipos de governo, religião e economia, sendo mais difícil, portanto, coordenar políticas para a região. A sede do CCG é na Arábia Saudita, e a da LA no Egito, o que reflete características dessas organizações: a primeira é mais motivada por fatores econômicos, ou seja, sua sede reflete o poder econômico do país, enquanto a segunda tem bases culturais e identitárias – seguindo a lógica do Egito como expoente histórico do Pan-Arabismo (SECRETARIAT..., 2022; LEAGUE..., 2022).

Após a Segunda Guerra Mundial, houve uma tendência de institucionalização de políticas públicas de esporte no Mundo Árabe, por meio da criação de agências especializadas e Ministérios do Esporte, os quais promovem a interação de vários setores e mecanismos da política e sociedade. Alguns exemplos são o Egito, a Tunísia e o Marrocos. No Egito, o Alto Conselho para Juventude e Esportes é subordinado ao Primeiro Ministro; na Tunísia o Vice-Ministro tem sob sua responsabilidade o Ministério da Juventude e dos Esportes; e, no Marrocos, há também este mesmo ministério (VASCONCELLOS, 2011). Nos países do

Golfo, os Ministérios da Educação, Defesa e do Interior são responsáveis por atividades relacionadas ao esporte e juventude (THE COOPERATION COUNCIL..., 1995a). Enquanto isso, há espaço para a criação de agências especializadas na promoção do esporte dentro da LA ou do CCG, como há na ONU o programa *Sports for Development and Peace*, agência especializada para o uso do esporte a favor do desenvolvimento social dos países (SPORT..., 2022).

Na busca por fontes primárias, por acordos ou relatórios dos organismos regionais árabes, a língua é uma barreira, visto que só podem ser analisados os documentos traduzidos para o inglês. Na pesquisa, somente foi possível encontrar na biblioteca digital do CCG dois documentos de 1995 com referência a esportes:

- *Some Achievements of Youth & Sports Bodies in the GCC Countries during the first decade of the International Youth Year, 1985 / 1995* (1995a);
- *Youth Scientific Activities in GCC States on the Occasion of Youth Innovation Exhibition for GCC States, to be held in Paris, 1995* (1995b).

O segundo documento apenas menciona esporte por estar atrelado às competências dos órgãos governamentais responsáveis por esporte e juventude. Já o primeiro, elaborado pelo Secretariado Geral do CCG, comenta sobre os feitos da década entre 1985 e 1995 na juventude árabe. O ano de 1985 foi escolhido pela Organização das Nações Unidas como o Ano Internacional da Juventude, propondo objetivos a serem trabalhados por agências especializadas a nível nacional e regional. Orgulhoso de seus esforços, o Secretariado Geral do CCG relaciona bem-estar e saúde à prática de esportes, sendo ele um grande contribuidor da educação física, mental e espiritual dos indivíduos, construindo sua moral e as bases para um futuro responsável como bons cidadãos (THE COOPERATION COUNCIL..., 1995a).

Alguns princípios são apontados como bases do documento, como a convenção olímpica, o bem-estar dos jovens, solidariedade internacional, colaboração público-privada e a crença no potencial do esporte e de grupos de escoteiros para a construção de uma sociedade melhor. A partir daí, o documento elenca algumas conquistas atingidas em 4 níveis:

- i) Local, de cada país membro do CCG: são citados campeonatos, festivais, grupos de voluntariado e exibições científicas, por exemplo, 1.200 competições esportivas no período de 1985 a 1995 nos países do Golfo;
- ii) Internacional, a partir de cada país membro do CCG: eventos internacionais organizados por autoridades nacionais, como festivais árabes da juventude, programas de intercâmbio e competições;
- iii) Regional, do próprio CCG: aqui há boa diversificação de eventos (41 tipos), e o

Secretariado Geral chama atenção para a cooperação público-privada em sua organização;

iv) Internacional, a partir do nível regional (“*joint international level*”): participação de delegação do CCG, composta por jovens de países-membros, em eventos fora da região, como Japão, China, Alemanha e França.

O documento finaliza com um tom positivo, de incentivo à continuação dos esforços pela realização de eventos que estimulem as capacidades da juventude árabe, seja por meio dos esportes, ciência, festivais e voluntariado. Ainda assim, não se pode deixar de destacar que o documento data de 27 anos atrás e que, desde então, não figura na biblioteca digital do Conselho de Cooperação do Golfo nenhum outro documento deste assunto. Nota-se, portanto, uma associação do tema dos esportes a temas relacionados à juventude, ou seja, de uso da prática esportiva e participação em competições para moldar a moral, os princípios e a saúde do jovem, a fim construir as bases para seu futuro (VASCONCELLOS, 2011; THE COOPERATION COUNCIL..., 1995a).

No Mundo Árabe, o esporte é relevante, mas não é prioridade na pauta de seus organismos, focados – principalmente – em temas de segurança e economia. Mesmo assim, eventos pontuais demonstram seu potencial para estimular a integração árabe e a interação cultural árabe (a nível político), e ao desenvolvimento pessoal (a nível individual). Esses eventos, somados à conjuntura atual de associação do esporte ao Mundo Árabe na mídia e diplomacia, graças à Copa do Mundo FIFA no Catar, abrem portas para a institucionalização do incentivo ao esporte na agenda regional árabe. O mundo é co-construído por diferentes atores, por meio de suas ideias e concepções sobre ele. Assim como a Liga Árabe e o Conselho de Cooperação do Golfo são organizações modeladas por – e modelam as ações de – seus Estados-membros e de outros do Sistema Internacional, o Comitê Organizador da Copa do Mundo de 2022 é uma instituição que modela as ações dos atores envolvidos no evento (desde atletas e jornalistas até autoridades governamentais) (WENDT, 1999). Nesse sentido, algumas discussões antes proibidas no Mundo Árabe hoje são pauta, como costumes de censurar o consumo de bebidas alcólicas (comumente comercializadas em Copas do Mundo em outros países) e a presença de mulheres como espectadoras do evento. É possível haver uma liberalização e mudança cultural árabe? Esses são pontos que estarão presentes nos debates dos seguintes capítulos deste Trabalho de Conclusão.

3 ESPORTE, IGUALDADE DE GÊNERO E REPRESENTATIVIDADE SOCIAL FEMININA NO MUNDO ÁRABE

O artigo 31 da Convenção sobre os Direitos da Criança da UNICEF (Fundo de Emergência das Nações Unidas para as Crianças) de 1990 defende que “a prática da educação física e o esporte são um direito fundamental de todos”. Sendo assim, é parte do papel de autoridades a garantia e o incentivo da prática esportiva a homens e mulheres, principalmente desde a escola (VASCONCELLOS, 2011).

Em diversos ambientes, mulheres são desvalorizadas frente aos homens: em competições esportivas, há esportes em que a premiação masculina é maior que a feminina; no mercado de trabalho, há casos em que homens e mulheres recebem valores salariais diferentes mesmo ocupando posições equivalentes. A luta feminista está presente tanto na sociedade ocidental quanto oriental, porém com nuances distintas e adaptadas às suas realidades. Segundo Golley (2004), no Mundo Árabe, o discurso feminista acaba sendo enfraquecido. Muitos árabes associam “feminismo” a sociedades ocidentais, com receio de que leve à desintegração de famílias e à adoção de comportamentos vulgares. Assim, há resistência inclusive por parte de mulheres árabes, tendo em vista que o movimento pode não ser respeitado e aceito socialmente.

Dentro da lógica construtivista, de utilização de conceitos como valores, identidade, e interesses coletivos para estudar as Relações Internacionais, é importante ressaltar que o esporte é uma instituição, atuando como modelador de interesses dos mais variados atores, desde o indivíduo até o governo nacional. Aqui, busca-se entender como o esporte atua modelando interesses de grupos sociais no Mundo Árabe, promovendo diminuição das desigualdades de gênero, maior representatividade e participação de mulheres na sociedade. A análise deste capítulo tem início com a hipótese de que o esporte tem papel diminuto, mas importante, frente a uma questão tão profunda como a busca por igualdade entre os gêneros – é uma questão histórica e estrutural, enraizada na cultura da região. Textos de autoras árabes e conversas informais com mulheres árabes (da Tunísia e do Egito), bem como com uma atleta brasileira que representou o país em um campeonato mundial no Catar, ajudarão a entender como a prática de esportes é (ou não) tradicionalmente incentivada no Mundo Árabe e de que forma o esporte pode atuar como instrumento de luta por direitos das mulheres.

A seção 3.1 aborda uma discussão sobre feminismo árabe e a mulher no contexto árabe-muçulmano, buscando apresentar uma visão crítica às obras que apenas refletem estereótipos de opressão e violência. A literatura que embasa essa seção é composta por

autoras árabes e do Sul Global. É seguida pela seção 3.2, focada no papel do esporte como reflexo de padrões, instrumento para trazer visibilidade à causa, e palco de luta e conquistas. Aqui, entram os relatos mencionados das conversas informais, assim como artigos de professoras de universidades árabes que se preocupam com questões sociais e de saúde pública. O fechamento do capítulo se dá com uma breve conclusão, levantando pontos para se refletir a respeito do perigo da generalização quando se estuda esporte e igualdade de gênero no Mundo Árabe.

3.1 A IGUALDADE DE GÊNERO E O FEMINISMO ÁRABE

Um bom ponto de partida para os estudos sobre feminismo árabe é o artigo da revista *Conjuntura Austral* “O Feminismo Árabe-Muçulmano à Luz da Teoria Feminista de Relações Internacionais” de autoras brasileiras. O objetivo de Souza e Moreira (2021) é elucidar diferenças de discurso entre mulheres teóricas do Norte e do Sul Global. Segundo elas, a desigualdade e dependência internacional é perpetrada até nos estudos sobre feminismo, tendo em vista que, mesmo propondo um movimento unitário, de sororidade global, as mulheres do Sul Global são colocadas como vítimas, enquanto as do Norte Global, salvadoras.

Busca-se romper com este paradigma, como fala Sibai (2016):

A epígrafe ‘mulher muçulmana com *hijab*’ simboliza um sujeito passivo de estudo, convertido em objeto de análise e intervenção de características bem definidas: monolítico, atemporal, analfabeto e sexualmente reprimido, é o símbolo da opressão feminina universal, vítima não salvável do sistema patriarcal; não fala, está incapacitado para a agência social e é definitivamente ‘inferior’. Ademais, sempre veste um véu ou *hijab* como símbolo de sua ‘sujeição’. (SIBAI, 2016, p. 114)

A presente monografia posiciona-se na mesma linha de pensamento do trabalho de Souza e Moreira (2021), de estudar o Mundo Árabe adotando uma perspectiva diferente da securitária, buscando mostrar como feministas árabes e muçulmanas contribuem para o feminismo do Sul Global. Nesse contexto, é importante “descolonizar o olhar da pesquisadora e da mulher do Mundo Árabe” (SOUZA, MOREIRA, 2021, p. 172), pois é extremamente comum reproduzir padrões de conhecimento que reforçam a divisão do mundo entre centro e periferia, entre desenvolvimento e subdesenvolvimento, um mais próspero e outro atrasado, que necessita de ajuda externa.

Spivak (2010) assemelha seu termo “subalternidade” com o orientalismo: enquanto os orientalistas não creem em uma produção feminista independente no Mundo Árabe, ao colocar mulheres árabes como subalternas, demanda-se a existência de um responsável para falar por elas. Assim, os discursos de mulheres do Sul Global são intermediados por intelectuais do Norte Global, perpetuando uma relação de dependência e reiterando laços colonizadores.

Mohanty (1984) chama atenção para a homogeneização de grupos sociais - neste caso, mulheres - nas análises. As populações do Mundo Árabe são, muitas vezes, colocadas “no mesmo pacote”, porém há individualidades nacionais e sub-regionais que não podem ser esquecidas. No contexto do feminismo árabe-muçulmano e do Sul Global, a generalização pode levar à crença de vitimização, posicioná-las, todas, sob a mesma experiência de discriminação, acesso limitado ao conhecimento e dificuldade de se posicionar como protagonistas da própria luta. Ademais, é importante notar os dois vieses do feminismo árabe: sob o olhar ocidental, que o coloca dentro do contexto de islamofobia e opressão; e sob o olhar árabe, de foco em gênero e direitos humanos.

Bilge (2010) preocupa-se com os estereótipos que feministas ocidentais carregam em relação a mulheres muçulmanas, por estas vestirem o *hijab* como forma de manifestar sua religiosidade. Aqui, nacionalidade (árabe) e religião (islamismo) se relacionam:

No feminismo árabe, a marcação identitária árabe e o contexto político do Mundo Árabe não explicitam a cisão entre o que é árabe e o que é islâmico, uma vez que a religião muçulmana é oficial ou majoritária nos países da região. Dessa forma, assim como o feminismo latino-americano é perpassado pela convivência com os reflexos sociais e institucionais do catolicismo, o feminismo árabe é perpassado pela convivência com estes reflexos, porém referentes ao Islã. (SOUZA, MOREIRA, 2021)

Dialogando com Golley (2004) - a ser melhor desenvolvida a seguir -, Bilge (2010) disserta sobre os dois usos do *hijab*: como símbolo de submissão feminina (viés ocidental) e como símbolo de resistência à europeização da sociedade árabe, de reafirmar valores identitários árabe-muçulmanos (viés pós-colonial). Conclui-se que não é recomendável estudar o feminismo árabe sob os olhos ocidentais / Norte Global / colonizador. Ninguém melhor do que mulheres árabes para refletir sobre seu próprio processo de busca por direitos e representatividade em sua região – o *Mundo Árabe*. E, a partir de seus estudos, pesquisadoras do Sul Global podem entender melhor essa realidade: um desafio, tendo em vista que, por exemplo, no Brasil, estamos localizados no Ocidente e recebemos influência direta dos EUA e

Europa. Não devemos desprezar a abordagem trazida pelo Norte Global, mas sim compreendê-la criticamente frente à do Sul.

Existe uma concepção ocidental de que “mulheres árabes só serão livres quando forem ‘como nós’” (SOUZA, MOREIRA, 2021, p. 177). É primordial problematizar a imagem de que o ideal para todas as mulheres é o desejo de conquistar emancipação, igualdade e direitos: para a realidade árabe, talvez viver longe de um ambiente bélico, livre de conflitos, fome e instabilidade seja um desejo mais importante que o primeiro. Ao observar a luta feminista como busca somente de direitos individuais, ignora-se o contexto da região árabe, onde seus indivíduos sofreram (e ainda sofrem) com intervenções externas, e “alivia” a responsabilidade externa pelos problemas enfrentados na sociedade árabe. Assim, somente o patriarcado árabe é culpado pela opressão a mulheres. Há resistência e desconfiança ao que é trazido pelo Ocidente, devido ao histórico de intervenções. Deste modo, a ajuda oferecida por organizações como UNICEF e ONU Mulheres são encaradas com resistência, não só pelo medo de elas camuflarem uma intervenção externa, mas também pelos princípios pregados sobre igualdade de gênero (que incorporam o conceito ocidental de alcançá-la, por exemplo, por meio da igual inserção no mercado de trabalho, um valor que não é necessariamente tão importante para o feminismo árabe).

Nawar Al-Hassan Golley é uma escritora e professora árabe da American University of Sharjah, nos Emirados Árabes Unidos, onde leciona, entre outros temas, sobre igualdade de gênero e direitos das mulheres. Seus livros e artigos publicados são, em grande maioria, sobre feminismo árabe e direitos das mulheres, como o artigo “*Is feminism relevant to Arab women?*” (GOLLEY, 2004), de grande contribuição para este capítulo. Nele, são discutidos os efeitos do feminismo, nacionalismo e colonialismo em mulheres árabes, por meio da defesa de que os três elementos se relacionam, mas se desenvolvem de forma independente. Segundo a autora, o feminismo árabe não nasceu como uma “importação” dos países colonialistas, mas sim como um movimento intrínseco às dinâmicas políticas e culturais árabes, que, por sua vez, foram influenciadas pelo contexto histórico, econômico e sociocultural do colonialismo. Ou seja, a consciência feminina árabe desenvolveu-se de forma independente às concepções tanto colonialistas quanto contra-colonialistas, e há espaço para conquistas de gênero no Mundo Árabe tal qual qualquer outro lugar do mundo.

“O feminismo árabe nasceu do conflito entre o estilo de vida otomano ultrapassado, tradicional e religioso e o novo, moderno, secular e capitalista estilo de vida europeu”

(GOLLEY, 2004, p. 529, *tradução nossa*).¹² Primeiramente, a busca por direitos das mulheres fez parte de um grande movimento pela reforma de práticas islâmicas: o “renascimento árabe”, período de modernização de instituições islâmicas que também gerou benefícios no desenvolvimento do esporte na região. Esperava-se que uma reforma pudesse contribuir para o ganho de direitos de mulheres em uma sociedade bastante rígida e machista. Segundamente, a luta por emancipação das mulheres acompanhou as lutas de libertação nacional árabes pela democracia e liberalismo social. Foi, portanto, uma fase do movimento feminista acompanhado e defendido também por homens árabes politizados. Infelizmente, houve certa decepção quando, assim que atingidos os objetivos políticos de independência, mulheres foram “recolocadas” em seu patamar anterior, de subordinação, e os mesmos homens que antes estavam lutando por democracia, liberdade e igualdade, agora voltaram a reproduzir padrões de desigualdade e discriminação de gênero.

Dialogando com Golley (2004), Souza e Moreira (2021) criticam os projetos modernistas árabes que, ao mesmo tempo em que conquistaram independência e renovaram suas instituições governamentais, mantiveram mulheres em funções domésticas, afirmando que este era seu papel na sociedade. Outra importante discussão é sobre os ganhos em representatividade feminina não terem sido equalizados entre mulheres de todas as classes sociais:

(...) o papel de inclusão das mulheres no sistema educacional e no funcionalismo público é tanto mais funcional que paradoxal, pois expressa um projeto político patriarcal de promover concessões que sirvam à manutenção do status quo nacional em momentos de crise econômica. Ademais, o eixo classista é perceptível, pois esses direitos formais tinham como favorecidas apenas as mulheres de classe média a alta. Ou seja, de qualquer forma, o Estado não promovia mudanças estruturais visando à igualdade de gênero e à igualdade social entre as próprias mulheres. (SOUZA, MOREIRA, 2021)

Por fim, o feminismo árabe vive um “esforço duplo”: internamente contra ordens sociais e religiosas e externamente contra a colonização europeia, que, por mais que não exista mais oficialmente, seus resquícios ainda são sentidos, e a ideia de dependência externa persiste, tanto pelo lado negativo, quanto pelo positivo, de admiração dos ideais europeus. Ou seja, o movimento foi moldado justamente em cima do modelo ao qual estavam resistindo.

¹² “*Arab feminism was born out of the struggle between the dying, traditional, religious, feudal Ottoman way of life and the rising, modern, secular, capitalist European ways of life.*” (GOLLEY, 2004, p. 529)

Discursos orientalistas afirmam que o movimento feminista árabe é uma mera reprodução do feminismo praticado por mulheres estadunidenses e europeias. Alguns chegam a afirmar que a vida de mulheres árabes é tão diferente das ocidentais que não é possível desenvolver qualquer forma de luta por direitos das mulheres na região árabe. Estes argumentos andam lado a lado com preconceitos e visões estereotipadas:

Para muitos ocidentais, ainda hoje, a expressão “mulher árabe” é associada a mulheres isoladas, vestidas com lenços e burcas, cujas vidas consistem em nada mais do que suas casas, seus filhos e filhas e outras mulheres do harém ou de seu círculo familiar próximo. (GOLLEY, 2004, p. 522, *tradução nossa*)¹³

Golley (2004) busca romper com paradigmas e equívocos referentes a dois conceitos que são utilizados por sociedades ocidentais de forma preconceituosa e pejorativa: *hijab* e harém. Ao trazer revisões históricas sobre a origem dos termos, a autora procura dissociar a ideia de opressão ao uso do *hijab* (vestimenta usada por mulheres árabes e muçulmanas que cobre, geralmente, ombros, cabelos e pescoço) e com a visão pejorativa do harém (que representa um conjunto de mulheres sob posse de um homem - e sua ideia é associada à prática da poligamia por homens muçulmanos). Na verdade, a palavra harém deriva da palavra árabe “*haraam*”, que significa sagrado, proibido e inviolável, e foi utilizada para denominar espaços fechados onde mulheres foram aprisionadas ao longo da história. Nesses ambientes, por mais que se associe a ideia de limitação da liberdade, do direito de ir e vir, também floresceram diversas trocas positivas entre as mulheres, desde laços de amizade até produções literárias, poesias e ciência.

Quanto ao *hijab*, há uma crença de vínculo entre seu uso e a religião islâmica, sob a ideia de que mulheres muçulmanas são obrigadas a utilizá-lo. Todavia, a origem do uso dessa vestimenta – que, linguisticamente, significa algo que esconda, separe ou indique como proibido – é posterior à origem do Islã: segundo Fatima Mernissi (2002), ele foi introduzido a muçulmanas no quinto ano do Islã. Naquela época, mulheres não gozavam de segurança nas ruas, podendo sofrer abusos por parte dos homens. Assim, o *hijab* surgiu como um sinal de indicação das condições sociais e matrimoniais das mulheres: as primeiras a utilizarem pertenciam à família do profeta, e assim, eram distinguidas das outras, e o uso do *hijab* evitava

¹³ “(...) for most Westerners, even today, the phrase ‘Arab woman’ conjures up heavily veiled, secluded women, whose lives consist of little more than their homes, their children and the other females in the “harem” or immediate kinship circle”. (GOLLEY, 2004, p. 522)

que homens se dirigissem a elas.

Há casos em que vestir o *hijab* é encarado por mulheres árabes como opressão e limitação de suas liberdades individuais, e casos em que mulheres adotam seu uso como parte de sua identidade cultural, sentindo-se mais empoderadas e alinhadas à sua essência e história ao vesti-lo:

O irônico é que, enquanto as feministas do século XX lutavam para descartar o *hijab*, hoje acompanhamos debates acalorados em alguns países ocidentais – entre comunidades muçulmanas e governos – a respeito do direito de estudantes e alunas muçulmanas poderem vestir o *hijab*. (GOLLEY, 2004, tradução nossa)¹⁴

Curioso notar que, em países ocidentais, onde o liberalismo social é mais defendido e, em tese, praticado, há proibição de uso da vestimenta cultural-religiosa por parte de algumas mulheres. Ou seja, mesmo em um país liberal, há opressão, e a liberdade é válida somente para algumas. Ademais, Golley afirma que a escolha voluntária por usar o *hijab* ocorre também em países islâmicos, principalmente em situações de defesa de sua própria cultura e história:

Em países rigidamente islâmicos como Irã e Arábia Saudita, o *hijab* é sancionado e mulheres que não o vestem são penalizadas. Em outros países islâmicos, algumas mulheres usam o *hijab* como sinal de comprometimento. Durante a Revolução Iraniana de 1977-1979, por exemplo, mulheres iranianas vestiam o *hijab* como protesto e afronta ao regime do Xá, além de um símbolo de devoção e fé à identidade islâmica. Portanto, tanto vestir quanto descartar o *hijab* em diferentes situações representam o envolvimento e luta política feminina islâmica. (GOLLEY, 2004, p. 525, tradução nossa)¹⁵

Alguns exemplos ajudam a perceber que mulheres árabes se envolvem, sim, com questões políticas no Mundo Árabe, contrariando a visão orientalista de que vivem segregadas, insuladas ou alienadas nos haréns. Na sociedade árabe, a esfera privada (da família) influencia

¹⁴ “It is ironic that, whereas early 20th century feminists (...) fought to discard the veil, we hear today of heated debates between Muslim communities and the governments in some Western countries on whether Muslim schoolgirls should be allowed to wear the veil.” (GOLLEY, 2004, p. 522)

¹⁵ “In strict Islamic countries such as Iran, Saudi Arabia and others, the veil is sanctioned and women who do not wear it are penalised. In other Islamic countries, some women wear the veil as a sign of commitment. During the Iranian Revolution of 1977-79, for instance, Iranian women wore the veil as a sign of defiance against the Shah’s regime and as a sign of devotion to an Islamic identity. Thus both wearing the veil and discarding it in different situations should be seen as symbolising political struggle and women’s political agency.” (GOLLEY, 2004, p. 525)

diretamente a esfera pública (fora do ambiente familiar), no sentido em que princípios e valores cultivados regem decisões políticas dos homens da família. Historicamente, graças à troca de conhecimento e ao desenvolvimento intelectual de mulheres no harém (ou “*women’s quartier*”), envolvendo-se em produções literárias e de poesia, e estudos históricos e científicos, elas desempenham um papel importante nas decisões econômicas e políticas de seus maridos.

Além disso, a própria unidade familiar desempenha funções políticas, econômicas e sociais, então não há sentido em desenhar uma linha rígida entre as esferas públicas e privadas (GOLLEY, 2004, p. 526). Essa mescla é atestada também nas monarquias do Golfo, onde política e capital público e privado se misturam, uma família governa e indica familiares e amigos para cargos administrativos, as receitas públicas são riqueza da família e vice-versa... São dinâmicas próprias da região, as quais, ao serem estudadas, é imprescindível evitar estereótipos e compreender essa outra realidade.

3.2 O ESPORTE COMO REFLEXO DE PADRÕES SOCIAIS ÁRABES E PLATAFORMA PARA REPRESENTATIVIDADE FEMININA

Susan Dun, professora da *Northwestern University in Qatar*, escreveu um artigo com resultados de sua pesquisa relacionada ao incentivo que a crescente participação de atletas cataris em competições esportivas pode gerar em mulheres jovens e adultas no país. A autora faz uma contextualização do desenvolvimento histórico do Catar a partir de meio século atrás, quando, motivado pela descoberta e exploração de petróleo na região, houve uma rápida transição no estilo de vida da população. Uma economia que antes era baseada em pesca e agricultura, nomadismo e pequenas trocas comerciais, tornou-se parte da economia global, com grande acúmulo de riqueza, urbanização e sedentarização – todas essas mudanças em um período de tempo de apenas uma geração (DUN, 2016).

Nesse sentido, os efeitos da globalização nos países do Golfo levaram a um novo estilo de vida – assim como ocorreu em outras partes do mundo – com aumento do consumo de *fast foods*, maior deslocamento em carros e transporte público, trabalhos em escritórios, etc. Esses fatores, somados a uma cultura que não costuma incentivar a prática de exercícios físicos, levou 4 países do Golfo (Kuwait, Omã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos) a figurarem entre os 10 países com maior incidência de obesidade em suas populações. No Catar, problemas como sobrepeso, obesidade e diabetes estão presentes, sendo indicadores alarmantes e que não devem ser ignorados (DUN, 2016).

Algo que tem potencial para contribuir na melhora dos índices de saúde na sociedade

catari é o fato de este país estar sediando diversos eventos esportivos internacionais. Além de criar uma cultura de valorização do esporte por parte da sociedade como um todo, há o incentivo pela maior participação de mulheres. Em 2011, Doha foi cidade-sede dos Jogos Pan-Árabes, que contou com grande participação de atletas femininas. A edição de 2012 dos Jogos Olímpicos foi a primeira da história em que o Catar enviou atletas femininas. Em 2021, foi sede do Campeonato Mundial de Padel, contando com a participação da seleção brasileira. Envolveu-se com COI e FIFA ao disputar pela sede das Olimpíadas de 2016 e, em 2022, sediará a Copa do Mundo. Estas entidades reconhecidas mundialmente vêm acompanhando tendências de reivindicação de direitos iguais para homens e mulheres. Como forma de incentivar a prática esportiva igualitária, essas organizações promovem difusão de novas práticas a clubes, times e grupos sociais, normalizando a participação de ambos os gêneros no esporte.

O Campeonato Mundial de Padel de novembro de 2021 foi organizado pela *World Padel Tour* (WPT), a qual apenas recentemente oficializou a igualitária premiação monetária entre homens e mulheres em seus torneios. A notícia foi divulgada nas redes sociais oficiais da organização no dia internacional da mulher (8 de março de 2022), data simbólica e importante para a causa. As partidas de padel são disputadas em duplas masculinas e duplas femininas, não havendo times mistos, e as seleções possuem atletas femininas, que disputam jogos contra as seleções femininas de outros países, e o mesmo ocorre com os homens. Por meio de uma conversa informal, uma atleta da seleção brasileira relatou sobre sua experiência em Doha, chamando atenção para alguns fatores que retratam desigualdade de gênero: pouquíssima presença de mulheres na arquibancada dos jogos; membros de cargos mais elevados do comitê organizador eram homens (no caso de haver mulheres, estas eram estrangeiras); e a única seleção árabe de padel era a do Catar, sendo composta somente por atletas masculinos.¹⁶

A jogadora brasileira ressaltou sua surpresa com a desigualdade social no país, sendo possível ver áreas da cidade de Doha com realidades muito discrepantes, evidenciando riqueza vs. pobreza em um dos países conhecidamente mais ricos e desenvolvidos do Mundo Árabe. Percebeu a quantidade de mão-de-obra barata preenchida por imigrantes estrangeiros, chegando a haver, dentro do complexo esportivo da competição, pessoas designadas para simplesmente abrir uma porta ou indicar o caminho até a quadra dos jogos. Como mulher, dentro do ambiente da competição, sentiu tratamento igual ao dos homens, como se estivesse em países ocidentais, podendo circular com o uniforme da seleção (que não segue os parâmetros de vestimentas árabes-muçulmanas) normalmente. Caso saísse desse ambiente, percebia olhares de julgamento

¹⁶ Conversa entre a autora e a entrevistada.

por parte de homens, mulheres e crianças, as últimas desacostumadas a ter contato com estrangeiros e outros costumes materializados no modo de se vestir. Por fim, a atleta destacou que “regras são regras e ponto” e que, na cultura árabe catari, a demonstração da hierarquia é importante e se dá por meio da escolha de vestimentas, jóias e bens, como carros de luxo.

Quanto à participação de mulheres árabes em esportes e atividade física, é fundamental estudar o tema tendo consciência dos costumes da religião islâmica em relação às mulheres. Sfeir (1985) destaca a importância de não generalizar, e reconhecer que “existe o islamismo árabe, o islamismo iraniano, o islamismo turco, o islamismo indonésio, etc., os quais possuem atitudes diferentes sobre o papel e *status* das mulheres” (p. 301, *tradução nossa*)¹⁷. Sendo assim, não são somente os costumes religiosos que são determinantes, mas também condições culturais, econômicas, políticas, históricas e educacionais de cada país e região. Segundo Sfeir (1985),

Sociedades islâmicas tradicionais criaram barreiras pessoais personalizadas para mulheres, como o uso do *hijab*, isolamento e segregação de gênero. Esses costumes foram, sobretudo, incorporados de culturas não-islâmicas. (...) Mulheres muçulmanas ainda são cativas em uma sociedade que as instrui obediência, dependência econômica em relação a homens e confinamento a trabalhos do lar e procriação. Assim, a participação em esportes pode ser considerada contrária aos valores tradicionais. (SFEIR, 1985, p. 300)¹⁸

Desde a escrita de Sfeir até hoje, houve avanços graças à difusão de informação, luta mundial por direitos de gênero e propagação de novas práticas por parte de organizações esportivas internacionais. No entanto, ainda há campo para mais conquistas. O interessante é que, ao contrário de concepções nutridas pelo ocidente, não há fatores puramente de origem religiosa que restrinjam mulheres da participação em esportes, e acredita-se na valorização da saúde e desenvolvimento de força física por meio da atividade física (DUN, 2016; SFEIR 1985). O que Dun (2016) aponta como fatores que *podem* contribuir para a resistência feminina à

¹⁷ “There is no one Islamic society, but a multiplicity of social structures all claiming loyalty to Islam. There is the Arab Islam, Iranian Islam, Turkish Islam, Indonesian Islam etc., which all have different attitudes towards woman’s role and status. These different attitudes are related to differences in the complexity of the society and the impact of the whole complex of culture, of economic, religious, political and educational systems.” (SFEIR, 1985, p. 301)

¹⁸ “Traditional Islamic societies set up barriers of custom-defense around women, like veiling, seclusion and segregation of the sexes. These customs were mainly borrowed from non-Islamic cultures. (...) Muslim women are still captives in a society which instructs them to be obedient, economically dependent on men, and confined to housework and procreation. Therefore, participating in sport may be considered contrary to the traditional values.” (SFEIR, 1985, p. 300)

prática de exercícios são: i) evitar receber olhares de interesse masculinos (pois, caso isso ocorra, a culpa recai sobre a mulher, por comportamento “provocante”. A solução parcial do problema seria a prática esportiva segregada.); e ii) ter medo de tornar-se “menos feminina” (por afastar-se das atividades tradicionais da esfera doméstica).

Dun (2016) e Senarath e Liyanage (2020) concluem que a estrutura familiar, crenças e expectativas do círculo próximo de cada menina/mulher influencia e modela seus comportamentos, às vezes de forma mais relevante do que propriamente os costumes religiosos. Não se pode ignorar, no entanto, que as famílias refletem padrões da religião islâmica, sendo atores ativos no processo de criação de costumes religiosos e culturais, modelando-os e sendo modelados por eles. Mais um fator que desencoraja mulheres à prática esportiva é uma possível resistência do homem em sua família (pai, irmão ou marido), tendo que enfrentá-los para poder exercitar-se, seja em academias, seja em esportes (dentre alguns famosos no Mundo Árabe estão futebol, boxe, corrida, voleibol, natação e tênis) (SENARATH, LIYANAGE, 2020).

Futebol é, marcadamente, o esporte mais famoso da Tunísia, país de origem e residência de Nadja Latif, dona de uma empresa familiar de azeites de oliva. Nadja afirma que, pessoalmente, não acompanha o esporte, mas que é realmente uma “febre” na sociedade tunisiana. Entretanto, em termos de incentivos à prática de esportes desde a base/juventude, em escolas e/ou clubes, o governo tunisiano não tem como prioridade estimular estilos de vida mais ativos e saudáveis, seja para homens, seja para mulheres. Segundo a percepção de Nadja, esportes são um tema relacionado à saúde e não a questões de gênero; e na realidade tunisiana, não é comum a segregação de ambientes esportivos.¹⁹

Natural de um país onde houve, ao longo da história, constantes trocas culturais com a Europa, Nadja se diz “orgulhosa”, assim como a população tunisiana, por morarem em um país mais próximo dos valores ocidentais. O primeiro presidente do país, Habib Bourguiba, em seu governo de 30 anos (1957 a 1987), apesar de reconhecer a identidade islâmica, adotou políticas seculares, que incluíram conceder diversos direitos às mulheres. Dentre eles, estavam o abolimento da poligamia, a igualdade de gênero perante a lei, a legalização do divórcio, o estabelecimento de uma idade mínima para o casamento, e o direito à educação (MURPHY, 2022).

Em termos gerais, o incentivo à prática de esportes não é prioridade na cultura tunisiana, todavia, quando se praticam esportes em escolas (aulas de educação física) ou em academias, não há segregação. Nadja acredita que o governo tunisiano deveria oferecer melhor

¹⁹ Conversa entre a autora e a empresária. Seu nome real foi substituído para não divulgar sua identidade.

infraestrutura para a prática de esportes, construindo parques e clubes públicos, incentivando desde a infância a adoção de um estilo de vida ativo e saudável. O governo também deixa a desejar em termos de incentivo a carreiras de atletas profissionais, como por meio do oferecimento de bolsas de estudo em universidades. Hoje, quem pratica esportes na Tunísia o faz por iniciativa própria: não por incentivo de uma cultura nacional (reforçada por órgãos governamentais), mas sim por influência de padrões externos e acesso à informação. Além disso, vale ressaltar que Nadja, assim como grande parte de mulheres tunisianas, dispensa o uso do *hijab* como manifestação religiosa e identitária.

Samyra Sharik, egípcia de 28 anos, é representante comercial de uma empresa de azeitonas egípcias, e relata que a prática esportiva é incentivada na cultura de seu país, graças a seus benefícios físicos e mentais, contribuindo para uma melhora da saúde “como um todo”. Ao contrário de Nadja, Samyra veste o *hijab* quando em público, sendo parte de sua identidade como mulher árabe egípcia. Quando mais jovem, teve de lutar, junto com suas irmãs, pela autorização de seu pai para poder frequentar academias e centros esportivos, isto porque somente seu irmão praticava esportes. Após dois anos de discussão familiar, Samyra e suas irmãs conseguiram mostrar a seu pai a importância da prática de exercícios físicos, tanto para homens, quanto para mulheres, sem distinção; e, há 10 anos, Samyra considera-se fisicamente ativa. Hoje, está grávida e, além de continuar cuidando de sua saúde por meio de exercícios físicos como academia e natação, afirma que ela e seu marido incentivarão seu filho a praticar esportes desde cedo²⁰.

Podemos perceber que a ideia de que o tempo de lazer de mulheres árabes era preenchido por literatura e poesia (GOLLEY, 2004) demonstra algo ultrapassado. Ao longo da história, como em outras partes do mundo, vão surgindo novos interesses coletivos, espalhamento de ideias e valorização de diferentes princípios. Gerações passadas manifestavam uma maior valorização do intelecto, e, hoje, valoriza-se a saúde física e mental – ambos os fatores influenciados pela pandemia da covid-19, quando o mundo inteiro foi alertado sobre questões de saúde física, envolvendo também preocupação e receios mentais. A descrição de Samyra demonstra que, no Egito, tanto o governo quanto escolas incentivam a prática esportiva: em diversas escolas há piscinas, salas de ginástica, campos de futebol e quadras de voleibol.

Os resultados da pesquisa da professora Dun (2016), corroboram a ideia de que o círculo próximo de convívio muçulmano tem grande influência sobre a participação de mulheres no esporte. Dun buscou descobrir quem é mais relevante como inspiração para o envolvimento de

²⁰ Conversa entre a autora e a pessoa citada. Seu nome real foi substituído para não divulgar sua identidade.

meninas e mulheres no esporte: atletas profissionais ou pessoas de seus círculos de convivência próximos. Mesmo com maior atenção midiática a atletas, a maioria das participantes indicou pessoas próximas (como pai, irmão, amiga ou treinador) como sua inspiração. No Catar, há esperança de que meninas sejam guiadas pelo exemplo de atletas árabes olímpicas, como manifestado por Sheikh Saoud Bin Abdulrahman Al-Thani: “espero que o maior envolvimento de mulheres no esporte possa representar exemplos e modelos nos quais crianças irão se inspirar (...). Isto só poderá trazer bons frutos ao Catar” (DUN, 2016, p. 52, *tradução nossa*)²¹. No Egito, Samyra nos dá tanto exemplos de amigas pessoais que se dedicam a esportes quanto de duas atletas egípcias profissionais de karatê e taekwondo, que, para ela, representam verdadeiros exemplos de força e determinação femininas.

Ambas as atletas utilizam o *hijab* em competições internacionais, mantendo, portanto, um traço importante de sua identidade, independentemente do local e situação onde estejam. Hedaya é medalhista olímpica e campeã africana e árabe de karatê, e Feryal é campeã olímpica, mundial, africana, mediterrânea e árabe de taekwondo.

Figuras 2 e 3:

Atletas egípcias, Feryal de karatê (à esquerda), e Hedaya, de taekwondo (à direita)



Fontes: Ashraf (2022) e Malak (2022).

Um estudo similar ao da professora catari (DUN, 2016) foi realizado por Laila Alkilani, também professora, porém do país vizinho: Arábia Saudita. Alkilani (2021) também atribui consequência dupla em relação ao processo de globalização nos países da península do Golfo.

²¹ “(...) a higher involvement of women in sport means more female role models whom our children can look up to. This can only be good for the future of Qatar.” (DUN, 2016, p. 52)

Positivamente, por um lado, há o fomento da participação de mulheres na arena dos esportes, espelhando-se em práticas de outros países e incorporando incentivos externos, de organismos esportivos internacionais. Por outro lado, a globalização provocou mudanças de estilo de vida da população, ocasionando maior incidência de indicadores negativos de saúde pública, como obesidade e diabetes (ALKILANI, 2021).

A Arábia Saudita mostra-se ser um país mais fechado culturalmente para o intercâmbio com nações ocidentais do que o Catar, tendo em vista toda a mobilização deste último com eventos esportivos internacionais. Em um país onde mulheres alcançaram o direito ao voto em 2015 e a possibilidade de dirigir um carro e de assistir presencialmente a partidas de futebol somente em 2018, poder se exercitar em locais segregados (pelo menos) já é uma grande vitória. O *wahabismo*, regime político com bases religiosas – de interpretação rígida e ortodoxa da religião islâmica – tem caráter de controle moral da população, principalmente das mulheres (7 COISAS..., 2017; DIA..., 2018).

São impostos códigos de vestimenta (obrigação do uso da “*abaya*”, uma túnica larga e solta preta cobrindo o corpo, cabelos e rosto, somente ficando livre a região dos olhos) ao andar em lugares públicos onde homens que não sejam de seu círculo familiar estejam presentes; segregação de espaços (por exemplo, andares de prédios comerciais divididos entre aqueles destinados a homens e a mulheres); e subordinação (conhecido popularmente como o sistema de “tutela”, no qual mulheres dependem da companhia de um homem, seja pai, seja marido, seja irmão, para realizar atividades básicas, como simplesmente caminhar nas ruas) (7 COISAS..., 2017).

Como prova de que a realidade de países árabes tem características e desenvolvimento histórico muito diferente do ocidental é que, mesmo com tantas restrições à liberdade individual das mulheres, elas representam indicadores positivos e melhores do que em muitas outras regiões do mundo em relação à educação. O número de mulheres que concluem ensino superior na Arábia Saudita é superior ao de homens no país, ou seja, a educação é valorizada para mulheres, mesmo estudando em instituições segregadas (7 COISAS..., 2017). Nesse sentido, contesta-se o estereótipo criado pelo Ocidente de que mulheres árabes-islâmicas são oprimidas em *todos* os aspectos de suas vidas. É importante, portanto, pesquisar, perguntar e, principalmente, ouvi-las, ler obras produzidas por mulheres que cresceram e vivem nestes países estudados, e interpretar com visão e pensamentos críticos.

Assim como as dinâmicas árabes são diferentes das dinâmicas de outras partes do globo, na própria região há variação também. Motivações políticas, religiosas e históricas, de maior contato e miscigenação com colonizadores, além da distância do antigo centro de poder do

Império Otomano, permite que países como a Tunísia sejam menos rígidos em relação às liberdades individuais femininas do que a Arábia Saudita, por exemplo. Sendo assim, a luta por direitos das mulheres se dá de forma distinta a depender de onde está localizada. A simples incorporação do feminismo ocidental não é bem recebida tanto por homens quanto por mulheres árabes. Quanto à forma de luta, Alkilani (2021) a adoção de uma “resistência legítima” (“*rightful resistance*”, em inglês), ou seja, dentro das normas e leis do local (evidenciando que a prática de exercícios físicos faz parte do papel e deveres da mulher na sociedade) pode ter resultados mais eficientes do que uma postura combativa.

“Elas não estão em oposição ao regime, mas defendendo reformas em favor de maiores direitos para mulheres” (ALKILANI, 2021, p. 2, *tradução nossa*)²². Nesse processo, deve-se valorizar os ganhos em bem-estar, saúde física e mental, sendo a busca pelo direito de praticar esportes um elemento de uma mudança cultural mais profunda promovida pelo feminismo árabe. Negociam-se, assim, novas normas e legislações, criando organizações e suscitando maior consciência social. Também se chama atenção para problemas de saúde como obesidade e diabetes gerados pela sedentarização e rotina com pouca preocupação com hábitos saudáveis, como alimentação e prática esportiva. O futebol, por exemplo, é uma paixão no Mundo Árabe, tanto para homens quanto para mulheres; e vem sendo visto um aumento da participação de atletas árabes em competições, atuando como exemplo para jovens mulheres. Portanto, a busca por saúde, aliada à paixão pelo futebol incentiva o envolvimento de mulheres árabes no esporte.

3.3 O “MOSAICO” INTRA-ÁRABE NAS QUESTÕES DE GÊNERO E ESPORTE

A fim de apresentar um fechamento ao capítulo, é importante retomar a hipótese inicial, de que a busca por igualdade de gênero é uma questão social maior do que o esporte, sozinho, pode dar conta. Isso não exclui, no entanto, seu potencial em servir como ferramenta ou instrumento para reivindicações e conquistas. Acreditava-se que sociedades árabes não incentivavam o esporte, no entanto, o que vimos é que há países com maior grau de incentivo do que outros. Há uma tensão entre pressões externas e internas à região árabe que influencia diretamente a participação de mulheres na arena esportiva: enquanto organizações internacionais pressionam autoridades a incentivar mulheres a seguir carreiras como atletas, muitas são estrangidas em um ambiente familiar e social conservador, os quais veem até

²² “*They are not in opposition to the regime, but supportive of reforms in favor of increased rights for women*”. (ALKILANI, 2021, p. 2)

como inaceitável mulheres se tornarem profissionais de futebol, por exemplo. Como meio de buscar esse sonho, futebolistas cataris escolheram participar de times dentro de suas universidades, evitando entrar em conflito com suas famílias, pois, ao associar a prática esportiva com seus estudos, diminuem as conotações negativas referentes à perda de feminilidade e ao afastamento de suas atividades designadas como mulher (REICHE; SOREK, 2016).

Pode-se notar que, dependendo do país, a realidade muda. Isso se dá pois o Mundo Árabe é uma região cujos países-membros têm, sim, similaridades (como a história e língua comuns), porém apresentam diferenças que não podem ser ignoradas. Contato com colonizadores, maior ou menor independência frente ao Império Otomano, desenvolvimento econômico, etc. são alguns dos muitos fatores que atestam que a região é composta por um “mosaico” de países, cada um com suas dinâmicas próprias dentro de uma estrutura maior. Ao mesmo tempo, são influenciados por ela e a constroem/modelam. Nesse sentido, não se pode generalizar a análise de gênero no Mundo Árabe, bem como a de gênero e esportes, pois cada região possui dinâmicas únicas, e cada mulher participa da busca por direitos de uma forma, definindo sua atuação como sujeitos políticos e também construindo o movimento.

O que se buscou mostrar neste capítulo foram diferentes pontos de vista, trazendo obras de autoras árabes, bem como relatos de mulheres da região, tendo em vista a necessidade de nos afastarmos de estereótipos que dificultam o real entendimento das dinâmicas dessa parte do globo. Mesmo com avanços e oportunidades, não se pode ignorar que árabes e estrangeiras ainda estão suscetíveis a sofrerem discriminação, vide caso de uma mexicana membro do comitê organizador da Copa do Mundo do Catar. Paola Schietekat sofreu violência sexual por um homem catari e, ao denunciar o caso a autoridades, quem levou a culpa foi a própria vítima, sendo condenada a sete anos de prisão e 100 chibatadas por envolver-se em um “caso extraconjugal”. A mexicana adepta ao islamismo há muitos anos entrevistou junto à embaixada do México, asilou-se em seu país natal e, até o momento de escrita desta monografia, está negociando sua volta ao Catar (DIAS, 2022). O caso tomou proporções mundiais devido à preocupação quanto à próxima Copa do Mundo, que ainda nem iniciou e está tomada por controvérsias e questionamentos.

4 ESPORTE, INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAPITAL E PRESTÍGIO INTERNACIONAL ÁRABE

Após a Segunda Guerra Mundial, houve uma mudança na visão do esporte por parte dos governos. A prática esportiva, que servia para a preparação e lazer de soldados, para a inserção social de imigrantes e minorias raciais, começou a ser vista como potencial para o desenvolvimento econômico e prestígio internacional dos Estados, sendo o incentivo ao esporte um indutor para uma imagem internacional positiva (VASCONCELLOS, 2011). Vimos no último capítulo que há, também, a relação do esporte com o bem-estar e saúde da população, sendo importante instrumento de política pública interna (DUN, 2016; ALKILANI, 2021). Agora, veremos a relação do esporte com a economia, por meio da internacionalização do capital do petróleo (direcionando-o para investimentos esportivos) e política externa dos países árabes, de criação de uma nova imagem que possa romper com a ideia de que só há “petróleo, deserto, conflitos e opressão” na região.

A seção 4.1 é dedicada ao esforço de relacionar o conceito de *soft power* ao construtivismo, abordagem teórica da presente monografia. O conceito é apresentado nessa altura da monografia por conta do empenho nos capítulos anteriores de utilizar outra ótica, que não a do *soft power*, para estudar esporte e RI. Na seção 4.2 deste capítulo, a Copa do Mundo FIFA 2022, após ter sido constantemente mencionada ao longo deste trabalho, vira protagonista da discussão. Assim, aqui cabe o uso do conceito de Nye (2004) para relacionar o evento ao ganho de poder (*soft*) internacional do Catar. Questões envolvendo a imagem externa do país, as críticas às condições de trabalho e à liberdade de imprensa serão exploradas. A seção 4.3 parte da explicação do conceito de *sportswashing*, apresentando exemplos históricos de sua utilização, para aprofundar a recente emergência do tema graças à emergência da compra de times europeus e de jogadores renomados no mundo do futebol por fundos de investimento árabe, diretamente atrelados ao petróleo e às monarquias do Golfo, assunto ao qual se dedica a última seção deste capítulo. Importante comentar que o predomínio da análise apresentada dar-se-á nos países membros do Conselho de Cooperação do Golfo, pois são estes os atores principais nas dinâmicas estudadas, fato atestado pela bibliografia encontrada ter como foco esta sub-região dentro do Mundo Árabe.

4.1 PROJEÇÃO DE PODER (*SOFT*) INTERNACIONAL

Retomamos, neste capítulo, a discussão trazida na introdução, de estudar o esporte como

uma manifestação cultural, podendo contribuir para a mudança de costumes e da vida cotidiana da população. Ademais, as competições esportivas refletem e impõem normas de cultura, representando valores e integridade – nesse sentido, megaeventos esportivos são grandes “vitrines” para manifestação de boa imagem do país-sede que atua como símbolo de valores e integridade esportiva, um exemplo para o resto do mundo. Com a atenção da mídia, os olhos da população mundial e o fluxo de investimentos e capitais para a realização do megaevento, o país-sede tem ganhos de *soft power* (ou poder brando) no cenário internacional (VASCONCELLOS, 2011; REICHE, 2015; BRANNAGAN E GIULIANOTTI, 2015).

Aqui, aprofundaremos essa análise, relacionando o conceito de *Soft Power*, institucionalizado por Nye em seu artigo “*Soft Power: the means to success in world politics*”, de 2004, à abordagem teórica construtivista, que embasa este trabalho. O conceito e a teoria dialogam graças à valorização de fatores imateriais, como cultura e identidade para a compreensão das Relações Internacionais. Os múltiplos atores do sistema internacional interagem entre si por meio de relações de poder, e trabalham suas habilidades de afetar o comportamento do outro a fim de obter ganhos próprios. Essas habilidades são manifestadas em diferentes estratégias, as quais Nye enquadra em *hard power* e *soft power*. O intuito do primeiro é a coerção por meio de ameaças, ultimatums e imposições, na área militar (conflito) e econômica (sanções). Já no segundo destaca-se a persuasão por meio da cooperação e valores compartilhados nos âmbitos da cultura e política externa (NYE, 2004).

Quanto maior o poder, maior a relevância da nação no cenário internacional, e uma das formas de alcançar esse objetivo é por meio do investimento em cultura, mídia, arte, ajuda humanitária e esporte, ou seja, fatores que contribuem para ganhos de *soft power*. O esporte mobiliza interesses, sentimentos identitários nacionais e regionais, atrai holofotes da mídia e contribui para aumento do prestígio de um país. Dentre os efeitos positivos do investimento esportivo está a comunicação e cooperação entre os Estados, que, de quatro em quatro anos, colocam de lado divergências políticas, ideológicas e raciais para conviverem e competirem. Mesmo sendo um ambiente competitivo, uma Olimpíada ou uma Copa do Mundo facilita o diálogo entre Estados, levando à persuasão diplomática e melhor execução de itens das agendas de política externa dos atores mais relevantes. “Para Nye, o *soft power* não é somente influenciar e persuadir, mas também atrair, e a atração leva muitas vezes à aquiescência” (CAON, 2021, p. 32), ou seja à adesão/concordância de outros ao que o país deseja (NYE, 2004; VASCONCELLOS, 2011).

“O esporte, principalmente em suas maiúsculas manifestações esportivas,

mobiliza corações, mentes e ‘lentes’ e pode proporcionar, portanto, prestígio, poder e influência a seus atores e mentores. Como atores protagonistas, atletas obtêm fama e reconhecimento e servem de paradigma comportamental para a sociedade; da mesma maneira, só que em grau superlativo, os países, quando promotores oficiais desses eventos esportivos resplandecentes, veiculam comunicação social qualificada, projetam imagem institucional positiva e podem significar parâmetro respeitado e emulado pela comunidade das nações.” (VASCONCELLOS, 2011, p. 193)

Internamente, o processo de desenvolvimento do esporte envolve conjuntamente atores como: poder público, entidades culturais, escolas, ONGs comunitárias, empresas patrocinadoras e meios de informação de massa, todos atuando em favor da criação de uma cultura e estilo de vida que envolve a prática esportiva, além de incentivar a integração nacional por meio do suporte da comunidade a atletas e seleções, verdadeiros símbolos da nação. Externamente, os megaeventos esportivos são ferramentas para reforçar posturas políticas e culturais (graças ao engajamento das sociedades com o esporte), tarefa na qual, reuniões e eventos diplomáticos internacionais contribuem, mas podem ser insuficientes (VASCONCELLOS, 2011).

Conquistar *soft power* não é o resultado de medidas de curto-prazo, como sediar um megaevento esportivo. Ainda assim, a Copa do Mundo da FIFA e outros eventos esportivos podem ser elementos necessários – mas não suficientes – na construção de relacionamento de longo prazo com outros países. Desenvolver bons relacionamentos depende também de medidas em outras áreas, como cultura, educação, economia e política. (REICHE, 2015, p. 13, *tradução nossa*)²³

Seguindo meu papel como estudante brasileira produzindo conhecimento no Brasil, é interessante mencionar a associação do *soft power* brasileiro ao futebol e ao carnaval, que são, basicamente, as duas primeiras ideias que vêm à mente de estrangeiros quando falamos sobre nosso país. Cultivou-se, portanto, ao longo da história, uma imagem internacional do Brasil relacionada ao esporte e à cultura. E foi justamente apoiando-se em um desses fatores (o

²³ “*Gaining soft power is not the result of short-term measures such as becoming the host of a specific mega sporting event. However, the FIFA World Cup and other international sporting events can be necessary – but not sufficient – elements in building long-term relationships with other countries. Building such long-term relationships relies on various measures also in other areas such as culture, education, economics and politics.*” (REICHE, 2015, p. 13)

esporte) que o Brasil protagonizou um dos casos de sucesso mais relevantes de uso do futebol como ferramenta diplomática. Em 2004, o Jogo da Paz no Haiti simbolizou uma mudança de comportamento da população haitiana frente à MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti)²⁴: melhor do que levar somente tanques e militares para o Haiti, levar a seleção brasileira, campeã do mundo na época. Os jogadores foram ovacionados nas ruas do país: o amistoso serviu para reforçar a ideia de conexão da missão de paz ao prestígio do futebol brasileiro, apaziguando manifestações contrárias à MINUSTAH e contribuindo para a recepção e aceitação dos haitianos aos capacetes azuis da ONU (*informação verbal* ²⁵; CAON, 2021).

Utiliza-se o exemplo brasileiro para ilustrar de que forma diferentes atores contribuem para a co-criação da imagem de um país apresentada ao exterior. Por meio da propagação de fatores imateriais positivos, entidades governamentais, privadas e grupos sociais compartilham crenças, tradições, ideias, valores e normas, atuando na difusão cultural interna e externa. Ou seja, as identidades e os interesses dos atores são definidos pela interação social. Nesse sentido, o conceito de Nye é versátil a ponto de ser utilizado em um trabalho de abordagem construtivista, desde que explorado o foco cultural e diplomático que o autor dedica ao debate. Aspecto cultural este que é fortemente atrelado ao esporte internacional e às organizações que o regem: a FIFA orgulha-se de possuir mais membros do que a própria ONU, graças à prevalência dos princípios de autodeterminação e identidade cultural da organização. Composta por 211 membros, frente a 193 na ONU, a FIFA reconhece, inclusive, a soberania da Palestina, algo que pode influenciar a estrutura internacional, tendo em vista o reconhecimento e credibilidade da FIFA como importante organização esportiva internacional (VASCONCELLOS, 2011; EXTERCKOETTER, 2021; CAON, 2021).

4.2 A COPA DO MUNDO FIFA 2022 NO CATAR

Assim como a Liga Árabe e o Conselho de Cooperação do Golfo são modeladas por - e modelam as ações de - seus Estados-membros (e também de outros do sistema internacional), o Comitê Organizador da Copa do Mundo de 2022 do Catar é uma organização que modela as

²⁴ O Haiti, país localizado na América Central, é conhecido por ter rompido com sua antiga colônia francesa por meio de uma Revolução liderada por escravos. Desde então, teve muita dificuldade de receber apoio internacional para fins de desenvolvimento. Em 1991, o presidente Aristide foi deposto pelo exército, iniciando um longo período de instabilidade política, econômica e social no país. Os impactos foram tantos que levaram à ONU e à OEA (Organização dos Estados Americanos) a estabelecerem operações militares de paz. Em 2004, iniciou-se a MINUSTAH, sendo o Brasil um dos principais membros. (CORBELLINI, 2009)

²⁵ Informação verbal do professor Thomaz Santos, da UFSM, durante minicurso “Esporte” do XII Encontro Estudantil Regional de Relações Internacionais, ocorrido de forma *online* em dezembro de 2021.

ações dos atores envolvidos no evento (desde atletas e jornalistas até autoridades governamentais), contribuindo para mudanças culturais. Em realidade, a própria FIFA tem capacidade de influenciar igualmente as ações de outros atores (ou até de forma mais preponderante), se comparada à ONU ou organismos regionais.

A ser realizada entre os dias 21 de novembro e 18 de dezembro de 2022, a próxima Copa do Mundo segue uma tendência que acompanha a emergência de interesses de novos países na agenda internacional (em 2010, a sede foi a África do Sul, seguida pelo Brasil em 2014) e de escolha de sedes “inusitadas”, de países que não têm tradição no futebol, como no caso da Rússia em 2018. O Catar enquadra-se em ambas as hipóteses, ao mesmo tempo em que é um novo país se destacando na agenda internacional, possui pouca expressão no futebol. Também associam-se essas escolhas a crises e questionamentos sobre violação de direitos humanos – contra mulheres e população LGBTQ+ – e corrupção (tanto praticada internamente, quanto junto ao Comitê Executivo da FIFA). Após acusações de compra de votos na escolha das sedes de 2018 e 2022, o Comitê de Ética da FIFA realizou investigações e encontrou “alguns fatos que poderiam atentar contra a integridade do processo de atribuição dos Mundiais de 2018 e 2022, mas não suficientemente graves para colocar em dúvida a atribuição das sedes a Rússia e Catar” (COMITÊ..., 2014).

Sendo o *soft power* a habilidade de modelar as preferências de outros atores para conseguir aquilo que se quer, construindo a agenda internacional de acordo com seus interesses e influenciando outros sem ameaças ou pagamentos, pode-se dizer que os Estados que possuem maior habilidade de persuasão são aqueles que têm maior credibilidade e legitimidade no cenário internacional (NYE, 2004). Ser escolhido como sede de uma Copa do Mundo demonstra a credibilidade de suas instituições, afirmando ao mundo que podem confiar-lhe a missão de proporcionar estrutura e receber tudo que um evento dessa magnitude traz. Significa que a FIFA e o COI, como autoridades no segmento esportivo mundial, escolheram aquele país para receber um evento de altíssima relevância. O país deve conseguir proporcionar estruturas materiais e imateriais aos atletas, torcedores, voluntários, trabalhadores e jornalistas. A preparação vai desde a estrutura física, de instalações esportivas, imóveis, hotelaria, alimentação, até a imaterial, de capacitação de mão-de-obra, cursos de língua estrangeira e tratamento cordial a pessoas de outras origens do mundo.

Poucas atividades/movimentos atraem tanto a atenção das massas quanto o esporte (principalmente o futebol). Como a massa se identifica, líderes políticos decidem usar o esporte como ferramenta política, ganhando atenção e apoio da população. Assim, valores compartilhados contribuem para as relações de poder (REICHE, 2015). O Catar sabe que

depende do *soft power* como estratégia de segurança regional. Somado a ser um país pequeno territorialmente e em número de habitantes – 2,88 milhões, sendo muitos não-nacionais –, a região foi palco da Guerra do Golfo (1990-1991), quando o Kuwait foi anexado pelo Iraque, destino que o Catar busca se distanciar ao máximo (REICHE, 2015, p. 10). Diferentemente do Brasil e da África do Sul, sedes de Copas do Mundo (2010 e 2014) e Olimpíada (2016), que investiram nos ganhos de *soft power* com o objetivo de aumentarem seu poder regional, o Catar utiliza o *soft power* como ferramenta de defesa nacional. É essencial que o país seja seguro, longe de conflitos e de envolvimento com grupos terroristas – imagem da qual o Catar busca se dissociar.

Ao promover uma boa imagem do país à comunidade internacional, é estabelecido um sentimento de conexão e simpatia pelo Catar, que espera contar com o apoio e mobilização de outras partes do mundo caso sinta-se ameaçado (REICHE, 2015). O artigo “*Investing in sporting success as a domestic and foreign policy tool: the case of Qatar*” explora os motivos de o Catar estar investindo tão fortemente em esportes nas últimas décadas. Para Reiche (2015), a estratégia catari de “*sporting success*” está embasada em 3 dimensões: sediar megaeventos esportivos; destacar-se em quadros de medalhas de competições internacionais; e investir em clubes estrangeiros (a ser aprofundado na subseção 4.4).

O clássico de se ler quando se fala em uso político do esporte é sobre sua contribuição para a construção da nação, reforçando o nacionalismo, identidade e orgulho nacional. No entanto, no caso do Catar, o uso do esporte destaca-se para reforçar a imagem externa desse país, que se emancipou da dominação britânica apenas em 1971. Internamente, vê-se que o intuito de reforçar identidade nacional por meio do esporte não se aplica à realidade catari, pois a coesão nacional é gerada pela infraestrutura que o governo oferece a seus cidadãos, como educação pública de qualidade e serviços de saúde, sem que seus nacionais tenham de pagar altos impostos (em troca disso, quase não há liberdades individuais e políticas; o governo controla os costumes e a difusão de informação) (REICHE, 2015). Uma barreira aos esforços pela coesão nacional por meio do esporte é a presença de uma enorme população estrangeira não-nacional no país: em 2015, somente 24% dos moradores do país eram naturais do Catar.

Tabela 1:

Percentual de migrantes internacionais²⁶ residentes em países do Mundo Árabe

²⁶ O termo “migrantes internacionais” (*international migrant stock*) representa pessoas nascidas em um país diferente do que elas vivem atualmente. Este número inclui tanto imigrantes quanto refugiados. (INTERNATIONAL..., 2015)

País	Posição no Ranking Mundial	Índice mais recente (ano de 2015)
Emirados Árabes Unidos	1	88,4%
Catar	2	75,5%
Kuwait	3	73,6%
Bahrein	12	51,1%
Omã	18	41,1%
Jordânia	19	41%
Líbano	25	34,1%
Arábia Saudita	27	32,3%

Fonte: Elaborada pela autora (2022), com base em International... (2015).

Os dados foram apresentados pelo Banco Mundial, a partir da pesquisa demográfica da *United Nations Population Division* de 2015. Três países do CCG figuram no topo do *ranking* mundial. Dentre os mais relevantes deste índice no Mundo Árabe, estão os seis membros do CCG, Jordânia e Líbano, dois países vizinhos da Palestina e Síria (países que sofreram/sofrem com guerra civil), o que explica o alto percentual de migrantes em seu território. Quanto aos outros países da Liga Árabe, o cenário é o oposto. Marrocos, Argélia, Tunísia, Egito, Somália e Iraque possuem menos de 1% de sua população composta por imigrantes/refugiados. Os índices da Líbia e do Djibouti são um pouco mais altos, na média dos 12%, o que pode ser explicado pelo fluxo de refugiados de países com instabilidades no continente africano: a Líbia é uma grande passagem para aqueles que buscam refúgio na Europa (além de ser rica em petróleo), e o Djibouti é vizinho da Somália, país em guerra civil desde 1991) (INTERNATIONAL..., 2015).

É possível visualizar três tendências de migração intra-árabe, que representam indicadores sociais fundamentais do regionalismo árabe. É por meio dela que se comprova a integração árabe, compensando a falta de trocas comerciais e políticas da região. A principal tendência é de países abundantes em mão-de-obra para os países do Golfo ricos em petróleo.

De forma simplificada, o Golfo detém capital abundante e a parte árabe da África e o Levante possuem mão-de-obra em excesso, havendo complementaridade da economia regional. A segunda tendência é também partindo de países árabes de mão-de-obra abundante, mas desta vez rumo a países ricos em petróleo que não se localizam no Golfo, como a Líbia. Por último, há migração entre países da periferia árabe, que substitui parte da quantidade que emigrou para países ricos (FERABOLLI, 2015).

Figura 4:

Percentual de migrantes internacionais (mapa por intensidade de cor)



Fonte: International... (2015).

É importante pontuar que, mesmo havendo percentuais altos, os indicadores podem estar subestimados, devido a uma certa falta de vontade das autoridades do CCG em divulgar essas informações. Isso porque, segundo Ferabolli (2015), há um interesse de “mascarar” a real quantidade, a falta de auxílio a novos residentes (que podem não receber o direito de trabalhar) e a condição ilegal de alguns imigrantes. Além da migração intra-árabe, há um importante fluxo de mão-de-obra do sudeste asiático, que aceita remunerações extremamente baixas. E vem justamente dos imigrantes a fonte principal de trabalho nas obras para a primeira Copa no Mundo Árabe.

Aspectos sociais, fatores econômicos e relações de poder dialogam por meio do esporte.

Receber competições internacionais em seu país, bem como engajar a prática esportiva em momentos de lazer, são fatores atrativos para entretenimento de possíveis imigrantes de mão-de-obra qualificada, algo que o Catar quer estimular, tendo em vista que, hoje, o perfil de seus imigrantes corresponde a trabalhadores de baixa qualificação, fato inclusive destacado pela jogadora da seleção brasileira de padel entrevistada no capítulo 3. Verifica-se, portanto, o olhar voltado à qualidade de vida da população, colocando em diálogo o objetivo de lazer com o de saúde pública: as doenças crônicas, como diabetes e obesidade, geradas pela riqueza e estilo de vida sedentário, e da cultura histórica de não incentivo ao esporte, começaram a preocupar autoridades cataris (REICHE, 2015).

Além disso, o fomento à prática esportiva auxilia no projeto de transformar o Catar em uma nação desenvolvida até 2030, melhorando índices como o IDH para subir no *ranking* mundial. “Incentivar a população a praticar esportes regularmente é mais desafiador do que construir estádios. É uma missão que precisa de mudanças culturais que podem levar gerações para se concretizar” (REICHE, 2015, p. 13, *tradução nossa*)²⁷. Em relação à busca por *sporting success* por meio da performance de atletas cataris, também mostra-se necessário o investimento de longo prazo – mas a estratégia rápida catari para incremento de eficiência foi uma política pública de naturalização, proporcionando a participação de atletas que podem não ser de origem árabe e/ou nacionais do Catar representando o país em competições internacionais (REICHE, 2015). O mesmo é observado em diversas seleções do mundo, bem marcadamente a francesa, de maioria árabe-africana originária de suas ex-colônias.

Foi exposto até aqui o ponto de vista de ganhos de *soft power*, mas vale mencionar o argumento dos autores LaMay (2019) e Brannagan e Giulianotti (2015), que apresentam a possibilidade de ocorrer um fenômeno inverso, de *soft-disempowerment*, ou seja, de perda de poder brando a partir da escolha do Catar como sede da Copa do Mundo de 2022. Infere-se a isso uma união de fatores, tanto a respeito do país em questão (envolvendo o conservadorismo social e político, o regime monárquico não-democrático, e o controle moral da população, manifestado na proibição da homossexualidade e restrição de liberdades individuais), quanto envolvendo a ocasião de escolha de sede (acusações de compras de votos).

“Se há um ‘câncer moral’ no mundo do futebol, o Catar não é a fonte” (LAMAY, 2019, p. 111, *tradução nossa*)²⁸. O país árabe não está sozinho, outros países também estariam dispostos a comprar votos de membros do Comitê Executivo da FIFA. LaMay (2019) aponta

²⁷ “To encourage people to regularly do sport is more challenging than building stadiums. It needs a major cultural change that might take generations.” (REICHE, 2015, p. 13)

²⁸ “(...) if there is a moral cancer in world football, Qatar is not its source.” (LAMAY, 2019, p. 111)

que, antes de 2010, a visão ocidental sobre o Catar era de um país que representava a modernidade no Oriente Médio, destoando do perfil conservador e opressor de seus vizinhos. Após 2010, ano em que o país conquistou o direito de sediar a Copa do Mundo, o discurso ocidental mudou: a partir daí, foi taxado como monarquia conservadora e inimiga da democracia. E é justamente essa dualidade que caracteriza o pequeno país da Península Arábica, uma mistura de tradicionalismo com modernismo. Na ocasião da Copa do Mundo, tradição, religião e cultura árabe serão desafiadas frente às pressões de patrocinadores, como as empresas de bebidas alcoólicas, cujo consumo no país é proibido de acordo com os costumes da religião islâmica. Mesmo assim, serão comercializadas bebidas alcoólicas nos estádios, assim como já é praticado em hotéis que recebem turistas estrangeiros (LAVIERI, 2021).

Quanto ao tema ético, é importante questionar as críticas, que, na verdade, deveriam também ser direcionadas a Organizações Esportivas Não-Governamentais. Muitas delas, em sua essência, colocam o lucro gerado por megaeventos esportivos acima de princípios morais. Assim, é importante discernir quem é o “culpado”: protestos e críticas devem ser contra governos ou contra organismos da governança esportiva internacional? O foco do texto de LaMay (2019) está nos efeitos (temporários ou de longo prazo) da Copa do Mundo na liberdade de expressão e controle de mídia no país. Baseando-se nos exemplos da China (Olimpíadas de 2008) e da Rússia (Copa de 2018), é difícil acreditar que haverá mudanças a favor da liberalização da mídia e proteção de direitos humanos. Por outro lado, “o Catar não é a China ou a Rússia” (LAMAY, 2019, p. 108, *tradução nossa*). São países com dinâmicas históricas e culturais extremamente diferentes, por isso não se pode assemelhá-los. Ter uma visão positiva também é importante para construir crenças e novos padrões. Sendo o esporte um dos quatro pilares da estratégia modernizante catari, ao lado da educação, mídia e arte, pode-se perceber sua relevância em um notável projeto estatal.

“Os russos podem não se importar com o que o resto do mundo pensa sobre eles, mas, por razões como orgulho nacional, segurança regional e reconhecimento internacional, os cataris se importam, sim” (LAMAY, 2019, p. 117, *tradução nossa*)²⁹. O Catar vem se empenhando em cunhar sua imagem moderna ao mundo, porém não possui controle total sobre os discursos propagados por diferentes atores internacionais, ainda mais em um mundo dominado pela mídia digital. Redes sociais uniram-se à televisão e ao rádio como meios de comunicação, sendo utilizadas tanto por emissoras quanto por atletas e torcedores. Ou seja, as

²⁹ “The Russians may not care what the world thinks about them, but, for reasons of national pride, regional security, and international standing, the Qataris do.” (LAMAY, 2019, p. 117)

narrativas sobre seus eventos, produtos e marcas não estão nas mãos de empresas patrocinadoras nem do governo. A forma com a qual o Catar lidará com as manifestações sobre o país, por meio das diferentes formas de exposição midiática, será um teste para o futuro, para ver se a liberdade de imprensa será mantida e praticada após a saída de tantos veículos de mídia e turistas depois da Copa (LAMAY, 2019).

O governo catari é proprietário de uma das mais importantes redes televisivas da região e do mundo. A emissora *Al-Jazeera* possui uma abordagem bastante voltada para o exterior, sendo um importante portal de notícias regionais e internacionais para quem busca informação com origem distinta das principais produtoras de conteúdo do mundo. Já na cobertura de acontecimentos domésticos, segundo LaMay (2019), a *Al-Jazeera* deixa a desejar. Sob o argumento de ofender o “interesse público”, algumas notícias podem ser censuradas e suspensas por um período máximo de três meses. O código penal catari possui diversos artigos referentes à imprensa: quaisquer críticas direcionadas ao emir são criminalizadas; difamação contra servidores públicos estão sujeitas a julgamento; e a exposição de segredos da vida privada de famílias ou indivíduos é penalizada como violação da privacidade. Apesar disso, a pressão de ONGs à Copa do Mundo foi mais conduzida para as condições do sistema de trabalho *Kafala*, regime trabalhista de tutela de imigrantes presente nos países do CCG e Líbano³⁰ (LAMAY, 2019; NGUYEN, 2021).

Sob o regime catari [e de outros países do CCG], o sistema *Kafala* (que, em árabe, significa “tutela”), trabalhadores imigrantes devem obter permissão – um certificado de não-objeção – para mudar de empregos, uma lei que ativistas acusam impor a permanência desses imigrantes e submissão a seus empregadores, o que leva ao abuso e exploração. (GHANI, 2020, *tradução nossa*)³¹

O empregador (*Kafeel*), além de definir os termos contratuais, incluindo salários e acomodação, controla a livre mobilidade de trabalhadores, podendo confiscar seus passaportes

³⁰ A origem desse sistema de governança trabalhista remete ao período de colonização britânica na região. O *Kafala* teve início no Bahrein: como o número de oficiais britânicos presentes no país era limitado, a metrópole delegou a empresas e membros da elite colonial a responsabilidade sobre processos de imigração. Assim, esses atores passaram a controlar todas as etapas do processo, desde a atração do trabalhador estrangeiro até seus salários e moradia. (NGUYEN, 2021)

³¹ “Under Qatar’s [and other GCC countries’] ‘kafala’ (Arabic word for sponsorship) system, migrant workers must obtain their employers’ permission – a no-objection certificate (NOC) – before changing jobs, a law that rights activists say ties their presence in the country to their employers and could lead to abuse and exploitation.” (GHANI, 2020)

(além da mencionada carta de não-objeção – prática declarada como abolida pelo Catar em agosto de 2020). Notícias sobre o *Kafala* reforçam ideias de opressão e violência social criadas pela mídia ocidental, porém é importante relativizar: em qual lugar do mundo não existe trabalho informal? É incontestável que quaisquer violações a direitos básicos do cidadão devem ser combatidas, no entanto, dividir os países como “bom-moço” e “vilão” é simplista e não contribui para mudanças estruturais. No contexto da discussão sobre o sistema *Kafala*, a Copa do Mundo representa, ao mesmo tempo, um palco do trabalho sob condições insalubres em obras de infraestrutura e uma oportunidade para transformações positivas (NGUYEN, 2021; GHANI, 2020).

“Muitos veem a Copa como uma data limite para reformar o sistema *Kafala* no Catar, porém esse processo levará muitos anos além disso” (NGUYEN, 2021, *tradução nossa*)³². Enquanto isso, ONGs humanitárias internacionais, como a *Human Rights Watch*, e o próprio jornalismo da *Al-Jazeera* chamam atenção para a questão, como na notícia publicada em 2020 justamente pelo jornal catari acusado de não publicar críticas ao próprio governo (GHANI, 2020). Pode-se aludir, portanto, que a Copa do Mundo motiva a criação de novos padrões e dinâmicas, tendo como base a realidade do próprio Catar, nas áreas de liberdade de imprensa e de governança trabalhista. Segundo LaMay (2019, p. 122), os cataris irão liberalizar a imprensa em seus próprios termos. O fluxo de migrantes internacionais para os países do Golfo é tão notável que estes ocupam as primeiras posições do ranking de percentual de migrantes internacionais (INTERNATIONAL..., 2015). Por isso, a reforma do sistema *Kafala* seguirá as dinâmicas próprias do país, podendo reverberar para além de suas fronteiras, estimulando seus vizinhos a proporcionarem melhores condições à sua extensa população imigrante.

4.3 SPORTSWASHING

O conceito de *sportswashing* atua como “pano de fundo” de alguns temas já discutidos até aqui neste capítulo, sendo indispensável estudá-lo na presente seção. Além da próxima Copa do Mundo, a questão do crescente investimento em esporte por fundos e empresas árabes, alguns dos quais com vínculo oficial a Estados, trouxe a questão do *sportswashing* ao debate, ou seja, o uso do esporte para “lavar” especialmente a imagem de alguns atores do mundo árabe aos olhos ocidentais (“*Sports*” = esportes; “*washing*” = lavar). *Sportswashing* é a prática de um

³² “While the World Cup is perceived as a deadline for changing the *kafala* system in Qatar, reform will likely extend many years beyond it.” (NGUYEN, 2021)

ator visando a melhorar sua imagem, tirar a atenção de questões relacionadas a direitos humanos ou outros assuntos. É um nome novo para prática antiga: a Alemanha usou as Olimpíadas de 1936 para propagar, por meio de rádio e imprensa escrita, informações positivas sobre uma nação que, em meio à superação da crise de 1929 e estava estabelecendo o Regime Nazista³³ (SANTOS, 2021, VASCONCELLOS, 2011).

Em âmbitos corporativos, as verbas de empresas destinadas ao patrocínio de eventos esportivos têm o intuito de mascarar temas como crimes e lavagem de dinheiro. Um exemplo de *sportswashing* corporativo é o caso de Silvio Berlusconi e o clube de futebol italiano Milan. Os 20 anos em que o empresário foi dono do clube de futebol, detendo até 99% de suas ações, foram justamente os de maior sucesso. Associada ao sucesso do time, a reputação de Berlusconi levou-o a alcançar objetivos políticos, sendo eleito, em três ocasiões, Primeiro Ministro italiano. Outro exemplo curioso envolvendo política e futebol ocorreu na Argentina: Macri, antes de ser eleito presidente para governar o país de 2015 a 2019, presidiu um dos times de futebol mais famosos da América do Sul, o Boca Juniors (SANTOS, 2021).

Um caso que voltou à mídia no ano de 2022 foi do russo Roman Abramovich e o clube inglês Chelsea. O milionário, de riqueza atrelada a exploração de gás natural e o governo Yeltsin, primeiro presidente (1991-1999) após o fim da União Soviética³⁴, comprou o Chelsea em 2003. O período de Yeltsin foi bastante próspero para a oligarquia russa, nascida no período soviético como “liderança coletiva”, e que se apoderou de grande parte da riqueza nacional. Quando Putin assumiu, no ano 2000, alguns oligarcas sentiram necessidade de direcionar sua riqueza para outros meios, a fim de diversificar a origem de seus ganhos. Assim, Abramovich escolheu o clube inglês para investir. Após sua compra pelo milionário, o Chelsea passou pelo melhor período de sua história: de um clube de pouca relevância nas competições inglesas para um time vencedor continental e mundial. É o atual campeão da Liga dos Campeões da Europa e do Mundial de Clubes da FIFA, competição que reúne os clubes que melhor performaram nas competições das associações regionais sob chancela da FIFA (THE TAKE, 2022).

Em 2 de março de 2022, Roman Abramovich colocou o clube à venda, oito dias antes

³³ O Nazismo foi uma ideologia propagada por Hitler após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, sentimento que, unido às consequências da crise de superprodução americana que teve graves consequências no mercado europeu, fizeram a população acreditar em um regime totalitário como salvador da Alemanha. O Nazismo praticava o antissemitismo e a perseguição a negros, ciganos, homossexuais e outras minorias. (NAZISMO, 2022)

³⁴ A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ou União Soviética, ou URSS), foi um regime socialista que perdurou de 1945 a 1991 na Rússia e países limítrofes, em oposição ao capitalismo dos Estados Unidos. O fim da URSS representou o fim da Guerra Fria, provocando diversas modificações na ordem econômica, política e social mundial. (UNIÃO..., 2022)

de sofrer oficialmente sanções econômicas por parte do governo inglês. A razão é o conflito entre Rússia e Ucrânia, que vem mobilizando as atenções de atores como líderes políticos e econômicos, organizações internacionais e esportivas – as últimas, como resposta rápida à invasão russa ao território ucraniano em fevereiro de 2022, baniram a Rússia e jogadores russos de diversas competições internacionais (THE TAKE, 2022). Reflexos também foram notados em outros âmbitos do esporte: a Fórmula 1 cancelou o Grande Prêmio de Moscou e o piloto russo Nikita Mazepin teve seu contrato encerrado com uma das equipes; a UEFA cancelou a final da Liga dos Campeões que ocorreria na capital do país; e o Comitê Paralímpico Internacional banuiu imediatamente a participação russa nas Paralimpíadas de Pequim (fevereiro/março de 2022).

De forma a simplificar e resumir a análise, pode-se dizer que o objetivo dos atores privados é majoritariamente econômico, visando ao lucro por meio do investimento no esporte. Já o objetivo público de Estados (fundos de investimento árabes) é de ganhos de boa imagem perante a comunidade internacional. Nesse contexto, há uma consideração a ser feita: nas monarquias do Golfo, as esferas público-privada se misturam, não havendo barreiras que delimitem suas atuações. Os fundos de investimento privado são, ao mesmo tempo, empresas e órgãos vinculados ao Estado – sua fonte de renda é o capital do petróleo, que é um bem nacional. Além disso, são organizados por familiares ou amigos próximos da família real. Sendo assim, ambos os ganhos são considerados: políticos (boa imagem) e econômicos (lucro).

É difícil medir os ganhos de compra de clubes ou jogadores e de sediar uma Copa do Mundo. Por vezes, economicamente, representam mais gastos do que ganhos. Já politicamente, os ganhos são imensuráveis (nos dois sentidos da palavra: muito relevantes e materialmente incalculáveis) e subjetivos: o que significa uma “boa imagem”? Depende dos valores aos quais essa imagem está submetida. O desenvolvimento histórico e cultural do Mundo Árabe é diferente do europeu e do estadunidense. Mesmo assim, perante os governos, organizações e população mundial, uma “boa imagem” representaria adequação e respeito aos direitos humanos, boas condições de vida, ética e transparência governamental, políticas de incentivo à saúde pública (aí se encaixam os investimentos à prática de esportes), entre outros. Mas, lembrando, esses fatores representam o que é valorizado dentro da sociedade ocidental, instituídos e reiterados por anos na ONU e nos principais conglomerados de mídia internacionais, que atuam no espalhamento de ideias e instituição de crenças. A internacionalização de uma imagem positiva atrelada aos investimentos em esporte se encaixa como *soft power* cultural, criando uma associação do país a algo positivo como o esporte, e não à violação de direitos humanos, restrição de liberdades individuais ou abuso de poder. Por isso

torna-se uma estratégia interessante para Arábia Saudita, Catar e EAU, por exemplo, na busca por “aceitação” de países ocidentais (SANTOS, 2021).

O retorno econômico de investimentos em compras de jogadores renomados ou de clubes de futebol é arriscado e incerto, pois depende de diversos fatores, como desempenho do time e/ou do jogador em competições, sucesso com a torcida convertido em receita para o estádio do clube, atração de outros investidores, etc. Em muitos casos, há uma crença de salvação do time, que deseja sua compra por investidores estrangeiros a fim de melhorar sua situação. Pensando no retorno do investimento, o capital busca as melhores condições para sua reprodução e maior margem de lucro. No caso de clubes ou jogadores, o risco leva a um maior retorno caso as circunstâncias contribuam para o lucro. Em termos de confiança e segurança, há uma tendência de migração (ainda dentro do âmbito dos esportes) para o investimento em direitos de transmissão – inclusive o estilo de vida criado pela pandemia da covid-19 potencializou o crescimento e democratização das exibições esportivas (a impossibilidade de torcedores comparecerem presencialmente a estádios e arenas esportivas chamou atenção de um maior número de empresas de comunicação a se interessar pelas transmissões) (SANTOS, 2021).

Por fim, vale trazer uma consideração crítica: por que justamente agora o *sportswashing* está tão presente na mídia? É pelo conceito em si ou por sua origem cultural-geográfica? É a ideia do *sportswashing* que é criticada ou o fato de países árabes utilizarem essa estratégia para promover sua imagem e poder brando internacionalmente? Os estereótipos e juízos de valor permeiam estudos sobre o Mundo Árabe, então é preciso um olhar atento para não reproduzir discursos sem antes pesquisar, questionar e relativizar. Se outros atores que não somente árabes praticam *sportswashing*, por que condenar os localizados nessa região? (SANTOS, 2021). Seja sediando a Copa do Mundo, seja adquirindo direitos sobre clubes e jogadores, é importante aprofundar estudos sobre quais dinâmicas específicas da região levam a esses investimentos, analisando o perfil da economia e política do Golfo, sua dependência do petróleo, a linha tênue entre as esferas pública e privada e o por que os países decidem internacionalizar seu capital por meio do esporte.

4.4 INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAPITAL ÁRABE POR MEIO DA COMPRA DE TIMES E JOGADORES INTERNACIONAIS

Aproximar-se do mundo dos esportes internacionais pode contribuir para diversificar a fonte de renda de países exploradores de petróleo da Península Arábica, proporcionando

mudanças às economias tão dependentes dos hidrocarbonetos. Como exemplos tem-se o já mencionado Catar, com seu objetivo de apresentar-se ao mundo como “*sports-hub*” (um centro de referência para o mundo na área dos esportes), e os Emirados Árabes Unidos (também sediando eventos esportivos internacionais – é a principal sede do Mundial de Clubes da FIFA, evento anual que sempre movimentava cobertura midiática e turismo de torcedores). Juntamente com os dois primeiros mencionados, o Bahrein e a Arábia Saudita recebem circuitos da Fórmula 1, esporte conhecido pela alta movimentação de capital, seja em tecnologia e infraestrutura, seja em premiações e patrocínios. “Reconhecidamente, a indústria do esporte avulta, junto à produção petroquímica, indústria armamentista, automobilística e turística, como importante fonte de riqueza da economia mundial” (VASCONCELLOS, 2011, p. 71).

Os países árabes do Golfo são, histórica, geográfica, política e economicamente inseparáveis do Mundo Árabe. Alguns efeitos sociais da migração intra-árabe da “periferia” para o “centro” regional já foram apontados na seção 4.2, e, aqui, fala-se mais sobre repercussões econômicas da desigualdade da região. É inegável que, à luz do *boom* da exploração de petróleo, na década de 1960, houve uma transferência do centro do Mundo Árabe do Egito para a Arábia Saudita. Embora o primeiro ainda se mantenha como uma referência histórica do pan-arabismo, o segundo figura como líder econômico regional, seguindo uma tendência de “gulfanização” do Mundo Árabe (FERABOLLI, 2015).

A migração de trabalhadores tem efeitos positivos para os países de origem dos migrantes, diminuindo desemprego, aumentando salários e reduzindo a pobreza local. Além disso, as famílias recebem remessas privadas do membro familiar que trabalha no exterior, representando fonte essencial de investimento externo privado, inclusive, por vezes, classificado nas receitas do país acima do FDI (*Foreign Direct Investment*) e da ajuda humanitária. Tal indicador já surpreende, porém os números, mesmo sendo bastante elevados, são apenas a “ponta do *iceberg*”, havendo quantias transferidas que não são declaradas ou identificadas. Por outro lado, assim que chegam às famílias, as remessas são direcionadas ao consumo, buscando atender às demandas primárias da população de baixa renda. Assim, o capital não é direcionado a investimentos com vistas ao crescimento econômico, que incentivaria a indústria interna, geraria empregos e produziria riqueza nacional (FERABOLLI, 2015).

Existe o discurso sobre o direito que, em tese, todos os árabes possuem sobre o petróleo extraído na região do Golfo. Na época de constituição da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), em 1960, o ministro do petróleo saudita da época defendeu que o petróleo do Golfo pertencia a todo o Mundo Árabe, e, portanto, as receitas geradas por sua

exploração deveriam ser direcionadas para o desenvolvimento da região como um todo. No entanto, esse discurso não teve força, e, logo de início, o capital do petróleo (conhecido como “petrodólares”) foi direcionado para os mercados financeiros dos EUA e Europa. Ademais, mesmo quando os investimentos foram destinados a outros países árabes, o intuito não era o desenvolvimento da região, mas sim o próprio enriquecimento das elites dos Estados árabes petrolíferos (FERABOLLI, 2015, p. 130).

A disputa entre internacionalizar ou regionalizar o capital do petróleo marca as dinâmicas econômicas árabes:

Em resumo, o fluxo intra-árabe de capitais e a alta dependência de Estados árabes não-petrolíferos em relação a investimentos do Golfo são síntese de décadas de pressão desses países em busca da regionalização do capital e do mercado de trabalho árabe frente à resistência, por parte do Golfo, a investir seus lucros financeiros na região e a abrir suas fronteiras para a entrada de trabalhadores árabes. (FERABOLLI, 2015, p. 130, *tradução nossa*)³⁵

É no contexto da internacionalização do capital árabe que as compras de times e jogadores europeus renomados se colocam. A tendência de *sheiks* árabes direcionarem receitas provindas da venda de petróleo a investimentos na área do esporte, principalmente na grife do futebol mundial, vem crescendo. “Na *Premier League* [liga de futebol profissional inglesa], se o seu time não possui como dono um bilionário, você representa uma minoria” (THE TAKE, 2022)³⁶. Com esforços que mobilizam tanto o setor público quanto o setor privado, destacam-se os benefícios de promoção comercial e industrial e construção de uma marca identitária nacional – processo que Chadwick (2019), conceitua como “*nation branding*”. Os Estados árabes do Golfo, atuando externamente por meio de fundos econômicos, mantêm seu caráter rentista ao explorar condições em diferentes ambientes econômicos.

O processo de “*nation branding*” envolve a reiteração da imagem do país associada a esportes, sendo o futebol e o automobilismo os mais relevantes nas análises do assunto. Para criar e projetar uma marca nacional atrelada ao esporte, deve-se divulgá-la por meio de símbolos, *slogans* e lemas que convençam a audiência, e que a imagem criada torne-se

³⁵ “In sum, the Arab-to-Arab flows of capital as they are constituted today, with the heavy dependence non-oil Arab states have on ODA, FDI and remittances originating in the Gulf, is the synthesis of decades of pressures emanating from non-oil Arab countries in favour of the regionalization of Arab capital and labour markets and the forces inside the Gulf resisting the investment of its financial surpluses in the Arab region and the opening of its borders to the free entry of Arab workers.” (FERABOLLI, 2015, p. 130)

³⁶ Informação verbal traduzida extraída do Podcast “*A new era for football’s billionaires?*”.

automática, como primeira ideia que vem à mente quando se refira ao país. A empresa de investimentos da família real do Bahrein é proprietária de 50% do Grupo McLaren, uma das 10 equipes da Fórmula 1; e sua companhia aérea nacional *Gulf Air* é uma das maiores patrocinadoras do circuito. A *Qatar Sports Investment* (QSI) possui o clube francês Paris Saint Germain (PSG), palco de inúmeras transferências milionárias de jogadores e ferramenta de sucesso na promoção do “*nation branding*” catari (CHADWICK, 2019). A *Qatar Airways* figura como parceira/patrocinadora de atores como FIFA, times europeus (PSG, Bayern de Munique e Barcelona), e entidades e times sul-americanos (CONMEBOL e Boca Juniors). Abu Dhabi, um emirado dos Emirados Árabes Unidos, é dono do clube inglês Manchester City, que vem expandindo suas aquisições pelo mundo, e da maior patrocinadora do time, a *Etihad Airways*. Por fim, o *Public Investments Fund* da Arábia Saudita (PIF) formalizou a compra de 80% das ações do clube Newcastle United em 2021, sob grandes controvérsias.

4.4.1 Catar e Paris Saint Germain (PSG)

“O PSG é inteiramente uma empresa francesa em termos de estrutura e staff, sendo somente seu presidente, Nasser Al-Khelaifi, catari. No entanto, por ser financiado por um fundo do Catar, a QSI tem forte influência na estratégia da empresa, manifestada pela figura pessoal de Al-Khelaifi”, é o que disse um jornalista francês³⁷ da *beIN Sports France*, subsidiária francesa esportiva do grupo *Al-Jazeera*. Segundo o jornalista, os franceses enxergaram a compra do PSG em 2011 com um misto de sentimentos. Alguns encararam como uma invasão, uma intervenção externa em seu território, mas, ao longo do tempo, os franceses modificaram seu ponto de vista por entender que tal investimento teria positivos efeitos econômicos (trazer receitas); políticos (prestígio do time e da nação); e fiscais (QSI tornar-se-ia responsável pelo pagamento de imensos impostos ao governo francês).

A aquisição do clube pela *Qatar Sports Investment* promoveu a evolução do time, que antes não possuía relevância regional ou internacional, à elite do futebol europeu. Marcado por contratações de valores históricos como a do jovem jogador francês Mbappé, por 180 milhões de euros, e a do brasileiro Neymar, por 222 milhões de euros (a maior quantia da história), o clube recentemente acrescentou à sua equipe Lionel Messi, vencedor recordista – com sete títulos – de Bolas de Ouro da FIFA (prêmio anual que elege o melhor jogador do mundo)

³⁷ Conversa informal entre a autora e o jornalista. O contato foi graças ao trabalho em Porto Alegre na Copa América 2019, quando a autora participou da equipe de operações de imprensa e o jornalista esteve com a equipe que cobria a atuação da seleção do Catar na competição (convidado por ser sede da próxima Copa do Mundo).

(DUPRÉ, 2018). Como estratégia comercial, o PSG aposta em seu apelo à cidade origem e sede do time, Paris, a capital mundial da moda, aliado à sua parceria com a empresa de equipamentos e acessórios esportivos Nike, para criar seu *branding*. Sob o *slogan* de ser “o time mais estiloso”, o PSG atinge diversos mercados no mundo com os produtos de sua marca³⁸. Ao mesmo tempo, o poder público catari utiliza a imagem dos jogadores do PSG como modelos nacionais, atores ativos no processo de construção de sua marca identitária nacional (CHADWICK, 2019).

4.4.2 Abu Dhabi e Manchester City

Estabelecido em maio de 2013, o *City Football Group* (CFG, ou *City Group*) é proprietário de empresas relacionadas ao futebol em diversas cidades importantes ao redor do mundo, incluindo clubes de futebol, academias, centros de apoio técnico e empresas de marketing. (OUR STORY, 2022, tradução nossa)³⁹

Em 2008, o *Abu Dhabi United Group* (ADUG) tornou-se dono do Manchester City, time de baixa relevância na *Premier League* inglesa, a fim de desenvolvê-lo e torná-lo um time vencedor. Quatro anos depois, o clube conquistou, pela primeira vez em um período de 44 anos, o título da competição inglesa. Em 2013, com a criação do CFG, tornou-se um dos clubes dessa grande empresa multinacional do futebol. O diferencial da abordagem de Abu Dhabi é a estratégia de internacionalização da marca “*City*” ao redor do mundo, abrindo franquias – hoje conta com 10 clubes nos 5 continentes – que, ao mesmo tempo, divulgam o marketing da marca (gerando receitas para os clubes) e são fonte de jovens talentos do futebol (OUR STORY, 2022). A rede integrada de times permite que, por exemplo, talentos da América do Sul sejam encontrados no time uruguaio Montevideo City Torque, transferidos para a Europa no Manchester City ou Girona FC para jogar no auge de suas carreiras, seguindo para finalizá-las na China (Sichuan Jiuniu) ou nos EUA (New York City), países sem tradição no futebol, mas que oferecem boas condições financeiras (OUR CLUBS, 2022). Dessa forma, os lucros das vendas e patrocínios dos jogadores mantêm-se junto ao patrimônio do *City Football Group*.

³⁸ Conversa entre a autora e o jornalista da *beIN Sports France*.

³⁹ “Established in May 2013, *City Football Group* is the owner of football-related businesses in major cities around the world, including football clubs, academies, technical support and marketing companies.” (OUR STORY, 2022)

4.4.3 Arábia Saudita e Newcastle United

Em outubro de 2021, a compra do Newcastle United pelo PIF saudita por 435 bilhões de dólares reacendeu críticas relacionadas ao *sportswashing* no futebol europeu. Enquanto uma parte de fãs e torcedores comemoravam a transição da propriedade do time, acreditando no início de um período próspero para o time, ativistas LGBTQ+ e ONGs de direitos humanos pressionaram por mudanças na política da *Premier League*, pleiteando a inclusão de cláusulas que exijam a concordância das empresas ou fundos ao princípio de respeito, à garantia de igualdade, e à promoção de liberdades individuais e de imprensa (RYAN, 2021).

A relação entre futebol e petróleo/gás é cada vez mais marcante. Ambos são fontes de energia não renovável, então depender somente disso para o crescimento econômico tem prazo de validade. Nesse contexto, encaixa-se a ideia de diversificar as fontes de renda do país, como já mencionado ao longo da monografia. Mas não é somente assim que o petróleo e gás estão relacionados ao futebol: enquanto durarem os estoques dos hidrocarbonetos, há concorrência por mercado consumidor, sendo o futebol ferramenta da disputa: times sob propriedade ou patrocínio de empresas/Estados petrolíferos representam, além da competição esportiva, corridas geopolíticas por poder e domínio de mercados. Graças à mobilização de massas deste esporte, a promoção da imagem positiva de empresas e governos por meio da posse ou patrocínio de times é levada muito a sério por Catar, EAU e Arábia Saudita, por exemplo, pois todo o poder ao qual o futebol está atrelado consiste nos jogadores e torcedores, envolvendo sentimentos de identidade, valores, orgulho e paixão (THE TAKE, 2022; RYAN, 2021).

Para concluir, vê-se que há investimento e valorização do esporte na área econômica e de prestígio internacional árabe, por meio das diversas ações estudadas neste capítulo, chegando a fazer parte de projetos nacionais de desenvolvimento de países do Golfo, como o Catar (REICHE, 2015; LAMAY, 2019; CHADWICK, 2019). No entanto, podem-se observar diferenças dentro do Mundo Árabe: este capítulo dedicou-se mais intensamente às monarquias árabes da Península Arábica do que a outros membros da Liga Árabe. Isso porque o “centro” da região é o detentor dos meios necessários para sua internacionalização econômica e política. A constante associação da palavra “árabe” a “esporte” na mídia pode contribuir para o prestígio da região como um todo, bem como os fluxos migratórios podem fortalecer os laços econômicos e identitários árabes; consequentemente criando uma região mais unida e coesa (FERABOLLI, 2015).

Por mais que críticas e acusações de violações de liberdades estejam presentes, levando à ideia do *soft-disempowerment* (BRANNAGAN, GIULIANOTTI, 2015), o capítulo trouxe

informações suficientes para corroborar a hipótese inicial de que o esporte tem papel preponderante na internacionalização do capital e nos ganhos de popularidade e visibilidade (*soft power cultural*) no cenário esportivo mundial (NYE, 2004). Como os efeitos da Copa do Mundo de 2022, de sediar outros eventos esportivos e de investir em clubes renomados são subjetivos e de longo prazo, resta aguardar e observar seus desdobramentos no Mundo Árabe nos próximos anos.

5 CONCLUSÃO

Ao se aproximar da data da Copa do Mundo, com todas as (ou a maior parte das) 32 seleções participantes do evento classificadas, é realizado um sorteio para definir os grupos da competição. O evento ocorre já no país-sede, contando com a presença de líderes de federações nacionais, membros do Conselho Executivo da FIFA e das Confederações Continentais, chefes de Estado ou de governo, atletas e ex-atletas renomados e, claro, jornalistas e equipes de imprensa de diversas origens do mundo, responsáveis pela intensa cobertura midiática do sorteio. No dia 1º de abril de 2022, todas as atenções da comunidade esportiva internacional apontavam para Doha, capital do Catar, aumentando as expectativas para o grande evento esportivo a ocorrer em novembro e dezembro no país.

As notícias sobre o sorteio dos oito grupos envolveram palpites sobre as seleções com maior potencial de evoluir na competição e curiosos casos de enfrentamentos já na fase inicial: EUA e Irã, países que marcam o cenário militar/securitário internacional, enfrentar-se-ão na fase inicial do torneio. Mesmo com ambos os países possuindo um histórico de inimizade na política internacional, na arena esportiva, atletas e seleções entram em campo como rivais, respeitando a cultura, religião e soberania um do outro. Todavia, não é somente dentro da dinâmica da competição que a política internacional está presente: o presidente da FIFA, Gianni Infantino, discursou pela paz e fim do conflito na Ucrânia, utilizando os holofotes midiáticos para mostrar que a organização esportiva envolve-se com questões políticas e está preocupada com o bom relacionamento entre Estados e a estabilidade mundial (WHAT'S NEXT..., 2022).

O pedido de Infantino é a manifestação da busca por uma tradição histórica que grandes eventos esportivos mundiais possuem, de clamar pela paz e até uma trégua de conflitos durante os jogos (chamada de “Trégua Olímpica”, foi respeitada em diversas ocasiões ao longo da história):

(...) o esporte é importante fonte de riqueza econômica, como o petróleo, por exemplo, mas tem a faculdade de potencialmente paralisar ou prevenir guerras enquanto que, pelos preços, poços e rotas do ouro negro, podem espocar batalhas, comerciais ou mesmo bélicas. Por isso o reconhecimento do esporte como elemento estabilizador e promotor da paz. (VASCONCELLOS, 2011)

O sorteio dos grupos da Copa do Mundo 2022 colocou em diálogo as esferas do esporte e das Relações Internacionais, em sua competência multidisciplinar (envolvendo história, sociologia, direito, economia e política). O Catar, que tem o esporte como importante

pilar em sua política pública nacional e na política externa, aproveitou a publicidade midiática do evento para promover não só o país, mas a região árabe como um todo. A primeira Copa do Mundo a ser realizada no Mundo Árabe levantou questões políticas, sociais e econômicas da região, motivando discussões entre diversos atores e promovendo mudanças e reformas (principalmente sociais) (WHAT'S NEXT..., 2022). A monografia aqui desenvolvida buscou demonstrar a importância do esporte nas Relações Internacionais através do seu uso como ferramenta política, social e econômica, tanto como espelho de dinâmicas, quanto como instrumento para atingir determinados fins. O estudo direcionou a análise para o Mundo Árabe, propondo-se a apresentar um estudo de caso do papel do esporte *no contexto* da região.

A pergunta de pesquisa foi: *Qual papel o esporte desempenha nos processos de integração regional, diminuição das desigualdades de gênero e internacionalização do capital no mundo árabe?* A hipótese tripartite foi confirmada: o capítulo 2, intitulado “Esporte e Integração Árabe”, sustentou que a temática esportiva não é uma pauta muito presente a nível de cooperação regional (Liga Árabe e Conselho de Cooperação do Golfo), mas que reflete padrões de relacionamento interestatal (principalmente em relação a países árabes vs. Israel) e que tem potencial de crescimento e valorização graças à atual conjuntura da Copa do Mundo que reacendeu esforços pelo engajamento em competições regionais, como a *Arab Cup* de futebol e os Jogos Pan-Árabes.

Ao longo do capítulo, foi discutido o regionalismo e a construção da identidade árabe, trazendo um pouco do desenvolvimento histórico esportivo na região. Atestou-se o uso político do esporte: países árabes e Israel não se enfrentam em competições: a FIFA e outros órgãos esportivos internacionais, como “bom-senso” e atendendo a pedidos árabes, não os coloca nas mesmas competições de futebol. No entanto, apresentaram-se exemplos em outros esportes em que ambos se enfrentaram e refletiram o conflito militar e político. Em uma análise intra-árabe, o esporte já refletiu, em diferentes ocasiões, a (des)união da região; mas acredita-se que há espaço para seu uso para a cooperação do Mundo Árabe.

Em seguida, o trabalho dedicou-se à segunda parte da hipótese. O capítulo 3, “Esporte, Igualdade de Gênero e Representatividade Social Feminina no Mundo Árabe”, investigou o feminismo árabe, relativizando-o frente ao discurso ocidental, e analisou o esporte como reflexo de relações sociais, passando por preocupações com a saúde da população dos países do Golfo (em relação a índices de obesidade e diabetes), o que tem direta relação com o (des)incentivo à prática esportiva pela população, mais marcadamente mulheres e jovens. Assim, a inserção de mulheres no contexto esportivo caminha junto com preocupações e incentivos governamentais que vêm ganhando espaço nos últimos anos, sendo o esporte um

instrumento/plataforma da busca por direitos das mulheres. No entanto, ele ainda tem papel diminuto, mas importante, em um contexto maior de violência e desigualdade de gênero, onde o esporte, sozinho, não consegue dar conta. Enquanto apenas recentemente (2018) se permitiu, por lei, a entrada de mulheres em estádios de futebol em alguns países da região, como Arábia Saudita, na prática, ainda se luta por esse direito (no Irã, país vizinho da região árabe e de maioria islâmica, iranianas com ingressos comprados foram impedidas com *spray* de pimenta a assistir presencialmente a uma partida entre Irã e Líbano em março de 2022). Ainda há muito a se conquistar (MOTAMEDI, 2022).

Por fim, o capítulo “Esporte, Internacionalização de Capital e Prestígio Internacional Árabe” marcou a grande relevância que a temática do esporte tem ao associar-se a objetivos políticos (de ganho de prestígio e poder – *soft* – internacional) e econômicos (de variação e diversificação de investimentos árabes para além de suas fronteiras). Foi destacado o papel preponderante do esporte nas dinâmicas econômicas do Golfo, de intensa base na extração do petróleo, e de política externa, principalmente do Catar, mais aprofundado por conta da Copa do Mundo 2022. Temas como a migração para países do Golfo, condições de trabalho, e o perfil da economia da região foram explorados, bem como a exposição de 3 casos de internacionalização do capital árabe por meio do futebol – compras dos times da elite europeia PSG, Manchester City e Newcastle United – estratégia utilizada para “lavar” a possível imagem negativa que Catar, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita possuem na comunidade internacional. Respondendo a críticas às violações de direitos humanos e do trabalhador migrante, o Catar tornou-se um exemplo para outros países do Golfo, sendo pioneiro ao implementar reformas trabalhistas e o fim do sistema *kafala*. Levou tempo, mas as mudanças foram implementadas: o governo regulamentou um salário mínimo, e agora é possível mudar de emprego e sair do país sem ter de aguardar a permissão do empregador. Agora é observar e garantir a prática e reverberação deste exemplo para os vizinhos (WHAT’S NEXT..., 2022).

O trabalho foi sustentado pela abordagem teórica construtivista das Relações Internacionais, que defende a relevância de diversos atores na arena internacional e a importância das ideias, valores, identidade, cultura e instituições para a compreensão da realidade. Esta, por sua vez, é construída através da valorização destes fatores imateriais na interação dos atores e seus interesses coletivos. O trabalho se propôs a apresentar diversos *insights* em um estudo sobre esporte e RI aplicado ao Mundo Árabe. Foram expostas questões políticas, sociais e econômicas, e cada uma delas pode ser ainda mais aprofundada. O Mundo Árabe precisa de mais estudos que acompanhem o objetivo desta monografia, pois é uma região com um desenvolvimento histórico e cultural muito rico e único, que, infelizmente, é marcada

por conflitos, intervenções externas e concepções/estereótipos de outras partes do mundo que dificultam a real compreensão das dinâmicas da região.

Um olhar positivo que explore novos temas (como esporte e RI), buscando referências com origem no Mundo Árabe, seja de produções acadêmicas, seja de pessoas que lá cresceram e habitam, contribui para a mudança de visão dos estudos sobre essa região do globo. É importante reconhecer e criticar aspectos negativos e que podem ser reformados e melhorados para o desenvolvimento da região árabe; porém é ainda mais importante incentivar mudanças positivas. Conforme Hasan al-Tawadi, chefe do Comitê Organizador da Copa no Catar afirmou, “as reformas trabalhistas realizadas no Catar são ‘históricas’ e o evento terá um ‘legado social, humano e econômico verdadeiramente transformador” (WHAT HAPPENED..., 2022, *tradução nossa*)⁴⁰.

Nesse sentido, os próprios capítulos desta monografia podem ser aprofundados, desenvolvendo agendas de pesquisa nas áreas do esporte e integração regional árabe; esporte e desigualdade de gênero árabe; esporte e prestígio internacional árabe; esporte e internacionalização do capital árabe. Também é interessante, como pensadores do Sul Global, explorar a interseccionalidade de temas como meio ambiente e investimento árabe no esporte (o que o futebol tem a ver com petróleo?) (VOSKOBOYNIK, 2017). Espera-se que este trabalho, que faz parte de um pequeno número de monografias do curso de Relações Internacionais da UFRGS que se dedicam ao tema de esporte e RI (e pioneiro ao estudar o tema *aplicado* ao Mundo Árabe), inspire futuros(as) e atuais internacionalistas a pensar “fora da caixa”, a valorizar fatores imateriais, a aderir a novas teorias, a pesquisar sobre o que se interessarem, e a estudar mais sobre o Mundo Árabe sob óticas que não reflitam o *mainstream* da academia e da mídia. Há muitos padrões sendo rompidos e novas ideias sendo desenvolvidas rumo à clareza em análises sobre a região. O caminho está sendo trilhado.

⁴⁰ “(...) labour reforms achieved by Qatar have been “historical” and the event would leave “truly transformational social, human, economic and environmental legacies”. (WHAT HAPPENED..., 2022)

REFERÊNCIAS

7 coisas que as mulheres sauditas não podem fazer mesmo após alcançarem direito a dirigir. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41431798> . Acesso em: 04 mar. 2022.

ABOUT South-South and Triangular Cooperation. 2022. Disponível em: <https://www.unsouthsouth.org/about/about-sstc/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ALKILANI, Laila Fathi. Women in Saudi Arabia sport, rights & public spaces. **International Journal of Entrepreneurship**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 1–5, 2021.

ALSAAFIN, Linah; ALLAHOUM, Ramy. **What is behind Algeria and Palestine’s footballing love affair?** 2021. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/12/20/algeria-palestine-football-arab-cup-2021> . Acesso em: 20 jan. 2022.

AMAZARRAY, Igor Chagas. **Futebol: o esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ASHRAF, Feryal. Tóquio, 26 out. 2021. Instagram: @feryal.ashraf. Disponível em: <https://www.instagram.com/feryal.ashraf/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

ASSOCIATED PRESS (Montpellier). **ATP probes Malek Jaziri's withdrawal.** 2015. Disponível em: https://www.espn.com/tennis/story/_/id/12278848/tunisian-player-malek-jaziri-withdraws-facing-israeli . Acesso em: 16 jan. 2022.

BARNETT, Michael. Social Constructivism. **The globalization of the world politics: an introduction to international relations.** New York: Oxford University Press, 2008, 4 ed.

BEACOM, Aaron. **Sport in International Relations: A Case for Cross-Disciplinary Investigation.** *The Sports Historian*, Coleraine, ano 2, n. 20, nov. 2000, p. 1-23.

BILGE, Sirma; HILL COLLINS, Patricia. **Intersectionality.** Polity Press, 2016.

BRANNAGAN, Paul Michael; GIULIANOTTI, Richard. Soft power and soft disempowerment: Qatar, global sport and football’s 2022 World Cup finals. **Leisure Studies**, [s. l.], v. 34, n. 6, p. 703–719, 2015. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02614367.2014.964291>. Acesso em: 24 out. 2021.

CAON, Isabelle Fernandes. **O futebol como instrumento político: um estudo comparativo entre as ditaduras da Argentina, do Brasil e do Uruguai.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231481>. Acesso em: 03 nov. 2021.

CHADWICK, Simon. *The Business of Sports in the Gulf Cooperation Council States.* *Em:*

REICHE, Danyel; SOREK, Tamir (org.). **Sport, politics, and society in the Middle East**. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 183–203.

COMITÊ de Ética da Fifa não encontrou violações em escolha das sedes das Copas de 2018 e 2022. 2014. Elaborada por ESPN.com.br com agências internacionais. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/458595_comite-de-etica-da-fifa-nao-encontrou-violacoes-em-escolha-das-sedes-das-copas-de-2018-e-2022 . Acesso em: 01 abr. 2022.

CORBELLINI, Mariana Dalalana. **Haiti: da Crise à MINUSTAH**. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17674/000721343.pdf?sequence=1>. Acesso em: 07 mar. 2021.

DIA histórico na Arábia: país libera acesso de mulheres aos estádios de futebol. país libera acesso de mulheres aos estádios de futebol. 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/dia-historico-na-arabia-pais-libera-acesso-de-mulheres-aos-estadios-de-futebol.ghtml>. Acesso em: 04 mar. 2022.

DIAS, José Pablo. **Mexicana que denunciou abuso sexual no Qatar é condenada a 100 chicotadas e sete anos de prisão**. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/epoca/mexicana-que-denunciou-abuso-sexual-no-qatar-condenada-100-chicotadas-sete-anos-de-prisao-25402870>. Acesso em: 09 mar. 2022.

DUN, Susan. Role models in the media and women’s sport participation in Qatar. **NIDABA An interdisciplinary journal of Middle East studies**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 48–58, 2016.

DUPRÉ, Remi. 2019. Organizada por Le Monde. Disponível em: https://www.lemonde.fr/football/article/2018/11/02/football-leaks-le-psg-aurait-use-d-un-dopage-financier-avec-l-aide-de-l-uefa_5378262_1616938.html . Acesso em: 03 abr. 2022.

EXTERCKOETTER, Rodrigo Turazi. **O Futebol como Mecanismo de Identificação Nacional para Kosovo e Catalunha** [s. l.], p. 87. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/223133/TCC_Completo_\(2\)_assinado.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/223133/TCC_Completo_(2)_assinado.pdf?sequence=1). Acesso em: 20 out. 2021.

FERABOLLI, Silvia. **Arab Regionalism: A Post-Structural Perspective**. NY/London: Routledge, 2015. ISBN 978113878780.

FERABOLLI, Silvia; CLEMESHA, Arlene. Studying the middle east from Brazil : reflections on a different worldview. **Estudos internacionais**, [s. l.], v. v.8, n. n.4, p. 97–109, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/220320/001124751.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 out. 2021.

FIFA Council. 2022. Disponível em: <https://www.fifa.com/about-fifa/organisation/fifa-council> . Acesso em: 05 fev. 2022.

FINNEMORE, Martha. **National Interests in the International Society**. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1996.

FOER, Franklin. **How Soccer Explains the World**: an unlikely theory of globalization. Nova Iorque: Harpercollins, 2004.

GHANI, Faras. **How wage abuse is hurting Qatar's migrant workers**. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/features/2020/8/26/how-wage-abuse-is-hurting-qatars-migrant-workers> . Acesso em: 02 abr. 2022.

GIANNI Infantino: FIFA Arab Cup set to continue. 2021. Disponível em: <https://www.fifa.com/tournaments/mens/arabcup/arabcup2021/news/gianni-infantino-fifa-arab-cup-set-to-continue> . Acesso em: 03 fev. 2022.

GOLLEY, Nawar Al-Hassan. Is feminism relevant to Arab women?. **Third World Quarterly**, [s. l.], v. 25, n. 3, p. 521–536, 2004. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0143659042000191410>. Acesso em: 23 out. 2021.

HENRY, Ian P.; AMARA, Mahfoud; AL-TAUQI, Mansour. Sport, Arab Nationalism and the Pan-Arab Games. **International Review for the Sociology of Sport**, [s. l.], v. 38, n. 3, p. 295–310, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/10126902030383003>. Acesso em: 3 fev. 2022.

HOULIHAN, Barrie. **Sport and International Politics**. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1994.

IGLESIAS, Julián. Quem é Nasser Al-Khelaifi, dono do PSG, e qual sua fortuna? | **Goal.com**. 2021. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/quem-e-nasser-al-khelaifi-dono-do-psg-e-qual-sua-fortuna/74eqhxplt4em1b05zi2j55aja>. Acesso em: 24 out. 2021.

INTERNATIONAL Migrant Stock (% of the population). 2015. Desenvolvida por United Nations Population Division. Disponível em: https://data.worldbank.org/indicator/SM.POP.TOTL.ZS?end=2015&locations=QA-AE-BH-SA-KW-OM-JO-LB&most_recent_value_desc=true&start=1990&type=shaded&view=map . Acesso em: 01 abr. 2022.

KELSEY, Rick. Newcastle United takeover: What is PIF, the main owner of the club?. **BBC News**, 9 out. 2021. Newsbeat. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/newsbeat-58842557>. Acesso em: 31 out. 2021.

LAMAY, Craig L. The Business of Sports in the Gulf Cooperation Council States. Em: REICHE, Danyel T.; SOREK, Tamir (org.). **Sport, politics, and society in the Middle East**. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 107–122.

LAVIERI, Danilo. **Prazer, eu sou Qatar-2022**: Organização quer usar a Copa do Mundo para mudar a visão que você tem do mundo árabe. UOL Esporte. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/qatar-2022-o-mundo-arabe-quer-mudar-a-impresao-que-voce-tem-dele/>. Acesso em: 31 out. 2021.

LEAGUE of Arab States. 2022. Disponível em: <https://arab.org/directory/league-of-arab-states/>. Acesso em: 05 fev. 2022.

LEVERMORE, Roger; BUDD, Adrian. Sport and international relations: Continued neglect? **Sport and International Relations: An Emerging Relationship.** Nova Iorque: Routledge, 2004. p. 6 - 15.

MALAK, Hedaya. [S.l.]. 28 jul. 2021. Instagram: @hedayamalak. Disponível em: <https://www.instagram.com/hedayamalak/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MERNISSI, Fatima. **Women and Islam: an historical and theological enquiry.** 2. reprod. New Delhi: Kali for Women, 2002.

MOHANTY, Chandra Talpade. Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses. **boundary 2**, v. 12 n. 3, pp. 333-358, 1984.

MOROCCO, Qatar Agree to Normalize Relations. 2000. Disponível em: <https://www.albawaba.com/news/morocco-qatar-agree-normalize-relations> . Acesso em: 25 jan. 2022.

MURPHY, Emma. **Habib Bourguiba:** president of tunisia. president of Tunisia. 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Habib-Bourguiba>. Acesso em: 09 mar. 2022.

MOTAMEDI, Maziar. **Blame game after Iran women pepper-sprayed at World Cup qualifier.** Once again there appears to be no accountability after women were violently forced to stay out of a football stadium. 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/3/30/blame-game-after-iran-women-pepper-sprayed-at-world-cup-qualifier> . Acesso em: 17 abr. 2022.

NAZISMO. 2022. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/nazismo.htm> . Acesso em: 03 abr. 2022.

NGUYEN, Ngoc. **Kafala Labor System Reform and the 2022 World Cup.** 2021. Organizado por: Center for International and Regional Studies - Georgetown University Qatar. Disponível em: <https://cirs.qatar.georgetown.edu/kafala-labor-system-reform-and-the-2022-world-cup/> . Acesso em: 02 abr. 2022.

NYE, Joseph S. **Soft power: the means to success in world politics.** 1st eded. New York: Public Affairs, 2004.

OUR CLUBS. 2022. Disponível em: <https://www.cityfootballgroup.com/our-story/> . Acesso em: 03 abr. 2022.

OUR STORY. 2022. Disponível em: <https://www.cityfootballgroup.com/our-story/> . Acesso em: 03 abr. 2022.

PALESTINIAN campaign for the academic and cultural boycott of Israel (Suíça). FIFA Slammed by Human Rights Defenders for Failure to Expel Israeli Football Clubs Based in Illegal Settlements. 2017. Disponível em: <https://bdsmovement.net/news/fifa-slammed->

human-rights-defenders-failure-expel-israeli-football-clubs-based-illegal . Acesso em: 22 jan. 2022.

PROXY War. 2022. Disponível em:

<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/proxy-war> . Acesso em: 15 jan. 2022.

REICHE, Danyel. Investing in sporting success as a domestic and foreign policy tool: the case of Qatar. **International Journal of Sport Policy and Politics**, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 489–504, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19406940.2014.966135>. Acesso em: 24 out. 2021.

REICHE, Danyel T.; SOREK, Tamir. Introduction: From Sports in the Middle East to Middle Eastern Sports. In: **Sports, Politics and Society in the Middle East**. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 1–10.

REICHE, Danyel T.; SOREK, Tamir (org.). **Sport, politics, and society in the Middle East**. Oxford: Oxford University Press, 2019.

RYAN, Hannah. **Their club became the richest in the world. But these fans are worried at what it means for Newcastle's soul.** 2021. Disponível em:

<https://edition.cnn.com/2021/11/09/football/newcastle-united-fans-against-saudi-ownership-spt-intl-cmd/index.html> . Acesso em: 03 abr. 2022.

SANTOS, Thomaz Francisco Silveira De Araujo. “Esporte”. **XII Encontro Estudantil Regional de Relações Internacionais**. [Minicurso]. Universidade Federal de Santa Maria. 17 dez. 2021.

SECRETARIAT General of the Gulf Cooperation Council: The Cooperation Council for the Arab States of the Gulf. The Cooperation Council for the Arab States of the Gulf. 2022.

Disponível em: <https://www.gcc-sg.org/en-us/Pages/default.aspx>. Acesso em: 05 fev. 2022.

SENARATH, S. K. Indeesha Udani; LIYANAGE, T. P. Religious involvement in young Islamic women participation in physical education, sports, and physical activities. **Journal of Psychology Research**, [s. l.], v. 10, n. 8, p. 319–323, 2020. Disponível em:

<http://www.davidpublisher.org/index.php/Home/Article/index?id=44267.html>. Acesso em: 24 out. 2021.

SFEIR, Leila. The Status of Muslim Women in Sport: Conflict between Cultural Tradition and. *International Review for the Sociology of Sport*, [s. l.], v. 306, p. 24, 1985. Disponível em:

<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.968.6373&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 1 mar. 2022.

SIBAI, Sirin Adlbi. **La cárcel del feminismo:** Hacia un pensamiento islámico decolonial. Ediciones Akal, México, 2016.

SOUZA, Sophia Teixeira e; MOREIRA, Julia Bertino. O Feminismo Árabe-Muçulmano à Luz da Teoria Feminista das Relações Internacionais. **Conjuntura Austral**, [s. l.], v. 12, n. 59, p. 170–182, 2021. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/113864> . Acesso em: 14 set. 2021.

SUPPO, Hugo. Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais. **Contexto Internacional**, [s. l.], v. 34, n. 2, p. 397–433, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292012000200002&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 20 out. 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Editora UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SPORT for Development and Peace. 2022. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/dspd/sport-development-peace.html> Acesso em: 03 fev. 2022.

THE COOPERATION COUNCIL for the Arab States of the Gulf - Secretariat General. Some Achievements of Youth & Sports Bodies in the GCC Countries during the first decade of the International Youth Year, 1985 / 1995. 1995a. Disponível em: <https://www.gcc-sg.org/en-us/CognitiveSources/DigitalLibrary/Pages/AlphaCategorization.aspx> . Acesso em: 12 jan. 2022.

THE COOPERATION COUNCIL for the Arab States of the Gulf - Secretariat General. Youth Scientific Activities in GCC States on the Occasion of Youth Innovation Exhibition for GCC States, to be held in Paris, 1995b. Disponível em: <https://www.gcc-sg.org/en-us/CognitiveSources/DigitalLibrary/Pages/AlphaCategorization.aspx> . Acesso em: 12 jan. 2022.

THE TAKE: A new era for football's billionaires?. Entrevistado: James Montague. [S.l.]: Al Jazeera, 25 mar. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/podcasts/2022/3/25/a-new-era-for-footballs-billionaires> . Acesso em: 30 mar. 2022.

UNIÃO Soviética. 2022. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/urss.htm> . Acesso em: 03 abr. 2022

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. **Esporte, Poder e Relações Internacionais.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011. 267 p. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/534.pdf>

VIANA, Bruno Walber. **O Reflexo das Relações Internacionais no esporte.** 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VOSKOBOYNIK, Daniel. **Fossil fuels and football.** How can fans of the beautiful game help tackle climate change? 2017. Disponível em: <https://worldat1c.org/fossil-fuels-and-football-44cd6c216d3> . Acesso em: 03 abr. 2022.

WENDT, Alexander. **Social theory of international politics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WHAT HAPPENED at the 72nd FIFA Congress in Qatar? Human rights, the Russia-Ukraine war and biennial World Cup plans are some of the issues that surfaced in Doha.

2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/sports/2022/3/31/what-happened-at-the-72nd-fifa-congress-in-qatar> . Acesso em: 17 abr. 2022.

WHAT'S NEXT for Qatar after the World Cup draw? Qatar moves closer to hosting the tournament in November. 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/program/inside-story/2022/4/2/whats-next-for-qatar-after-the-world-cup-draw> . Acesso em: 17 abr, 2022.

YILDIZ, Murat C. Mapping the sports Nahda: towards a history of sports in the modern Middle East. In: **Sports, Politics and Society in the Middle East**. Oxford University Press, 2019. p. 11–40.

YOUNG, Henry. **Israeli judo star Tal Flicker wins gold in UAE;** officials refuse to play anthem. 2017. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2017/10/27/sport/judo-abu-dhabi-grand-slam-tal-flicker-israel-national-anthem-flag/index.html> . Acesso em: 16 jan. 2022.